



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA

Depoimentos de amor e moralidade:

Estudo sob a ótica de mulheres de duas gerações

Jussara Abilio Galvão

VITÓRIA

2017

JUSSARA ABILIO GALVÃO

Depoimentos de amor e moralidade:

Estudo sob a ótica de mulheres de duas gerações

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Heloisa Moulin de Alencar, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

VITÓRIA

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

G182d Galvão, Jussara Abilio, 1979-
Depoimentos de amor e moralidade : estudo sob a ótica de
mulheres de duas gerações / Jussara Abilio Galvão. – 2017.
149 f. : il.

Orientador: Heloisa Moulin de Alencar.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e
Naturais.

1. Ética. 2. Amor. 3. Mulheres. 4. Virtudes. 5. Moralidade. I.
Alencar, Heloisa Moulin de. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

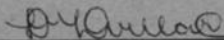
CDU: 159.9

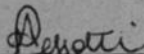


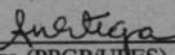
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

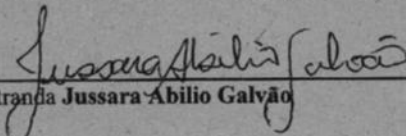
ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
EM PSICOLOGIA DA ALUNA JUSSARA ABILIO GALVÃO

Aos vinte e sete dias do mês de julho de dois mil e dezessete, às quatorze horas, na sala 101, do Ed. Prof. Lídio de Souza (PPGP/CCHN/UFES), campus de Goiabeiras, em Vitória (ES), reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos Professores Dr^a. Luziane Zacché Avellar (PPGP/UFES), Dr^a. Alice Melo Pessotti Ferrari (FVC - São Mateus-ES) e Dr. Antonio Carlos Ortega (PPGP/UFES) para a sessão pública da defesa de dissertação de Jussara Abilio Galvão, intitulada: "Depoimentos de amor e moralidade: estudo sob a ótica de mulheres de duas gerações", sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Heloisa Moulin de Alencar. Realizada a arguição, a defesa foi dada por encerrada às quinze horas dez minutos e os membros da Banca reunidos decidiram pela aprovação da Dissertação da aluna Jussara Abilio Galvão; por fim, a presidente da sessão alertou que a aluna somente terá direito ao título de Mestre após entrega da versão final de sua dissertação, em papel e meio digital, à Secretária do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Nada mais havendo a acrescentar, eu, Prof^a. Dr^a. Luziane Zacché Avellar, presidente da Comissão Examinadora, lavrei esta ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da Banca Examinadora e pela mestranda.


Prof^a. Dr^a. Luziane Zacché Avellar (Presidente - PPGP/UFES)


Prof^a. Dr^a. Alice Melo Pessotti Ferrari (FVC- São Mateus-ES)


Prof. Dr. Antonio Carlos Ortega (PPGP/UFES)


Mestranda Jussara Abilio Galvão

Confere com o original
Carmen Lucia Moscon
SUPE 1172861

Agradecimentos

A Deus, por ter me abençoado, dado sabedoria, saúde e inteligência durante esta bela trajetória de crescimento pessoal e profissional, que foi o meu mestrado.

Aos meus pais, Natalino Galvão e Maria da Penha Abilio Galvão, que sempre me incentivaram a estudar e me ensinaram a ser responsável e honesta em todos os âmbitos da minha vida.

À minha querida orientadora professora, Heloisa Moulin de Alencar, pela confiança em mim desde a iniciação científica e por sua paciência e disponibilidade em me orientar. A ela serei eternamente grata pela sua atenção e carinho e pela oportunidade em fazer parte do laboratório de Psicologia da Moralidade (LAPSIM).

A Ariadne Dettmann Alves e a Tais Peres Fonseca, que foram minhas companheiras nos projetos de iniciação científica, durante dois anos, sob a orientação da professora Heloisa Moulin de Alencar.

A Ariadne Dettmann Alves, pela paciência e pela dedicação com as quais me coorientou e pelo acolhimento em sua pesquisa de doutorado, na qual estava inserida parte das propostas de iniciação científica.

A Tais Peres Fonseca, pelas relações de cooperação que pude estabelecer com você, enquanto desenvolvíamos as nossas pesquisas.

Ariadne e Tais, sempre as terei em minha memória com muito amor e carinho, pois com vocês comecei a dar os primeiros passos como pesquisadora e iniciei os meus estudos sobre a moralidade humana.

A Leandra Lúcia Moraes Couto e a Tatiana Machado Moraes, com as quais muito aprendi durante o estágio de docência na graduação que realizamos em conjunto, sob a orientação da querida professora Heloisa.

Aos membros do Lapsim, pois estar com eles é sempre uma experiência agradável e repleta de aprendizado.

Aos professores Cláudia Broetto Rossetti e Antônio Carlos Ortega e à doutoranda Lorena Santos Ricardo, pelas contribuições em minha qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP), fonte de inspiração para a vida acadêmica.

Aos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP), pela boa vontade e pela educação com que sempre me atenderam, quando precisei esclarecer alguma dúvida ou realizar uma tarefa.

Aos meus queridos colegas da turma de mestrado 2015/2017. Foi um presente maravilhoso que a vida me deu, por ter tido a oportunidade de conhecê-los e de estudar com vocês.

Aos meus queridos amigos Charleni Andrade Lopes, Rosilene Costa, Karina Alves, Diana Jenier, Gelsa dos Santos Rosário, Marília Santos, Juliana Oliveira e Felix José Eduardo. Vocês são uma das razões que fazem a minha vida ter sentido.

Às mulheres que entrevistamos pela boa vontade, confiança e disponibilidade em colaborar com esta pesquisa.

À virtude do amor que nos guia a compreender o outro como fim em si mesmo.

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro.

Um muito-obrigada!

Sumário

1 Introdução geral.....	12
1.1 Moral e ética.....	17
1.2 Os relacionamentos amorosos e o amor.....	26
1.3 Objetivos.....	38
<i>Objetivo geral.....</i>	38
<i>Objetivos específicos.....</i>	39
1.4 Método.....	39
<i>Participantes.....</i>	39
<i>Instrumento.....</i>	41
<i>Procedimentos.....</i>	42
<i>Tratamento e análise dos dados.....</i>	43
2 Apresentação e discussão dos resultados.....	45
2.1 Artigo um: As mudanças nos relacionamentos amorosos nas últimas décadas, na percepção de mulheres de duas gerações.....	46
2.2 Artigo dois: O ponto de vista de jovens mulheres de duas gerações sobre a possibilidade de manter o amor na conjugalidade.....	75
2.3 Artigo três: Perspectivas Futuras sobre os Relacionamentos Amorosos de Mulheres de duas Diferentes Gerações.....	99
3 Considerações finais.....	125
4 Referências.....	137
Apêndices	
A. Termo de consentimento livre e esclarecido.....	145
B. Parecer substanciado do CEP.....	147

Lista de figuras

FIGURAS

Figura 1 Instrumento elaborado com base na entrevista semiestruturada utilizada por Alencar (1993).....	42
--	----

Lista de tabelas

TABELAS

Artigo um: As mudanças nos relacionamentos amorosos nas últimas décadas, na percepção de mulheres de duas gerações.

Tabela 1 Mudanças nos relacionamentos amorosos dos casais de modo geral da geração passada para os dias atuais.....57

Tabela 2 Justificativas para as referidas mudanças nos relacionamentos amorosos dos casais em geral, da geração anterior para os dias atuais.....66

Artigo dois: O ponto de vista de jovens mulheres de duas gerações sobre a possibilidade de manter o amor na conjugalidade.

Tabela 3 Justificativas para a possibilidade ou não de os casais de modo geral manterem o amor no convívio diário.....85

Artigo três: Perspectivas Futuras sobre os Relacionamentos Amorosos de Mulheres de duas Diferentes Gerações.

Tabela 4 Perspectivas futuras para os relacionamentos amorosos apresentadas pelas mulheres das duas diferentes gerações.....124

Galvão, J. A. (2017). *Depoimentos de amor e moralidade: Estudo sob a ótica de mulheres de duas gerações*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil. 149 p.

Resumo

Em uma perspectiva moral e ética, comparamos as concepções de mulheres entrevistadas, no passado, com as de mulheres entrevistadas, na atualidade, sobre as mudanças nos relacionamentos amorosos de casais em geral nas últimas décadas e as expectativas atuais e futuras dos referidos relacionamentos. Foram entrevistadas 15 mulheres no passado (Alencar, 1993) e 15 mulheres na atualidade, em 2013, entre 20 e 30 anos, que viviam em conjugalidade com homens, sem filhos, de classe média. Utilizamos um roteiro de entrevista semiestruturado. Priorizamos a análise qualitativa dos dados (Delval, 2002). Constatamos que todas as entrevistadas expressaram que houve mudanças nos relacionamentos amorosos, dos casais em geral, de uma geração para a outra, e ressaltaram que no futuro haverá uma diversidade de formas de relação amorosa. Verificamos ainda que a maioria das participantes declarou a possibilidade de os casais em geral manterem o amor no cotidiano. Considerando as repostas e os argumentos mais recorrentes, as mulheres entrevistadas, em 2013, destacaram a liberdade feminina nos relacionamentos atuais e como justificativa sublinharam a conexão da mulher com a sociedade, mencionaram a religiosidade como argumento para a possibilidade de o amor permanecer na conjugalidade e expuseram que, no futuro, haverá a persistência no casamento. Por sua vez, as participantes do passado enfatizaram a mudança nos papéis no mercado de trabalho, na geração mais jovem, mencionaram como argumento a conexão de pessoas/grupos, destacaram a experiência como motivo para a possibilidade ou não de o amor perdurar no cotidiano e ressaltaram que futuramente haverá mais liberdade nas relações amorosas. Sublinhamos que este estudo contribui para as pesquisas sobre os

relacionamentos amorosos e o amor, para fundamentar propostas de intervenção em educação em valores morais e fornece subsídios teóricos para profissionais que trabalham com tema em questão.

***Palavras-chave:** moral, ética, relacionamento amoroso, amor, mulheres.*

Galvão, J. A. (2017). *Testimonies of love and morality: Study from the perspective of women from two generations*. (Master's Dissertation). Program of Graduate Studies in Psychology, Center for Humanities and Natural Sciences, Federal University of Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil. 149 p.

Abstract

In a moral and ethical perspective, we compared conceptions of women interviewed in the past with those of women interviewed nowadays about the changes in the love relationships of couples, in general, in the last decades and the current and future expectations of said relationships. Fifteen women in the past (Alencar, 1993) and 15 women in 2013, who were living in conjugality with men, without children, between 20 and 30 years old and in the middle class, were interviewed. We used a semi-structured interview script. We prioritized qualitative data analysis (Delval, 2002). We found that all respondents stated that there were changes in love relationships from couples in general, from one generation to the other, and they emphasized that, in the future, there will be a diversity of loving relationship forms. We also verified that the majority of the participants stated the possibility of the couples in general to maintain love in daily life. Considering the answers and the most recurrent arguments, the women interviewed in 2013 highlighted women's freedom in current relationships and, as a justification, emphasized women's connection with society, they mentioned religiosity as an argument for the possibility of love remaining in conjugality and stated that in the future there will be persistence in marriage. In turn, past participants emphasized the shift in roles in the labor market in the younger generation, and as an argument, they mentioned the connection of people/groups, they highlighted experience as a reason for the possibility or not of love enduring in daily life and they stressed that, in the future, there will be more freedom in love relationships. We highlight that this study

contributes to research on love relationships and love, to support intervention proposals in education on moral values and that it provides theoretical reference for practitioners working with the subject in question.

Keywords: *moral, ethics, love relationship, love, women.*

1 Introdução geral

O interesse por esta pesquisa de mestrado foi construído durante o período de iniciação científica (2012 a 2014), em que desenvolvemos, no mesmo período, dois subprojetos. O primeiro, intitulado “*Moralidade e Amor: Um Estudo com Adolescentes*”, que gerou o artigo “*Estudo Exploratório acerca da Concepção do Amor e Possibilidade de Amar para Adolescentes*” (Alves, Alencar, Ortega, Galvão & Fonseca, 2015a).

Por sua vez, o outro subprojeto denominado “*Moralidade e Amor: Depoimentos sob a Ótica de Jovens Adultas*” buscou replicar a pesquisa de mestrado de Alencar (1993), o que nos permitiu a publicação do artigo “*Concepção de Amor e Moralidade: Estudo sob a Ótica de Jovens Adultas*” (Alves, Alencar, Ortega, Galvão & Fonseca, 2015b).

Contudo, no segundo subprojeto, levantamos uma quantidade de dados que não nos foi possível analisar durante os dois anos de iniciação científica. Então, nesta dissertação de mestrado, optamos por retomar esses dados e propor como objetivo comparar as concepções de mulheres entrevistadas no passado (Alencar, 1993) com as de mulheres entrevistadas na atualidade, em 2013, entre 20 e 30 anos, que viviam em conjugalidade com homens, sem filhos, na classe média, sobre as possíveis mudanças nos relacionamentos amorosos dos casais, em geral, entre a geração anterior e a atual, bem como as perspectivas atuais e futuras dos referidos relacionamentos, na ótica da moral e da ética. Desse modo, apresentaremos os motivos pelos quais consideramos relevante prosseguir com as nossas investigações sobre o tema em questão.

Por conseguinte, Bauman (2004) argumentou que as relações amorosas estão sendo caracterizadas pela fragilidade dos vínculos, já que elas podem ser comparadas a quaisquer outros investimentos financeiros nos quais entramos com dinheiro, tempo e esforços, que poderíamos utilizar para outra finalidade, esperando lucrar. Assim sendo, os compromissos,

especialmente os de longo prazo, são irrelevantes, pois, igualmente às ações de um banco, os relacionamentos amorosos oscilam em momentos de alta e baixa e, ao comprometer-se em uma relação de longo prazo, a pessoa pode trancar as portas para outras possibilidades amorosas mais rentáveis e satisfatórias.

A ausência de compromisso nas relações amorosas foi verificada no trabalho de Chaves (2010), do qual participaram 12 indivíduos, entre 18 e 25 anos, de ambos os sexos, da classe média; na pesquisa de Smeha e Oliveira (2013), realizada com oito sujeitos, de 18 a 23 anos, de ambos os sexos; e, no estudo de Galvão, Alencar e Rossetti (2016), em que as autoras entrevistaram duas mulheres casadas, de 48 e 52 anos, pertencentes à classe média.

Na investigação de Smeha e Oliveira (2013), os jovens ainda mencionaram que os relacionamentos amorosos atuais se definem pela individualidade, superficialidade, descartabilidade, busca do prazer, efemeridade e transitoriedade. As autoras concluíram que os entrevistados tendem a investir pouco em seus relacionamentos e buscam uma pessoa para um relacionamento que corresponda totalmente às suas expectativas de prazer e de felicidade. Desse ponto de vista, as relações amorosas parecem estar sustentadas na garantia dos próprios interesses em detrimento dos alheios.

Por sua vez, Chaves (2016), ao entrevistar 12 pessoas de 18 a 25 anos, de ambos os sexos, pertencentes à classe média, constatou que os jovens preferem buscar por relações amorosas mais superficiais, pontuais, efêmeras e hedonistas. Ademais, a autora verificou que o outro, nos relacionamentos amorosos, está sendo visto como um meio para alcançar a autossatisfação e a autorrealização e como um estorvo que pode limitar a liberdade individual. Assim sendo, outrem deve ser facilmente descartado e esquecido enquanto pessoa, já que o mais relevante é a satisfação do prazer pessoal.

Sobre as expectativas futuras das relações amorosas, no estudo de Galvão et al. (2016), as mulheres expuseram que, no futuro, os relacionamentos amorosos serão denotados pela

fragilidade dos vínculos, isto é, serão pautados em interesses financeiros, na busca pelo sexo e pelo prazer e no individualismo. Este também foi proferido pelos jovens, na pesquisa de Smeha e Oliveira (2013), como perspectiva para o futuro dos enlaces amorosos.

Além disso, destacamos que as características das relações amorosas sublinhados por Bauman (2004) e as verificadas nos estudos de Chaves (2010; 2016), Smeha e Oliveira (2013) e no de Galvão et al. (2016) vão de encontro ao plano ético, proposto por La Taille (2006). Destarte, segundo o autor, o plano ético responde à pergunta “que vida eu quero viver” (p. 36), direcionando o homem a buscar por uma “vida boa” (p. 36) que “vale a pena ser vivida” (p. 30). Mas, para que essa vida boa que faça sentido seja chamada de ética, ela deve envolver tanto outrem como pessoa digna de respeito e de consideração quanto a vida por inteiro, e não somente momentos de prazer e de alegria.

La Taille (2000; 2001) ainda realizou estudos sobre as virtudes e ponderou que todas as virtudes que estimam outrem em sua singularidade são consideradas morais e merecedoras de investigação por parte do psicólogo. Ademais, La Taille (2009) alegou que as virtudes são qualidades pessoais, possíveis de ser atingidas por qualquer sujeito, desde que esforços sejam realizados com vistas à superação de inclinações antissociais e paralisantes, por exemplo: Vencer o medo que pode paralisar a pessoa e, assim, comprometer a prática da virtude coragem.

Por sua vez, Comte-Sponville (1999) explicou que o homem não nasce virtuoso, mas se constitui por meio da educação, da polidez, de exemplos e do amor. Também, segundo Piaget (1932/1994), o amor relaciona-se com o desenvolvimento do juízo moral. O autor explanou que, no estágio da heteronomia moral, por volta dos seis anos, a criança obedece às regras devido ao respeito unilateral à autoridade adulta, o qual “consiste numa combinação *sui generis* de medo e amor” (p. 261). Ao redor dos nove anos, das relações de cooperação entre os iguais e do respeito mútuo, desenvolve-se a autonomia moral em que as formas mais

sofisticadas de justiça, como a justiça equitativa, se igualam ao “amor propriamente dito” (p. 242).

Dessa maneira, pautados em Piaget (1932/1994), sublinhamos que o amor, além de sua relevância para entrada no universo moral, se transforma ao longo do desenvolvimento moral, o qual tende para a autonomia. Tal fato colaborou para que neste estudo tenhamos optado por investigar a virtude do amor.

Deste modo, em nossa revisão de literatura realizada nas bases de dados Scientific electronic library online (SciELO), Índice de literatura científica e técnica da América Latina e Caribe (Lilacs) e Periódicos eletrônicos de Psicologia (Pepsic), com as palavras-chave *amor*, *relacionamento amoroso*, *relação amorosa*, *conjugalidade* e *casamento*, entre 2000 e 2016, encontramos 486 publicações nas seguintes áreas: Psicologia (266), Psicanálise (116), Ciências sociais (21), Filosofia (14), Medicina (14), Saúde coletiva (13), Enfermagem (12), Antropologia (11), Educação (6), História (5), Literatura (4), Comunicação social (2), Nutrição (1) e Artes (1). Ressaltamos que, dentre as 266 publicações em Psicologia, 179 dos estudos não se referiram a um âmbito específico na Psicologia e os demais correspondiam à Avaliação psicológica (35), Psicologia junguiana (22), Psicologia clínica (12), Psicologia social (7), Psicodrama (4), Psicologia positiva (2), Psicologia do desenvolvimento (2), Neuropsicologia (2) e Gestalt (1).

Convém destacar que, entre as 266 publicações em Psicologia, somente os estudos realizados por Alves, Alencar e Ortega (2012; 2014), na Psicologia do desenvolvimento, versaram sobre a virtude do amor na perspectiva moral e ética (La Taille, 2006), conforme adotamos nesta dissertação. De tal forma, a carência de trabalhos que investigaram o tema em questão consistiu em mais um dos motivos para concretizarmos esta pesquisa.

Além do mais, com este trabalho pretendemos contribuir para as pesquisas sobre os relacionamentos amorosos e/ou o amor e relação destes com a moral e a ética; levantar

subsídios teóricos que auxiliem a prática de psicólogos clínicos, bem como os trabalhos de psicólogos e de profissionais da educação, que almejem elaborar e realizar projetos de intervenção de educação em valores morais, com o objetivo de desenvolver a virtude do amor com pessoas de todas as idades e classes sociais, podendo ocorrer em comunidades, grupos terapêuticos e em escolas, dentre outros.

Sendo assim, terminadas as nossas justificativas para a relevância de termos desenvolvido esta pesquisa de mestrado, passaremos a expor os subcapítulos que compõem esta introdução geral. Dessa maneira, no subcapítulo um, Moral e ética, discorreremos principalmente sobre as transformações ocorridas na moral (Lipovetsky, 2005; Costa, 2004) e na cultura (Llosa, 2013; La Taille, 2009; Bauman, 1998; Cortella & La Taille, 2005). Destacaremos as definições dos planos moral e ético (La Taille, 2006), o desenvolvimento do juízo moral (Piaget, 1932/1994; Gilligan, 1982) e estudos acerca de projetos de vida na perspectiva moral e ética (Madeira & La Taille, 2004; Andrade, 2012; Andrade & Alencar, 2015; Miranda, 2007; 2016; D'Aurea-Tardeli, 2008).

No subcapítulo dois, Os relacionamentos amorosos e o amor, sublinharemos, além dos importantes assuntos para o nosso trabalho, a inserção do amor nos casamentos (Ferry, 2013; Marimón & Vilarrasa, 2014), as mudanças nos papéis dos homens e das mulheres nas relações amorosas, de meados do século passado até os dias atuais (Del Priore, 2012; 2014), a emergência de novos modelos de relacionamento amoroso (Giddens, 1993; Bauman, 2004; Duarte & Rocha-Coutinho, 2011; Amorim & Stengel, 2014) e as definições de amor apresentadas por Comte-Sponville (1999; 2011).

Sobre o subcapítulo três, apresentaremos o objetivo geral e os objetivos específicos que orientaram esta pesquisa e, no subcapítulo quatro, exporemos o método que empregamos com vistas a alcançar os nossos objetivos.

1.1 Moral e ética

No entender de Lipovetsky (2005), até por volta do século XVII, no Ocidente, os preceitos morais pautavam-se no teocentrismo, isto é, eram as adorações e as obrigações para com Deus que regiam a vida política e social. Ao redor do século XVIII, essa moral teocêntrica perdeu espaço para a moral baseada no culto dos deveres para consigo mesmo, com outrem e com a sociedade. Nesse contexto, ainda houve a exaltação do ideal de renúncia e de sacrifício de si como pré-requisito para as práticas virtuosas.

Tal fato, segundo Lipovetsky (2005), por volta dos anos de 1950, deixa de ser legitimado, pois entramos em uma era pós-moralista caracterizada pela busca da felicidade e da realização pessoal e pelo reconhecimento dos direitos subjetivos individuais. Essa mudança teve em seu cerne o consumismo que, por meio da publicidade, colaborou com a demanda pelos prazeres que se tornaram valorizados, incentivados e exonerados de culpa.

Por sua vez, Llosa (2013) explanou que a publicidade participa da constituição da vida cultural e influencia decisivamente nos gostos, nos costumes, na sensibilidade e na imaginação dos indivíduos. Costa (2004) destacou que a mídia pode contribuir para o enfraquecimento da família e da religião como fontes de inspiração moral e de sentido da vida, pois, na “moral do espetáculo” (termo empregado pelo autor para definir a atualidade), os ideais de felicidade sensorial e da vida como entretenimento são assimilados de forma passiva pelos indivíduos, por meio da mídia, sem que haja uma análise crítica do que está sendo apresentado.

Dessa maneira, segundo Costa (2004), a diversão passa a envolver completamente a vida social das pessoas que se desobrigam em refletir, de modo ético, sobre as coisas que ocorrem na vida e na sociedade. Ademais, Llosa (2013) frisou que a melhor forma que descreve o contexto social é o espetáculo, já que o entretenimento se encontra em primeiro lugar na

escala de valores vigentes. Assim sendo, o divertir-se, o fugir do tédio, tornaram-se a paixão universalmente legítima.

Por outro lado, Llosa (2013) ponderou que a religiosidade ainda é relevante para a maioria das pessoas, pois apenas a segurança disseminada por meio da fé pode livrar o homem da aflição, do temor e da finitude da vida. Também Cortella e La Taille (2005) sublinharam o reaparecimento “das estruturas religiosas” (p. 23), já que, em nenhum outro período sócio-histórico, tantas formas de religiosidade puderam ser encontradas na sociedade. Para Cortella e La Taille (2005), esse fenômeno pode estar relacionado com a volta da busca por sentido, pois as religiões oferecem uma ética, isto é, um sentido para a vida.

Além disso, o tema do sentido da vida foi discutido por La Taille (2009) em sua obra *“Formação Ética: Do Tédio ao Respeito de Si”*, na qual ele argumentou que vivemos em uma “cultura do tédio” e em uma “cultura da vaidade”. A cultura do tédio define-se pela perda de sentido da vida, pois o presente emerge como um fragmento de tempo e de espaço, desvinculado das tradições do passado e das expectativas em relação ao futuro. Dessa forma, o autor explicou que o homem atual vive em um “eterno presente” que, além de ter deixado de ser um elo entre o passado e o futuro, carece de solidez em virtude da estonteante velocidade em que as coisas se sucedem. Por sua vez, Costa (2004) destacou que as autoridades, por exemplo, historiadores e cientistas, estão sendo substituídas como vozes competentes para discutir sobre vários aspectos da vida, pelas celebridades provisórias. Estas são as que conseguem reunir a moda e a tecnologia em favor da “moral do entretenimento”, enaltecendo o momentâneo e desaparecendo rapidamente com ele.

Desse modo, todas as coisas passam a ser aceitas e dispensadas instantaneamente (La Taille, 2009; Costa, 2004), ou seja, nada é garantido, seguro e/ou duradouro, já que as carreiras profissionais sedutoras, *status* e a autoestima podem variar da noite para o dia, sem que percebamos tais mudanças (Bauman, 1998). Nesse contexto, o sujeito pode perder as

balizas para a construção da identidade (La Taille, 2009), que, conforme ressalta Bauman (1998), tenderá a ser vacilante, apresentando “uma série de ‘novos recomeços’ ” (p. 36).

Em suma, a ausência das tradições do passado, de expectativas futuras e de valores estáveis, além de prejudicar a construção da identidade, contribui para a perda do sentido da vida, característica da cultura do tédio (La Taille, 2009). Por seu turno, na cultura da vaidade presenciamos a proliferação das regras de conduta devido à desconfiança de que as pessoas não se comportarão para com outrem e com a sociedade, pautadas em princípios morais como a justiça, o amor, o respeito e a honestidade. Como exemplo dessa ausência de confiança, ressaltamos as inúmeras formas de controle e de vigilância empregadas atualmente, isto é, os radares nas estradas e as câmeras de vídeo monitoramento instaladas nos mais variados locais públicos e privados.

Dessa maneira, La Taille (2009) explicou que os princípios que dão origem às regras ficam encobertos por essa “selva legislativa” (p. 194) e ignorados pelos sujeitos que indagam o que podem fazer e não o porquê das coisas. Assim sendo, em um contexto em que somente a regra ganha expressão, promove-se o “crepúsculo do dever” para com outrem, pois o outro como pessoa digna de consideração, de respeito e de atenção as suas necessidades torna-se invisível. E um dos efeitos dessa invisibilidade pode ser a violência, já que, por meio da ação violenta, o sujeito pode ganhar saliência aos olhos da sociedade. Ademais, Cortella e La Taille (2005) expuseram que a ética é influenciada por um individualismo acentuado em que outrem não comparece e que as relações interpessoais estão, cada vez mais, definidas pela insensibilidade e pela violência.

Também La Taille (2006) definiu os planos moral e ético. Assim, o plano moral refere-se ao âmbito dos deveres e o seu conteúdo pode variar tanto de um contexto social para outro quanto de um indivíduo para outro. Mas, para nos referirmos a um plano moral, é necessário identificarmos o que há de comum em todas as manifestações morais. Tal elemento consiste

no “sentimento de obrigatoriedade” e, assim, se agirmos por dever, cientes de que estamos fazendo o bem, é em virtude da crença na existência desse sentimento de obrigatoriedade, isto é, de “um plano moral psicológico” (p. 31).

Por sua vez, o plano ético, segundo La Taille (2006), relaciona-se com a busca por uma vida boa e feliz para si e para outrem. O seu invariante psicológico, o que há de comum em todas as opções para viver uma vida boa, consiste na “expansão de si próprio”, ou seja, ver a si mesmo como um sujeito de valor, apto para assim se afirmar e identificar as possibilidades de desenvolver-se, de superar-se. Contudo, para que a realização da expansão de si ocorra, é preciso haver uma experiência subjetiva de estar vivendo uma vida boa; seguir o fluxo da vida, isto é, contemplar a vida por inteiro - passado, presente e expectativas futuras -, e não instantes de prazer e de alegria; além disso, a expansão de si deve articular-se com o sentido da vida.

Por fim, La Taille (2006) explicou que o plano ético abrange o plano moral, pois, para entendermos as condutas morais dos sujeitos, faz-se necessário conhecer o ponto de vista ético que eles elegem. Ademais, o autor explicou que essa relação entre os dois planos ocorre por meio da articulação da expansão de si e com o sentimento de obrigatoriedade, uma vez que um indivíduo apenas se sente na obrigação de agir conforme certos deveres morais, se ele os concebe como expressão do valor conferido a si mesmo.

Porém, bem antes de La Taille (2006) conceituar o plano moral e o plano ético, o desenvolvimento do juízo moral foi pesquisado por Piaget (1932/1994). Assim sendo, este último autor constatou duas tendências no desenvolvimento do juízo moral, a saber: A heteronomia moral e a autonomia moral. De tal modo, por volta dos seis anos de idade, em virtude das relações de coação e do respeito unilateral à autoridade adulta, desenvolve-se a heteronomia moral. Neste estágio, as regras são exteriores à consciência, estabelecidas por meio da coação adulta, compreendidas como imutáveis e sagradas. Dessa forma, qualquer

tentativa em modificá-las, mesmo havendo consenso entre as crianças, é visto como transgressão.

Segundo Piaget (1932/1994), ao redor dos nove anos de idade, a autonomia moral constitui-se das relações de cooperação e do respeito mútuo. A partir de então, as regras são interiorizadas na consciência, compreendidas como originadas dos acordos mútuos e da reciprocidade e modificáveis, desde que haja consenso. Além disso, na moral da autonomia, a cooperação impele a criança a se ocupar continuamente da perspectiva do outro para compará-la com a sua, o que leva à “primazia da intencionalidade” (p. 150). Dessa maneira, ao avaliar a ação de outrem, o infante considera a intencionalidade dos atos, e não os danos materiais. Por exemplo, se contarmos a uma criança, que apresenta uma tendência para a autonomia moral, que um (a) menino (a) quebrou uma xícara da sua mãe por querer e que outro (a) menino (a) quebrou dez xícaras acidentalmente e perguntarmos a ela qual dos dois, menino ou menina, é mais culpado, essa criança provavelmente responderá que o mais culpado foi quem quebrou apenas uma xícara, já que esse (a) menino (a) quis quebrar a xícara da mãe.

Convém ressaltar que Piaget (1932/1994), ao pesquisar o desenvolvimento do juízo moral, enfatizou a justiça, entrevistando especialmente sujeitos do sexo masculino. Ademais, o autor alegou que “as meninas têm o espírito jurídico muito menos desenvolvido que os meninos” (p. 69). De tal modo, Gilligan (1982) argumentou que Piaget (1932/1994) pautou o desenvolvimento do juízo moral da criança no sujeito do sexo masculino, não considerando as vozes femininas. A autora pesquisou o tema em questão e constatou que os homens e as mulheres compreendem a moral de modo diferente. Assim sendo, ela explicou que os homens expressam um juízo moral voltado para a ética da justiça, ou seja, da compreensão dos direitos individuais e das regras. Para eles, a questão moral emerge de direitos conflitantes e exige, para seu desfecho, um modo de raciocínio abstrato e formal.

Sobre as mulheres, Gilligan (1982) salientou que elas apresentam um juízo moral pautado na “ética do cuidado”, que visa tanto atender às necessidades e ao bem-estar alheio quanto compreender as obrigações e as responsabilidades para com todos os envolvidos em uma situação. Dessa maneira, as mulheres tendem a se conceituar e a se ajuizar em um ambiente de relacionamentos em que exercem a função de cuidadora e de companheira, isto é, daquela que constrói as relações, visando à conservação dos laços entre as pessoas. Para elas, o problema moral nasce do conflito entre distintas responsabilidades, exigindo, para a sua solução, uma forma de raciocínio contextual e narrativa.

Convém destacar que a relevância dos autores, La Taille (2006), Piaget (1932/1994) e Gilligan (1982), nesta dissertação de mestrado, consiste no fato de que, nas três perspectivas, a relação entre o eu e o outro é fundamental. No entender de Piaget (1932/1994) o desenvolvimento da autonomia moral requer a reciprocidade e a cooperação entre os sujeitos; e, no plano ético (La Taille, 2006) e na ética do cuidado (Gilligan, 1982) todos devem ser contemplados em um projeto de vida boa, feliz e plena. Sendo assim, acentuamos a conexão da Psicologia da moralidade com o tema dos relacionamentos amorosos, pois estes implicam a interação entre duas pessoas que podem ou não desejarem construir um projeto de vida ético em comum, em que as virtudes morais como o amor, o humor, a tolerância, o respeito, a fidelidade, a justiça, entre outras, estejam presentes.

De tal forma, salientamos que La Taille (2000; 2001) defendeu a importância de pesquisarmos não somente o lugar em que a justiça ocupa no universo moral das pessoas, mas o de todas as virtudes. Para tanto, o autor enfatizou a universalidade do tema, já que as virtudes são valorizadas nos mais variados contextos culturais; destacou que as virtudes nos permitem realizar uma apreciação ética da nossa personalidade; e ponderou que as virtudes morais consideram outrem em sua singularidade, indo ao encontro da construção de projetos de vida éticos.

Em resumo, frisamos a relevância de outrem no desenvolvimento do juízo moral (Piaget, 1932/1994), na ética do cuidado que visa contemplar todos os envolvidos na ocasião (Gilligan, 1982) e na construção de um projeto de vida ético (La Taille, 2006). Assim sendo, vale sublinhar estudos no âmbito da Psicologia da moralidade que investigaram o tema dos projetos de vida e analisaram o modo em que o eu, o outro e/ou a sociedade ocuparam nos referidos projetos.

À vista disso, Madeira e La Taille (2004) investigaram a relação entre a eleição de projetos de vida e a legitimação de atos violentos. Participaram da pesquisa 131 estudantes do ensino médio de uma escola pública, de 15 a 19 anos, de ambos os sexos. Os autores constataram que 63% dos entrevistados não inseriram o outro em seus projetos de vida, pois mencionaram perspectivas de vida autocentradas no intuito de satisfazer as necessidades e os interesses pessoais, na maioria das vezes, pautados em bens materiais, como casa, carro e dinheiro. Por outro lado, 37% dos participantes apresentaram projetos de vida conectados, isto é, planos de vida nos quais outrem, especialmente amigos e familiares, são contemplados na expectativa de felicidade pessoal.

Vale destacar que as concepções de projetos de vida conectados, desconectados e autocentrados foram ampliadas em estudos posteriores ao de Madeira e La Taille (2004). Assim sendo, Miranda (2007) entrevistou 24 sujeitos de 15 a 20 anos, de ambos os sexos. A autora verificou que os participantes, ao elencarem os seus projetos de vida, atribuíram maior importância aos bens materiais, moradia, carro e dinheiro (n=35; 63%) e, em seguida, expuseram os relacionamentos afetivos, com ênfase na constituição familiar (n=19; 21,84%), na atividade profissional (n=16; 18,4%) e na formação acadêmica (n=9; 10,35%).

Segundo Miranda (2007), os adolescentes, ao justificarem a escolha por projetos de vida pautados nos relacionamentos afetivos e na atividade profissional, aludiram preferencialmente a argumentos conectados, ou seja, nos quais outrem, instituições ou grupos foram

considerados como protagonistas. De outro modo, para explicarem a eleição pelos bens materiais e pela formação acadêmica, eles priorizaram esclarecimentos desconectados em que o outro não era inserido ou era vinculado de forma instrumentalizada com vistas a alcançar os referidos projetos de vida.

Além do mais, D'Aurea-Tardeli (2008), em um estudo do qual participaram 396 sujeitos de 16 a 18 anos, de ambos os sexos, averiguou que 82,32% dos adolescentes expuseram projetos de vida conectados, dos quais 67,52% se referiram à conexão com a família, amigos e companheiro (a) e 23,9% com a sociedade em geral, por exemplo, ser útil à comunidade, participar de causas sociais e de atividades voluntárias, buscar a justiça e ajudar o outro que precisa. Contudo, 17,68% dos sujeitos não mencionaram outrem em seus planos, pois enfatizaram a realização financeira, o curtir a vida e ser bem-sucedido, o que expressou a busca pela glória pessoal.

Por sua vez, Andrade (2012) entrevistou 16 pessoas surdas, de 20 a 30 anos, de ambos os sexos. Os participantes priorizaram, como planos de vida, a atividade profissional (n=29; 29%), a formação acadêmica (n=26; 26%), o relacionamento afetivo (n=20; 20%), e os bens materiais (n=11; 11%). Ao esclarecerem as suas opções, eles sublinharam argumentos autocentrados em reconhecimento de si como sujeito possuidor de características positivas (n=95; 32,6%); autocentrados hedonistas, enfatizando a satisfação e o benefício próprio (n=62; 21,3%); conectados com a comunidade surda, visando à melhoria de vida dos surdos (n=64; 22%); conectados com a sociedade, referindo-se às relações em que os surdos e os ouvintes são beneficiados (n=32; 11%); conectados com pessoas próximas, familiares (n=24; 8,2%); e desconectados de pessoas próximas, isto é, mencionando os relacionamentos nos quais outrem é considerado como meio para alcançar um objetivo (n=9; 9,31%).

Andrade e Alencar (2015) ainda pesquisaram as escolhas acadêmicas e profissionais dos 16 indivíduos surdos. As autoras verificaram que sete dos entrevistados almejavam cursar

uma segunda graduação (linguística e letras e ciências humanas) e como justificativas eles mencionaram especialmente argumentos autocentrados, referindo-se a si próprios como sujeitos capazes de contribuir com mundo (n=6) e conectados com a comunidade surda, ou seja, o interesse de tornarem-se professores para ensinar português e libras às crianças e aos jovens surdos (n=5).

Sobre as escolhas profissionais, Andrade e Alencar (2015) constataram que nove sujeitos eram instrutores de libras, três professores de libras e um digitador. Os participantes explicaram as suas opções sublinhando esclarecimentos conectados com a comunidade surda, visando preferencialmente ao ensino de crianças surdas e à formação de professores para trabalhar na educação inclusiva (n=10), e autocentrados, reconhecendo a si próprios como portadores de certos aspectos e habilidades que lhes permitem agir no mundo (n=10).

Ademais, Miranda (2016) investigou os projetos de vida de 30 idosos de 60 a 74 anos, de ambos os sexos. Os idosos frisaram, sobretudo, que almejam acompanhar o desenvolvimento dos descendentes (n=5) e manter ou retomar o convívio com os familiares (n=4). Eles justificaram essas escolhas expondo preferencialmente explicações autocentradas com reconhecimento de si como pessoa capaz de atuar no mundo (n=6).

Por fim, as concepções de conexão e de desconexão também foram consideradas por Alves, Alencar, Ortega, Galvão e Fonseca (2015b), ao investigarem o conceito de amor de 17 mulheres casadas, de 20 a 30 anos, em uma perspectiva moral e ética. Os autores verificaram que as entrevistadas explicaram as suas respostas mencionando especialmente argumentos conectados com outras pessoas. Assim sendo, elas expuseram a conexão com uma pessoa, referindo-se à pessoa amada e a outrem inespecífico (35,96%), a conexão com um grupo/pessoas próximo que envolveu principalmente a influência de familiares e das relações interpessoais na construção do conceito de amor que elas possuem (24,72%). As participantes ainda sublinharam a conexão com Deus (6,74%) e a conexão com a sociedade (3,37%); a

desconexão na sociedade, em alusão às relações amorosas que visam ao status (3,37%); e a desconexão de si em favor do outro, ou seja, a capacidade de dar a vida, de renunciar e de abdicar de si mesma preferencialmente em prol dos familiares (11,24%).

Assim sendo, finalizamos este subcapítulo em que apresentamos estudos pertinentes à moral e à ética. No subcapítulo seguinte, tecemos as nossas considerações sobre os relacionamentos amorosos e o amor.

1.2 Os relacionamentos amorosos e o amor

Conforme Marimón e Vilarrasa (2014) e Ferry (2013), na sociedade feudal, os casamentos resultavam de um acordo entre os familiares dos noivos e tinham como principais objetivos a manutenção dos bens materiais da família (Marimón & Vilarrasa, 2014; Ferry, 2013), a transmissão do nome paterno para o primogênito e uma numerosa prole, com vistas a trabalhar nas fazendas feudais, em virtude da ausência do trabalho assalariado (Ferry, 2013). De tal modo, o amor entre o casal não era considerado necessário para a realização do matrimônio (Marimón & Vilarrasa, 2014; Ferry, 2013) e a ausência dele, na conjugalidade, era legítima e não motivava o divórcio (Ferry, 2013).

Ferry (2013) explicou que, ao redor do século XVII, o casamento feudal começou a ser substituído pelo casamento moderno, pautado unicamente no amor. Essa transição teve em sua base a Revolução Industrial, que, por meio do trabalho assalariado, possibilitou às mulheres certa autonomia financeira e a mudança das vilas para as cidades. Dessa maneira, as mulheres passaram a residir sozinhas ou com companheiras de quarto nas cidades em que trabalhavam e puderam escolher o parceiro amoroso de acordo com o amor.

Assim sendo, segundo Ferry (2013), o casamento por amor nasceu no meio operário e se estendeu à burguesia, provavelmente em virtude de questões financeiras e patrimoniais, após a Segunda Guerra Mundial. A partir daí, o amor tornou-se a única base dos casamentos, das

famílias e das demais relações amorosas, e as uniões homossexuais significam o ápice dessa mudança que dissociou as relações amorosas dos princípios tradicionais, como a linhagem, a biologia e a economia.

Além do exposto, Del Priore (2012; 2014) explanou que, por volta dos anos de 1950, o casamento se caracterizava pela rígida divisão de papéis entre os cônjuges. Dessa maneira, às esposas eram atribuídos, pautados na crença da natureza feminina, os papéis de mãe e de esposa dedicada ao marido, e aos homens o papel de chefe de família, provedor financeiro do lar. Nesse contexto, o homem gozava da completa liberdade sexual enquanto a mulher somente conheceria o sexo no matrimônio, e a autoridade do marido nunca podia ser contestada pela esposa. Ademais, o diálogo entre o casal e o desempenho sexual da mulher não eram considerados importantes para o modelo de felicidade conjugal socialmente estabelecido.

Porém, conforme Del Priore (2012; 2014), o casamento era o principal objetivo na vida das jovens e cabia a elas, ao se casarem, todos os esforços necessários para a manutenção do lar e para a satisfação do marido. Também Coutinho e Menandro (2010), ao entrevistarem 10 mulheres que tiveram filhos na década de 1960 e 10 mulheres, filhas das primeiras, que tiveram filhos nos anos de 1990, pertencentes à classe média ou à classe popular, verificaram que, para as mulheres da primeira geração, quando casaram, o casamento era considerado o principal propósito da mulher, permitia escapar da repressão familiar, colaborava na edificação da identidade e representava a estabilidade financeira, pois a maior parte das mulheres não exercia atividade remunerada.

De mais a mais, Del Priore (2012) ponderou que, em meados do século passado, o trabalho feminino ainda não era bem visto pela sociedade, a qual alegava que o trabalho formal poderia prejudicar o desempenho da mulher como mãe, esposa e dona de casa, pondo em risco a estabilidade do casamento. Assim sendo, as mulheres que trabalhavam fora geralmente

deixavam o emprego, ao se casarem ou ao nascer o primeiro filho. E dificilmente se encontravam esposas de classe média inseridas em um trabalho formal, a não ser por questões financeiras, o que provavelmente envergonharia o marido, já que cabia ao homem a função de prover o lar. Por conseguinte, na pesquisa de Coutinho e Menandro (2010), as idosas expuseram que como a mulher, na geração passada, não trabalhava, tinha de ser submissa ao esposo.

Cabe sublinhar que a concepção da submissão feminina como algo intrínseco à mulher, nos casamentos antigos, foi destacada por Del Priore (2012; 2014). Ademais, Secco e Lucas (2015), ao entrevistarem cinco mulheres de 30 a 45 anos, financeiramente independentes que atuam no mercado de trabalho, constataram que, com base nos relatos das entrevistadas, a submissão feminina cooperava com a manutenção dos casamentos na geração passada.

Assim sendo, nesse contexto, Del Priore (2012) explicou que a separação era o maior temor das esposas, pois, além das questões afetivas e financeiras, a sociedade desprezava as mulheres separadas e as considerava má influência. Elas ficavam mais vulneráveis ao assédio desrespeitoso dos homens e poderiam perder a guarda dos filhos, marcados por serem o fruto de uma família desfeita, caso não abrissem mão de sua vida amorosa. Também para as mulheres que viviam com um homem desquitado e para os filhos nascidos desses enlaces, a possibilidade de respeito social era inexistente.

Por seu turno, na pesquisa de Coutinho e Menandro (2010), as idosas argumentaram que, em virtude do preconceito em relação às mulheres divorciadas, da natureza masculina e da manutenção do matrimônio, as traições dos maridos deveriam ser perdoadas. E uma das entrevistadas, no estudo de Galvão et al. (2016), relatou que, nos casamentos antigos, as mulheres perdoavam as infidelidades dos esposos, pois “elas tinham uma família a respeitar” (p. 151).

Contudo, no fim do século XX, as relações amorosas começaram a apresentar novas características. Dessa maneira, segundo Giddens (1993), as mulheres passaram a não admitir as infidelidades masculinas, e tornou-se comum uma mulher ter vários parceiros amorosos antes, durante e depois de terminar um relacionamento. Ademais, o autor sublinhou a emergência do “amor confluyente”, que é um amor transitório, ativo e oposto às concepções de “para sempre” e “único” (p. 72) do romantismo amoroso. Assim sendo, à medida que o amor confluyente vai se consolidando, os sujeitos distanciam-se da busca pela “pessoa ideal” (p. 72) e passam a dar mais importância ao “relacionamento especial” (p. 72).

Além disso, Del Priore (2014) destacou que o número de casamentos formais diminuiu em virtude da coabitação e Bauman (2004) ponderou que a coabitação temporária desestabilizou o ideal de casamento “até que a morte nos separe”, que está sendo substituído “pelo ‘ficar juntos’, de horário parcial ou flexível” (p. 26). Nesse sentido, Bauman (2004) expôs os “casais semisseparados”, que preferem viver em casas separadas e ficar juntos apenas quando querem, e as “relações de bolso”, nas quais o sujeito pode dispor da companhia de outrem no momento em que desejar, sem ter o compromisso de combinar outro encontro com dia e hora marcados. As relações de bolso ainda se definem pela instantaneidade, disponibilidade e ausência de sentimentos, como o amor e a paixão.

Por sua vez, Duarte e Rocha-Coutinho (2011) investigaram o “namorado” com cinco mulheres de 27 a 37 anos, da classe média, que se encontravam nessa forma de relação amorosa em torno de um ano. As autoras explicaram que o namorado é um modelo de relacionamento amoroso em que, após curto período de namoro, os parceiros decidem pela coabitação sem a obrigatoriedade de oficializar a união no futuro. No namorado, o compromisso é apenas com a qualidade da relação, e, assim, os companheiros permanecem juntos apenas até que o relacionamento seja conveniente para os dois. Semelhantemente, Giddens (1993) destacou o “relacionamento puro”, que teve em sua base uma sexualidade

descentralizada e dissociada da reprodução, no qual os sujeitos se inserem apenas pela relação em si, que deve durar até que seja satisfatória para os parceiros, podendo ser desfeita em qualquer instante em particular.

Amorim e Stengel (2014), em um estudo realizado com dois casais de 28 a 30 anos, da classe média, valeram-se do termo “customizadas”, ao aludirem os relacionamentos amorosos em que os parceiros, mesmo partindo de um modelo social preestabelecido, escapam das formas existentes e criam uma maneira singular de relação conjugal. Também Marimón e Vilarrasa (2014) destacaram que cresce a quantidade de pessoas que se afastam do modelo tradicional de relação amorosa. Como exemplo, as autoras assinalaram as famílias homossexuais e as monoparentais e o aumento no número de divórcio e de separação.

Del Priore (2014) explicou que, com a aprovação do divórcio em 1977, não se exigia mais que as pessoas permanecessem casadas na ausência do amor. Além disso, a autora frisou que, por volta dos anos de 1980, cada vez menos, os cônjuges evitavam a separação, devido ao motivo de que era preciso pensar nos filhos. Ferry (2013) ainda ressaltou que a banalização e a invenção do divórcio podem relacionar-se com a inserção do amor no casamento, já que basear uma união amorosa no amor paixão é igualmente construir uma casa em um terreno arenoso.

Por seu turno, Aboim (2009), ao entrevistar 22 mulheres de 30 a 40 anos, casadas, com filhos, na região metropolitana de Lisboa, Portugal, averiguou que o acréscimo nos casos de divórcio e de recasamento contradizem o ideal da durabilidade do matrimônio e expressam o aumento do valor conferido ao bem-estar pessoal e à paixão na relação amorosa. Para a autora, seria o forte investimento em um casamento, pautado no amor, que o expõe cada vez mais ao rompimento. Del Priore (2014) proferiu que os sujeitos escolhem divorciar-se, em virtude da grande importância atribuída à conjugalidade. Dessa maneira, ao perceberem que as suas perspectivas individuais não estão sendo atendidas dentro da união amorosa, separam-

se. Del Priore (2014) ainda explicou que a promulgação da lei do divórcio, em julho de 2010, contribuiu para o aumento nos casos de divórcio, pois a separação judicial não é mais uma etapa necessária no processo. Contudo, no estudo de Secco e Lucas (2015), três participantes explicaram que a facilidade do divórcio contribuiu na banalização do casamento, com a ausência de investimento na relação e com a falta de esforço, para que haja uma boa convivência do casal.

Aizpurúa, Jablonski e Féres-Carneiro (2007), ao analisarem as principais mudanças ocorridas na estrutura familiar nas cidades de Rio de Janeiro e de Buenos Aires, desde os anos de 1980, verificaram que a mulher, ao reinventar os papéis no âmbito profissional, por meio da sua inserção no mercado de trabalho, e no campo afetivo, não aceitando mais viver em um casamento insatisfatório, contribuiu para o aumento das separações e dos divórcios. Ademais, no Brasil, são principalmente as mulheres que entram com o pedido de divórcio, o que pode estar relacionado às maiores oportunidades profissionais e educacionais que favorecem uma mentalidade mais independente e menos disposta a suportar um casamento infeliz.

Além disso, na pesquisa de Coutinho e Menandro (2010), algumas das entrevistadas mais velhas expuseram que os casamentos atuais são melhores, devido à entrada da mulher no mercado de trabalho, o que permitiu às esposas não ter que tolerar certas coisas no casamento. As entrevistadas, em Secco e Lucas (2015), ressaltaram que a inserção da mulher no mercado de trabalho e a independência financeira feminina colaboraram para o acréscimo de autonomia e do poder de decisão da mulher na relação. Elas também alegaram priorizar os estudos e a carreira profissional em detrimento do matrimônio. Del Priore (2014) ainda ressaltou que, nos dias atuais, é comum encontrar mulheres que adiam o casamento e/ou a maternidade para se dedicarem à profissão e aos cursos de pós-graduação.

Sobre a sexualidade da mulher, o ganho da autonomia sexual feminina foi constatado por Galvão et al. (2016), e Del Priore (2014) mencionou que os movimentos feministas do século

XX contribuíram para a obtenção da liberdade sexual da mulher que, segundo Llosa (2013), atualmente possui uma autonomia sexual bem mais ampla do que a das mulheres das gerações anteriores. Ademais, no estudo Chaves (2010), alguns dos rapazes sublinharam que o aumento da liberdade feminina na esfera amorosa permitiu à mulher tomar iniciativa em um relacionamento amoroso e buscar ativamente a satisfação amorosa e sexual.

Por sua vez, Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (2005) realizaram uma pesquisa com 10 adolescentes de 13 a 17 anos, de classes populares, igualmente divididos entre os sexos. Os entrevistados explicaram que, na geração atual, há mais liberdade tanto em relação ao ficar quanto ao sexo, pois este antigamente só acontecia após o casamento. Além do mais, a valorização da liberdade individual nos relacionamentos amorosos atuais foi verificada no trabalho de Smeha e Oliveira (2013) e no de Borges, Magalhães e Féres-Carneiro (2014), em que foram entrevistados 20 sujeitos (10 nas idades entre 63 e 69 anos e 10 entre 27 e 34 anos) igualmente divididos entre os sexos e pertencentes à classe média. Del tal modo, Borges et al. (2014) ponderaram que o valor atribuído à liberdade individual vem modificando os parâmetros em que se avaliam a felicidade do casal.

Além disso, no estudo de Smeha e Oliveira (2013), os jovens alegaram que as relações amorosas atuais se caracterizam pela igualdade entre homens e mulheres. Giddens (1993) sublinhou que o relacionamento puro também se define pela igualdade sexual e emocional entre os cônjuges. Marimón e Vilarrasa (2014), ao entrevistarem 160 universitários de 18 a 24 anos, solteiros, de ambos os sexos, em Barcelona, na Espanha, notaram, com base em parte dos resultados, a emergência de relações amorosas denotadas pela igualdade de direitos e de deveres, pela cooperação e pela partilha de decisões e de responsabilidades entre os parceiros. E Aboim (2009) averiguou, nos relatos das entrevistadas, a possível igualdade no casal, já que as mulheres destacaram a cooperação nas tarefas, nas decisões, no diálogo e no apoio emocional.

Por outro lado, Del Priore (2014) destacou que, além da maior permissividade sexual masculina, permanecem as desigualdades econômicas e políticas entre os homens e as mulheres, pois, em períodos de crises econômicas, são as mulheres que mais sofrem com as ameaças de desemprego ou aceitam um trabalho em tempo parcial. Ademais, Bozon (2003) e Lipovetsky (2000) explicaram que, a despeito das transformações ocorridas nos enlances amorosos, ainda não podemos falar em uma igualdade entre os sexos. De acordo com Bozon (2003), a autoelaboração dos indivíduos dentro de uma relação amorosa produz tanto estruturas sociais cristalizadas quanto as que existiam em sociedades remotas, e, segundo Lipovetsky (2000), a diferenciação entre os sexos se reproduz persistentemente na sociedade.

Também Lipovetsky (2000), Jablonski (2010), que entrevistou 20 pessoas casadas, de 30 a 45 anos, de ambos os sexos, com pelo menos cinco anos de casamento, com filhos, da classe média, e Teykal e Rocha-Coutinho (2007), em um estudo do qual participaram cinco homens de 28 a 45 anos, casados com mulheres que se encontravam no mercado de trabalho, da classe média, destacaram que a esposa continua sendo a principal responsável pela gestão do lar e pelo cuidado com os filhos, pois a participação do marido nesses afazeres é pontual, como se ele fosse um auxiliar da mulher.

Além do mais, Marimón e Vilarrasa (2014) explicaram que o modelo do casal tradicional continua a inspirar a vida afetiva e segue pautado na desigualdade entre os sexos. Assim sendo, os homens ainda possuem maior poder de decisão do que as mulheres nas questões que envolvem os conflitos sentimentais. E Stengel e Tozo (2010), em uma pesquisa realizada com sete adolescentes de 15 a 19 anos, quatro mães e um pai dos entrevistados, da classe média, constataram que os adolescentes valorizam o casamento como algo que é para sempre e almejam casar-se no civil e no religioso e ter filhos.

Em resumo, vimos que as relações amorosas, ao redor dos anos de 1950, pautavam-se no ideal da indissolubilidade do casamento e da rígida divisão de papéis entre os homens e as

mulheres (Del Priore, 2012; 2014). No final do século XX (Giddens, 1993) e no início deste século (Amorim & Stengel, 2014; Bauman, 2004; Duarte & Rocha-Coutinho, 2011; Marimón & Vilarrasa, 2014), presenciamos a emergência de diferentes modos de relação amorosa e a existência de autores que enfatizam uma possível igualdade entre os sexos nas uniões amorosas (Aboim, 2009; Smeha & Oliveira, 2013; Giddens, 1993; Marimón & Vilarrasa, 2014). Por outro lado, conforme Bozon (2003), Del Priore (2014), Lipovetsky (2000), Jablonski (2010), Teykal e Rocha-Coutinho (2007), Marimón e Vilarrasa (2014) e Stengel e Tozo (2010), ainda se verificam, no século XXI, nos relacionamentos amorosos, aspectos tradicionais.

Desse modo, Teykal e Rocha-Coutinho (2007) e Costa e Mosmann (2015), que entrevistaram cinco mulheres e quatro homens, de 40 a 57 anos, tempo de casado entre 20 e 32 anos, com filhos, explicaram que podemos estar vivendo um período de transição em que, segundo Teykal e Rocha-Coutinho (2007) e Alves-Silva, Scorsolini-Comin e Santos (2016), que realizaram uma revisão de literatura, coexistem nas pessoas concepções antigas e atuais sobre os papéis do homem e da mulher na sociedade. Portanto, de acordo com Teykal e Rocha-Coutinho (2007), os papéis sociais que antigamente se alicerçavam no tradicionalismo estão adquirindo variadas formas de identificação, frequentemente conflitantes, caracterizando o homem atual.

Assim sendo, nesse momento sócio-histórico em que coexistem diferentes modelos de conduta orientando os papéis dos homens e das mulheres nos relacionamentos amorosos, convém indagarmos “o que seria o amor”. Comte-Sponville (1999; 2011) expôs três diferentes tipos de amor, a saber: *Éros*, *philia* e *ágape*. Desse modo, *éros* é o amor paixão que os casais sentem antes do matrimônio e também é o amor, segundo Platão, em “*O Banquete*”, denotado pela falta do ser amado, pela carência e pela incompletude. Por sua vez, *philia* é o amor vivido na amizade, na família e na conjugalidade, isto é, o amor em desejamos o que

temos, somos e fazemos e com isso há a alegria, o prazer e a ação. Dessa maneira, podemos compreender a existência de casamentos felizes nos quais o amor e o desejo entre o casal permanece por anos. O que acontece é que os cônjuges conseguiram passar de *éros*, a insensata paixão do início do namoro, à *philía*, o amor sereno vivido na conjugalidade. Por fim, *ágape* é o puro amor sem limites, desinteressado, divino e universal que oferecemos aos nossos inimigos, aos desconhecidos e aos indiferentes. É o amor da caridade e da renúncia em que amamos outrem para o bem dele em prejuízo do nosso bem.

Da mesma forma, Jablonski (1991) proferiu que, no início de uma relação amorosa, encontramos o amor-paixão, que se caracteriza pelo desejo sexual e pela idealização do ser amado. Nos casos em que o relacionamento perdura, o amor paixão pode converter-se em amor companheiro, no qual preponderam a amizade, o companheirismo e o que se edifica por meio da coabitação. Ferry (2013) explicou que o amor-paixão é passageiro e, se o casal almejar que a relação amorosa perdure, será preciso transformar esse amor em algo mais concreto, por exemplo, em um amor-amizade. Aboim (2009) ainda verificou que, no entender da maioria das participantes, na conjugalidade primeiramente havia a paixão amorosa que, com o passar do tempo, se tornou uma amizade amorosa.

Por sua vez, Costa e Fernandes (2012) pesquisaram as representações sociais do amor de 301 adolescentes de 12 a 18 anos, de ambos os sexos, dos quais 59,1% estudavam em uma escola pública e 40,9% em uma escola privada. As autoras verificaram que as categorias mais evocadas para o termo amor, pelos participantes, foram o companheirismo (64,8% dos adolescentes), que se relacionou com o respeito, a amizade, a confiança e a fidelidade; o carinho (54,8% dos participantes), que envolveu beijo e abraço; e o sentimento (42,2% dos adolescentes), que inseriu os vocábulos afeto, coração, paixão, emoção e gostar. Por outro lado, a categoria compreensão, que agregou a tolerância, foi evocada por apenas 10,3% dos participantes.

Além do mais, o conceito de amor foi pesquisado por Estrella (2011), em um estudo do qual participaram 19 moças e 13 rapazes, de 15 a 17 anos, estudantes do ensino médio de uma escola pública na cidade de San Juan, Porto Rico; Alves (2016), que entrevistou 40 adolescentes de 12 e 15 anos, igualmente divididos entre os sexos e as faixas etárias, na classe média; Alves, Alencar, Ortega, Galvão e Fonseca (2015a), ao entrevistarem seis adolescentes de 12, 15 e 18 anos, de ambos os sexos, na classe média; Alves et al. (2015b) e por Alves et al. (2012; 2014), em estudos realizados com 40 crianças de seis e nove anos, de ambos os sexos e de classe média. Assim sendo, foram mencionados como conceito de amor o respeito (Estrella, 2011; Alves et al., 2015b), o sentimento (Estrella, 2011; Alves, 2016; Alves et al., 2015a; 2015b; Alves, Alencar & Ortega, 2014), o carinho (Estrella, 2011; Alves et al., 2015b), a amizade (Estrella, 2011; Alves, 2016; Alves et al., 2015a; 2015b), Deus (Estrella, 2011; Alves et al., 2015a; 2015b; Alves, Alencar & Ortega, 2012; Alves et al., 2014), o companheirismo e a abdicção (Alves et al., 2015b).

Também na pesquisa de Chaves (2010), os jovens aludiram que o amor é um sentimento forte e profundo que aproxima duas pessoas e as leva ao desejo de estar juntas. E, no estudo de Fonseca e Duarte (2014) - realizado com cinco casais de 26 a 37 anos, sem filhos, com pelo menos dois anos de convivência conjugal, que estavam no primeiro casamento, em Portugal -, os participantes relataram que o amor é preocupar-se com o bem-estar e com a felicidade do outro, a vontade de estar juntos, a compreensão mútua, o desejo de envelhecer juntos e o compromisso. Por fim, os entrevistados explicaram que, no namoro, esperavam encontrar em seus parceiros um companheiro, isto é, alguém com quem fosse possível partilhar valores, estabelecer uma família e ter filhos.

Ademais, em Secco e Lucas (2015), as mulheres explicaram que o diálogo é um aspecto valorizado na busca por um parceiro amoroso; os adolescentes, no estudo de Stengel e Tozo (2010), mencionaram que estimam no par amoroso o amor, a amizade e o companheirismo; e

os jovens, na pesquisa de Marimón e Vilarrasa (2014), destacaram que esperam da pessoa amada a reciprocidade no amor e nos comportamentos. Eles ainda sublinharam que almejam encontrar, no parceiro e/ou na relação amorosa, o carinho, o respeito, o sacrifício, a felicidade, a amizade e a entrega total.

Por seu turno, os jovens entrevistados, por Smeha e Oliveira (2013), explicaram que buscam em um enlace amoroso o diálogo sincero, a confiança mútua e alguém responsável. Zordan, Falcke e Wagner (2009), em um estudo do qual participaram 197 jovens solteiros, 120 mulheres e 77 homens, de 20 a 31 anos, verificaram que os jovens esperam do casamento o amor e o companheirismo. E, no trabalho de Silva, Menezes e Lopez (2010), os entrevistados, cinco casais de noivos, de 21 a 32 anos, que estavam no semestre anterior ao do casamento, mencionaram que valorizam, em seus relacionamentos amorosos, o carinho, o diálogo, o amor do casal e o compartilhar ideias.

Sobre os motivos que conduzem as pessoas ao casamento, o amor foi enfatizado por jovens (Marimón & Vilarrasa, 2014; Zordan, Falcke & Wagner, 2009), pelas entrevistadas mais novas (Coutinho & Menandro, 2010), por adolescentes, no estudo de Carvalho e Paiva (2009) que entrevistaram duas adolescentes, 15 e 17 anos, duas jovens adultas, 32 e 34 anos, e duas idosas, 75 e 77 anos, da classe média, e pelos participantes, da pesquisa que Jablonski (1991) realizou com 400 sujeitos, igualmente divididos entre solteiros, casados, casados idosos e divorciados, de ambos os sexos, na classe média. Também em Coutinho e Menandro (2010), as mulheres mais jovens aludiram o fato de o casamento ser obra divina; e, na pesquisa de Zordan et al. (2009), os jovens reportaram à certeza do sentimento pelo parceiro, à fé de quem considera o casamento sagrado e à questão de ele ser valorizado em inúmeras religiões.

Além disso, Alves-Silva et al. (2016) averiguaram que a influência da religiosidade, a responsabilidade, o amor e a crença no matrimônio como uma parceria do casal e o diálogo são fatores relevantes para a manutenção dos casamentos de longa duração. Os autores ainda

explicitaram que, nas uniões amorosas em que o diálogo se encontra, pode haver maiores índices de satisfação conjugal e de intimidade. Os sujeitos, no estudo de Jablonski (1991), alegaram que o amor, o respeito mútuo, o compromisso e a sorte podem colaborar para a conservação de um enlace amoroso. Os adolescentes, em Matos et al. (2005), citaram a sinceridade, o amor e o respeito como ingredientes importantes para a durabilidade de um relacionamento amoroso. Por fim, os entrevistados por Costa e Mosmann (2015) explicitaram que o respeito, a compreensão, a demonstração de afeto, de cuidado e de preocupação com o parceiro são fatores relevantes para o casamento.

Portanto, após breve revisão de literatura, neste subcapítulo, constatamos, entre outros, a coexistência de diferentes modelos de relacionamento amoroso, como também várias formas de compreender o amor. A partir de então, exporemos o objetivo geral e os objetivos específicos que conduziram este estudo.

1.3 Objetivos

Objetivo geral.

Em uma perspectiva moral e ética, o objetivo geral deste estudo foi comparar as concepções de mulheres entrevistadas no passado (Alencar, 1993) com as de mulheres que entrevistamos atualmente (em 2013), de 20 a 30 anos, que viviam em conjugalidade com homens, sem filhos, e na classe média, sobre as possíveis mudanças nos relacionamentos amorosos dos casais em geral, entre a geração anterior e a atual, bem como as perspectivas atuais e futuras dos referidos relacionamentos. No intuito de atendermos melhor ao objetivo geral, estabelecemos quatro objetivos específicos.

Objetivos específicos.

1 Pesquisar, na percepção das entrevistadas no que se refere aos casais em geral, se houve ou não mudanças nos relacionamentos amorosos da geração anterior para a atual e as justificativas para as respostas afirmativas.

2 Averiguar a concepção das entrevistadas em relação à possibilidade ou não de os casais, de modo geral, manterem o amor no convívio diário e os argumentos para as respostas apresentadas.

3 Investigar o ponto de vista das participantes sobre as expectativas futuras das relações amorosas dos casais em geral.

4 Comparar os discursos de mulheres entrevistadas no passado (Alencar, 1993) com os de mulheres entrevistadas atualmente, em 2013, acerca de cada um dos três objetivos já específicos mencionados. Posto isso, exporemos o método utilizado nesta pesquisa.

1.4 Método

Participantes.

Participaram deste estudo 30 mulheres: Quinze que foram entrevistadas no passado (Alencar, 1993), habitantes na cidade do Rio de Janeiro-RJ, e 15 que entrevistamos atualmente (em 2013),^{1 2} residentes na região da Grande Vitória-ES, de 20 a 30 anos, que viviam em conjugalidade com homens, sem filhos, e pertencentes à classe média.

¹ Agradecemos a Tais Peres Fonseca a colaboração na coleta dos dados e na transcrição das entrevistas realizadas na atualidade e o auxílio na análise dos dados em geral referentes aos objetivos específicos dois e três.

² Esclarecemos que os dados coletados por Alencar (1993) fizeram parte da dissertação de mestrado da referida pesquisadora, porém não foram anteriormente publicados. Por sua vez, os dados de 2013 encontravam-se em um banco de dados que foi coletado no período em que a autora deste trabalho foi aluna de iniciação científica, no subprojeto de pesquisa “*Moralidade e Amor: Depoimentos sob a Ótica de Jovens Adultas*”.

Sublinhamos que a escolha das participantes em 2013 seguiu os mesmos parâmetros empregados por Alencar (1993). Dessa maneira, consideramos, por viverem em conjugalidade com homens, as mulheres que coabitavam com os seus parceiros amorosos sem o casamento legal, as que tinham se casado somente no civil e as que se casaram no civil e no religioso. A opção por mulheres que não têm filhos foi em virtude da intenção de estudarmos o relacionamento amoroso, pois entendemos que a característica ser mãe poderia interferir nos resultados, dirigindo os discursos das participantes para questões relacionadas aos filhos. A decisão pela faixa etária baseou-se na inferência de que essas jovens estivessem vivenciando intensamente os possíveis conflitos existentes na relação amorosa (Alencar, 1993). Elegemos a classe média com vistas à manutenção do parâmetro empregado por Alencar (1993). Esta autora, embora tenha destacado a dificuldade de identificar grupos relacionados a esse segmento social, ressaltou que era possível encontrar certa comunhão de valores e crenças em mulheres pertencentes às camadas médias na cidade do Rio de Janeiro.

Além do mais, no início deste século, Aboim (2009) explicou que as camadas médias urbanas brasileiras são as principais agentes do rompimento com as práticas e com os valores tradicionais. Para a autora, é provável que, nesses grupos sociais, o individualismo e o ideal de igualdade sejam mais expressivos, contribuindo para a emergência de novos modelos de relações amorosas e familiares. Por sua vez, Scalon e Salata (2012) sublinharam que o debate sobre a delimitação de classe média é antigo e complexo, pois são vários os argumentos empregados e as divergências a respeito da definição desse conceito. Atualmente a discussão predominante acerca desse tema consiste na emergência ou não de uma nova classe média, pautada no critério da renda ou do poder aquisitivo (Saraiva, Rezende, Reis, Inácio & Schucman, 2015; Scalon & Salata, 2012). Contudo, Scalon e Salata (2012) ressaltaram a ocupação profissional e Batistoni e Neri (2007) destacaram a avaliação subjetiva de estrato

social que um indivíduo realiza, em comparação com os outros sujeitos, como melhores indicadores de classe social.

Assim sendo, em virtude da complexidade (Scalon & Salata, 2012) e da divergência de opiniões sobre como definir a classe média (Saraiva et al., 2015; Scalon & Salata, 2012; Batistoni & Neri, 2007), neste trabalho optamos ir ao encontro das reflexões de Alencar (1993) e de Aboim (2009) e consideramos a possibilidade de encontrarmos uma coesão de valores, práticas e crenças em mulheres que pertenciam às camadas médias urbanas da região da Grande Vitória-ES.

Instrumento.

Na coleta dos dados realizada em 2013, servimo-nos de um roteiro de entrevista semiestruturado (Figura 1) com base no utilizado por Alencar (1993). Assim, realizamos um recorte do roteiro empregado em 1993 e selecionamos as perguntas, visando atender aos objetivos deste trabalho. Dessa maneira, obtivemos um instrumento subdividido em três estudos. No estudo um investigamos se, na concepção das entrevistadas, houve ou não mudanças nos relacionamentos amorosos dos casais em geral nas duas últimas décadas e os esclarecimentos para as respostas afirmativas; no estudo dois, pesquisamos o entendimento das mulheres a respeito da possibilidade ou não de os casais, de modo geral, manterem o amor no convívio diário e as justificativas para as respostas; por fim, o estudo três representou as expectativas das entrevistadas para o futuro dos enlaces amorosos dos casais em geral.

Estudo 1: Possíveis transformações ocorridas no relacionamento amoroso nas últimas duas décadas.

1) Hoje, em relação aos casais em geral, pensando em casais mais velhos e nos de nossa geração, você acha que houve ou não mudanças no relacionamento amoroso?

1.1) (Se positiva a resposta da questão) Quais foram as referidas mudanças no relacionamento amoroso?

1.2) (Se positiva a resposta da questão) Por que você acha que houve as referidas mudanças no relacionamento amoroso?

Estudo 2: Perspectivas atuais dos relacionamentos amorosos.

2) Hoje, em relação aos casais em geral, você acha possível ou não manter o amor na convivência diária?

2.1) Por que você acha possível ou não manter o amor na convivência diária?

Estudo 3: Expectativas para o futuro dos relacionamentos amorosos.

3) Hoje, em relação aos casais em geral, como você imagina o futuro das relações amorosas?

FIGURA 1

Instrumento elaborado com base na entrevista semiestruturada utilizada por Alencar (1993).

Procedimentos.

Destacamos que a coleta dos dados realizada tanto em 1993 (Alencar, 1993) quanto em 2013 seguiu critérios semelhantes. Sendo assim, as 30 entrevistas foram realizadas individualmente, em dia, horário e local escolhidos pelas participantes, gravadas na íntegra e transcritas literalmente, e os protocolos permanecem guardados em um arquivo pessoal da pesquisadora. A escolha das entrevistadas foi por indicação, isto é, em 1993, bem como, em 2013, foi solicitado a pessoas do círculo social das pesquisadoras que indicassem mulheres que se encontravam nos parâmetros estabelecidos. Feita a indicação, entrava-se em contato com as mulheres por meio de telefone (em 1993 e em 2013), de e-mail e/ou de redes sociais (em 2013) e explicavam-se os objetivos da pesquisa.

No momento da entrevista, às mulheres entrevistadas atualmente entregamos um termo de consentimento livre e esclarecido, (Apêndice A), em que esclarecemos os objetivos da pesquisa, garantimos o anonimato e ressaltamos que os resultados somente seriam utilizados para os fins do referido trabalho. Asseguramos que o estudo seguia os padrões éticos de pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.º 466/2012 (2012). Ressaltamos que o trabalho teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFES, em 2013, conforme apresentado no Apêndice B. Contudo, como em 1993 não havia a exigência da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido por um comitê de ética, as participantes do passado expuseram verbalmente o acordo em participar da pesquisa.

Tratamento e análise dos dados.

O tratamento e a análise dos dados foram baseados na sistematização proposta por Delval (2002). Dessa maneira, iniciamos com a análise qualitativa, realizando a leitura dos 30 protocolos de entrevistas, com o objetivo de identificarmos tendências gerais nas respostas das participantes. Em seguida, cada questão do instrumento com as respectivas respostas de todas as participantes foi inserida em um protocolo. Daí por diante, elaboramos as microcategorias (categorias detalhadas) que consistiram na reunião de todas as respostas dadas a cada pergunta. Depois, utilizando o critério de semelhança, classificamos as respostas das microcategorias em macrocategorias (categorias resumidas) que não se sobrepuseram umas às outras. Para verificarmos a precisão das nossas categorias, entregamos todos os protocolos de entrevistas a uma juíza, isto é, a uma pesquisadora que não participou diretamente deste estudo, mas que possui experiência em análise de pesquisa qualitativa, para classificá-los e discutí-los conosco. Após a definição das macrocategorias, fizemos uma análise quantitativa dos dados, o que nos permitiu verificar mais claramente as diferenças

entre as repostas das mulheres das duas gerações. Também utilizamos tabelas e referenciais quantitativos em números e percentuais, buscando melhor clareza na apresentação e discussão dos resultados. Dessa forma, finalizamos os esclarecimentos sobre o método utilizado nesta dissertação e seguiremos com o capítulo dois, deste trabalho, em que apresentaremos e discutiremos os nossos resultados em formato de artigo.

2 Apresentação e discussão dos resultados

Justificamos que a opção por elaborar esta dissertação de mestrado no formato de artigos foi em virtude da gratuidade e da facilidade de acesso, via internet, que a maioria das revistas científicas oferece aos leitores. Dessa maneira, embora considerássemos a possibilidade de divulgar os nossos resultados em livros - que, em sua maioria, são atualmente impressos e pagos -, decidimos pelos artigos, com vistas à melhor divulgação do trabalho para a comunidade científica e para as pessoas de modo geral. Destacamos que os artigos se encontram formatados, em parte, conforme as normas das revistas científicas para as quais foram submetidos. Explicamos que não inserimos os artigos com a formatação exata em que foram enviados às revistas, visando à melhor apresentação visual (o layout) desta dissertação de todo.

2.1 Artigo um

As mudanças nos relacionamentos amorosos nas últimas décadas, na percepção de mulheres de duas gerações.³

The changes in love relationships in the last decades, in the perception of women of two generations.

Resumo

Em uma perspectiva moral e ética, investigamos as mudanças nos relacionamentos amorosos nas últimas décadas e os motivos dessas transformações. Participaram do estudo 15 mulheres entrevistadas por Alencar (1993) e 15 mulheres entrevistadas atualmente, em 2013, casadas, sem filhos, entre 20 e 30 anos. Utilizamos um instrumento semiestruturado e priorizamos a análise qualitativa dos dados (Delval, 2002). As mulheres entrevistadas atualmente enfatizaram a liberdade feminina, a participação masculina no cuidado familiar e a fragilidade dos vínculos, nos dias atuais. As entrevistadas no passado sublinharam a mudança nos papéis no mercado de trabalho e a inserção do diálogo nas relações amorosas. Como justificativas, as entrevistadas atualmente destacaram o protagonismo feminino na vida pessoal e na sociedade e a desconexão de pessoas/grupos. As participantes do passado ressaltaram a conexão de pessoas/grupos. Este estudo colabora para as pesquisas e proporciona subsídios teóricos para profissionais que trabalham com o tema em questão.

Palavras-chave: moral, ética, relacionamento amoroso, mulheres, amor.

³ Este artigo está formatado, em parte, nas normas (da APA) da revista *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, ISSN 1983-8220, à qual foi submetido em 16 de maio de 2017, já que a referida revista solicita que o alinhamento seja à esquerda e os títulos, os resumos e a introdução sejam iniciados em uma nova página.

Abstract

From a moral and ethical perspective, we investigated the changes in love relationships in the last decades and the reasons for these transformations. Fifteen women interviewed by Alencar (1993) and 15 women currently interviewed, in 2013, married, without children, between 20 and 30 years old, participated in this study. We used a semi-structured instrument and prioritized qualitative data analysis (Delval, 2002). Women currently interviewed emphasized feminine freedom, male participation in family care and the fragility of ties nowadays. The interviewees in the past underlined the shift in gender roles in the labor market and the inclusion of dialogue in love relationships. As justification, current interviewees highlighted female protagonism in personal life and in society and the disconnection of people / groups. Past participants stressed the connection of people / groups. This study contributes to research and provides theoretical support for professionals working with the issue at hand.

Keywords: moral, ethics, love relationship, women, love.

Introdução

Desde os meados do século XX até os dias atuais, as relações amorosas passaram por diversas transformações. Dessa maneira, Del Priore (2012; 2014) explicou que, ao redor dos anos de 1950, às mulheres cabia o papel de mãe e de dona de casa e aos homens a função de prover o lar. Nesse contexto, a sexualidade feminina somente era realizada por meio do matrimônio, a autoridade do marido não poderia ser questionada pela mulher e o desempenho sexual da esposa e o diálogo entre o casal não eram considerados relevantes para a receita de felicidade conjugal proposta.

Além disso, no estudo de Coutinho e Menandro (2010), realizado com 20 mulheres de duas gerações, as participantes mais velhas relataram que, quando casaram, por volta dos anos de

1960, o casamento era o principal objetivo da vida de uma mulher e viabilizava a estabilidade financeira, já que a maioria das mulheres não trabalhava formalmente. Por sua vez, Del Priore (2012) explicitou que, em torno da década de 1950, o trabalho feminino era cercado de preconceitos em virtude da crença na incompatibilidade entre a vida familiar e a profissional, isto é, acreditava-se que, com o trabalho formal, a esposa deixaria, em segundo plano, os cuidados para com o lar e com a família, o que ameaçaria a estabilidade do casamento.

Del Priore (2012) ainda expôs que a separação era o grande temor das mulheres casadas, devido às questões afetivas, financeiras e ao preconceito social que recaía sobre as mulheres separadas, as que coabitavam com um homem desquitado, e sobre os filhos nascidos desses enlaces conjugais. Além disso, em Coutinho e Menandro (2010), as idosas alegaram que, em virtude da discriminação das mulheres divorciadas, da natureza masculina e da manutenção do casamento, as infidelidades masculinas deveriam ser toleradas.

A tolerância às infidelidades dos maridos nos casamentos antigos também foi destacada por Del Priore (2012). E, no estudo de Galvão, Alencar e Rossetti (2016), realizado com duas mulheres casadas, de 48 e 52 anos, uma das entrevistadas explicou que, na geração passada, as esposas perdoavam as traições dos maridos, pois tinham um lar a respeitar. Contudo, no fim do século XX, Giddens (1993) ponderou que as mulheres passaram a não tolerar as traições masculinas e começava a ser comum uma mulher relacionar-se com vários homens enquanto estava em um relacionamento amoroso.

De tal modo, nas duas últimas décadas do século XX, as relações amorosas começaram a apresentar mudanças mais nítidas, e, no entender de Del Priore (2014), nos anos de 1980, chega-se ao fim o modelo familiar em que cada cônjuge possui um papel social predefinido, isto é, o homem, o de chefe de família, provedor do lar, e a mulher o de responsável pelos afazeres domésticos e pelos cuidados com os filhos.

Porém, Jablonski (2010), em um estudo efetuado com 20 pessoas casadas, de ambos os sexos, entre 30 e 45 anos, e Teykal e Rocha-Coutinho (2007), em uma pesquisa da qual participaram cinco homens, entre 28 e 45 anos, que viviam em conjugalidade com mulheres que trabalhavam fora, averiguaram que a maior responsabilidade com os filhos e com os afazeres domésticos permanece sendo da mulher, uma vez que os homens exercem um papel de auxiliar e/ou de coadjuvante nessas funções.

Embora ainda se verifique a desigual divisão das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos no casal (Jablonski, 2010; Teykal & Rocha-Coutinho, 2007), Marimón e Vilarrasa (2014), Secco e Lucas (2015), que entrevistaram cinco mulheres solteiras, de 30 a 45 anos, Smeha e Oliveria (2013), em um estudo feito com oito sujeitos, entre 18 e 23 anos, de ambos os sexos, e Aboim (2009), que entrevistou 22 mulheres casadas, entre 30 e 40 anos, sublinharam a igualdade entre homens e mulheres nas relações amorosas.

Além disso, Giddens (1993), Llosa (2013), Galvão et al. (2016), Chaves (2010), em um trabalho efetuado com 12 sujeitos de 18 e 25 anos, de ambos os sexos, destacaram o aumento da liberdade sexual feminina. Assim sendo, conforme Llosa (2013), as mulheres atualmente possuem bem mais autonomia sexual do que as mulheres das gerações passadas e, segundo Chaves (2010), a mulher, além de tomar a iniciativa em um enlace amoroso, busca ativamente a sua realização amorosa e sexual.

No trabalho de Secco e Lucas (2015), as entrevistadas explicaram que aumentou a autonomia e o poder de decisão da mulher na relação amorosa. Também, segundo Del Priore (2014), no fim do século XX, as mulheres já não aceitavam viver em um casamento caracterizado pelo sofrimento, preferindo terminar a união e buscar a felicidade pessoal. Dessa maneira, a autora esclareceu que o divórcio deixou de ser vergonhoso e que, quando o amor termina, os sujeitos desfazem a relação amorosa para refazê-la com outrem. Borges e

Magalhães (2013) ainda enfatizaram que o divórcio pode ser entendido como um importante ponto de cisão com os padrões familiares estabelecidos até os dias de hoje.

Por sua vez, no estudo de Coutinho e Menandro (2010), algumas idosas proferiram que os casamentos melhoraram em virtude da inserção feminina no mercado de trabalho, o que permitiu à mulher não ter de tolerar mais muitas coisas. Em Secco e Lucas (2015), as entrevistadas alegaram priorizar a carreira profissional em detrimento do casamento. Além disso, Marimón e Vilarrasa (2014) ressaltaram que muitas mulheres se inseriram no mercado de trabalho porque perceberam a importância da independência financeira que permitia a elas sustentar a si mesmas. E Aizpurúa et al. (2007) sublinharam o crescimento da participação financeira feminina no lar.

Assim sendo, nesse panorama de mudanças nas relações amorosas, Marimón e Vilarrasa (2014), ao entrevistarem 160 universitários de 18 e 24 anos, de ambos os sexos, verificaram a emergência de novos modelos de relacionamento amoroso nos quais o casal compartilha decisões e responsabilidades. Na pesquisa de Aboim (2009), as mulheres priorizaram a “ética do companheirismo” que contempla a cooperação do casal nas tarefas e nas decisões e destaca a importância de um projeto familiar em comum.

Ademais, Alves-Silva, Scorsolini-Comin e Santos (2016), em uma revisão de literatura, ressaltaram que o diálogo entre marido e mulher é relevante para a manutenção de um casamento duradouro e contribui para maiores níveis de intimidade e de satisfação conjugal. E, na pesquisa de Secco e Lucas (2015), as mulheres explicaram que o diálogo é um aspecto valorizado em um parceiro amoroso.

Por outro lado, em Smeha e Oliveira (2013), os entrevistados mencionaram que a falta de respeito do casal dificulta o estabelecimento da união amorosa. Além disso, a ausência de respeito (Chaves, 2010; Coutinho & Menandro, 2010), de compromisso (Chaves, 2010; Galvão et al., 2016; Smeha & Oliveira, 2013) e a instabilidade (Chaves, 2010; Secco &

Lucas, 2015) foram mencionadas como aspectos presentes nos relacionamentos amorosos atuais. Em Galvão et al. (2016), as entrevistadas expuseram que o casamento não é mais sólido como era na geração passada. No estudo de Secco e Lucas (2015), as mulheres explicitaram a banalização do casamento e, na pesquisa de Carvalho e Paiva (2009), as idosas aludiram que as relações amorosas estão se desfazendo facilmente.

De tal modo, vivemos em um momento sócio-histórico em que as relações amorosas apresentam características diferentes daquelas da segunda metade do século XX. Na base dessas mudanças, encontram-se alguns fatores como, o aumento e a facilidade da separação, a aceleração do ritmo de vida, a banalização e a generalização da infidelidade, a diminuição da tolerância para com outrem (Chaves, 2010) e a inserção da mulher no mercado de trabalho (Carvalho & Paiva, 2009; Del Priore, 2014; Aizpurúa et al., 2007; Secco e Lucas; 2015).

Cabe ressaltar que as mudanças que vêm ocorrendo nas relações amorosas interessam ao campo da Psicologia da Moralidade, pois, em um enlace amoroso, o eu e o outro podem ocupar diferentes papéis. Dessa maneira, passaremos a tecer as nossas considerações sobre a moral e a ética. Jean Piaget (1932/1994) foi o pioneiro nas pesquisas empíricas sobre o desenvolvimento do juízo moral. O autor, ao entrevistar principalmente sujeitos do sexo masculino, constatou que, por volta dos seis anos de idade, das relações de coação e do respeito unilateral à autoridade adulta emerge a heteronomia moral e que, ao redor dos nove anos de idade, das relações de reciprocidade entre os pares e do respeito mútuo é desenvolvida a autonomia moral em que o sujeito adquire a capacidade de articular diferentes pontos de vista, podendo, assim, colocar-se na perspectiva do outro.

O desenvolvimento do juízo moral também foi pesquisado por Gilligan (1982) que verificou que o juízo moral feminino caracteriza-se por uma “ética do cuidado”, para si própria e para com outrem, isto é, uma ética em que a mulher procura atender às necessidades de todas as pessoas inseridas no contexto, sem que ninguém seja excluído. Assim, as

mulheres tendem a se conceituar em um ambiente de relações interpessoais no qual desempenham a função de cuidadora e de companheira, buscando a permanência da conexão entre as pessoas.

Por sua vez, La Taille (2006) definiu os planos moral e ético. No entender do autor, o plano moral se relaciona com âmbito dos deveres e o plano ético com a busca por uma vida boa e feliz. Porém, para que essa vida boa e feliz seja considerada ética, ela deve contemplar as necessidades, a singularidade e a dignidade do eu e do outro e envolver a vida por inteiro, e não apenas momentos de prazer. La Taille (2009) ainda discutiu sobre o modo de vida atual e ponderou que vivemos em uma “cultura do tédio” caracterizada pela ausência de valores estáveis, em virtude da intensa velocidade em que as coisas se sucedem. Desse modo, as pessoas podem perder as bases para a edificação de um projeto de vida ético em longo prazo que vise à felicidade e ao bem-estar do eu, do outro e da sociedade.

Além do que, Madeira e La Taille (2004), em uma pesquisa realizada com 131 estudantes, de 15 a 19 anos, de ambos os sexos, verificaram que 63% dos participantes não inseriram o outro em seus projetos de vida. Esses entrevistados elegeram planos de vida autocentrados, visando à satisfação das necessidades e dos interesses pessoais especialmente baseados em bens materiais, como casa, carro e dinheiro. Contudo, 37% dos estudantes mencionaram projetos de vida conectados, ou seja, planos de vida em que outrem, principalmente amigos e familiares, são considerados na perspectiva de felicidade pessoal.

Vale destacar que os conceitos de projetos de vida conectados e autocentrados (Madeira & La Taille, 2004) foram ampliados por outros autores. Assim sendo, D’Aurea-Tardeli (2008) entrevistou 396 sujeitos de 16 e 18 anos, de ambos os sexos. A autora constatou que 82,32% dos entrevistados apresentaram projetos de vida conectados: 67,52% dos adolescentes referiram-se à conexão com a família, amigos e companheiro (a) e 23,9% com a sociedade, por exemplo, ser útil à comunidade, participar de causas sociais e de atividades voluntárias,

buscar a justiça e ajudar o outro; por outro lado, 17,68% dos sujeitos citaram planos de vida, desconectados de outrem, nos quais enfatizaram o “curtir a vida”.

Andrade (2012) pesquisou os projetos de vida de 16 sujeitos surdos, de 21 a 40 anos, de ambos os sexos. Os entrevistados consideraram como planos de vida principalmente a atividade profissional e a formação acadêmica. Eles justificaram as suas escolhas com argumentos autocentrados, reconhecendo a si como sujeitos possuidores de características positivas; conectados com a comunidade surda, visando à melhoria de vida dos surdos; conectados com a sociedade, referindo-se às relações em que os surdos e os ouvintes são beneficiados; e conectados com pessoas próximas, ou seja, os filhos e os pais.

Andrade e Alencar (2015) ainda indagaram aos surdos as suas opções acadêmicas e profissionais. Os participantes explicaram as suas escolhas com alegações autocentradas, reconhecendo a si próprios como portadores de aspectos e de habilidades que lhes permitem atuar no mundo; e conectadas com a comunidade surda, almejando especialmente ao ensino de crianças surdas e a formação de professores para trabalharem na educação inclusiva.

Miranda (2016) investigou os projetos de vida de 30 idosos, de ambos os sexos. Dessa forma, 17 dos entrevistados não apresentaram projetos de vida e explicaram essa ausência alegando a impotência do idoso em realizar novos feitos e atribuindo ao jovem o papel de protagonismo no futuro. Por outro lado, os 13 participantes que expuseram projetos de vida revelaram esclarecimentos autocentrados, com reconhecimento de si como sujeitos capazes de agir no mundo. Além do mais, a autora indagou aos idosos a maneira por meio da qual seria possível alcançar os referidos planos de vida. Os participantes citaram notadamente o cuidar do bem-estar e expuseram argumentos autocentrados, com reconhecimento de si; conectados com a sociedade; conectados com pessoas próximas; e a desconexão de pessoas próximas com o idoso, referindo-se à desconsideração das ideias e dos sentimentos do idoso por pessoas próximas.

Por seu turno, Alves, Alencar, Ortega, Galvão e Fonseca (2015) investigaram o conceito de amor com 17 mulheres casadas, de idades entre 20 e 30 anos. A principal concepção de amor apresentada pelas mulheres foi o sentimento e elas fundamentaram as suas respostas explicitando a conexão com um grupo/pessoas próximas, a qual envolveu principalmente a influência de familiares, e a conexão com a sociedade, ou seja, a interferência do meio social na construção do que elas entendem como amor.

Assim sendo, devido às transformações que vêm ocorrendo nos relacionamentos amorosos e ao fato de estes se inserirem no campo da Psicologia da Moralidade, neste estudo temos o objetivo de investigar a concepção de jovens mulheres entrevistadas por Alencar (1993) e a de jovens mulheres que entrevistamos em 2013 sobre as mudanças nas relações amorosas dos casais em geral nas últimas duas décadas, os motivos das referidas transformações e de verificar se há ou não diferenças entre as respostas das mulheres das duas gerações, na perspectiva moral e ética. Isso posto, apresentaremos a metodologia utilizada neste trabalho.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 15 mulheres entrevistadas por Alencar (1993) e 15 mulheres entrevistadas atualmente, em 2013, entre 20 e 30 anos, de classe média, sem filhos, as quais viviam em conjugalidade com homens. A escolha por mulheres jovens que coabitavam com os seus parceiros foi em virtude de inferirmos que essas participantes estejam vivenciando mais intensamente as mudanças nos relacionamentos amorosos das últimas décadas. A opção por mulheres sem filhos consistiu em afastar as prováveis influências dessa característica nos resultados. Por fim, elegemos entrevistar sujeitos de classe média porque consideramos a possibilidade de encontrarmos certa comunhão de valores e de crenças, em mulheres pertencentes às camadas médias. Além do mais, Aboim (2009) sublinhou que é provável que

o ideal de igualdade e o individualismo sejam mais presentes nas camadas médias brasileiras, o que contribui para a constituição de novos modelos de uniões amorosas.

Instrumentos e procedimentos

As participantes em geral foram eleitas por meio de indicação e responderam às seguintes questões do instrumento semiestruturado: 1) *Hoje, em relação aos casais em geral, pensando em casais mais velhos e nos de nossa geração, você acha que houve ou não mudanças no relacionamento amoroso?* 1.1) (se positiva a resposta da questão um) *Quais foram as referidas mudanças na relação amorosa?* 1.2) *Por quê?* As entrevistas foram realizadas de modo individual em dia, local e horário escolhidos pelas mulheres, gravadas em áudio, transcritas e os protocolos conservam-se guardados em arquivos pessoais das pesquisadoras.

Às participantes da atualidade, em 2013, apresentamos um termo de consentimento livre e esclarecido em que explanamos os objetivos desta pesquisa, asseveramos o anonimato e explicamos que poderiam desistir de participar do estudo a qualquer instante, sem agravo. Ponderamos, ainda, que este trabalho seguia os padrões éticos da Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.º 466/2012 (2012) e que foi validado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o parecer de número: 419.793.

A análise dos dados

Priorizamos a análise qualitativa dos dados com base na proposta de Delval (2002). Dessa maneira, efetuamos uma leitura flutuante dos 30 protocolos de entrevistas com o objetivo de encontrar tendências gerais nas repostas das participantes. Em seguida, elaboramos as categorias de análise autoexcludentes, conforme o critério de similaridade entre as repostas das mulheres. Por último, adotamos tabelas, números, percentuais e redigimos os nomes das

categorias em itálico e entre aspas simples no texto, com a finalidade de melhor expor e discutir os resultados.

Apresentação e discussão dos resultados

Todas as entrevistadas mencionaram que houve mudanças nas relações amorosas dos casais em geral de uma geração para a outra. E, ao indagarmos quais foram as referidas mudanças, as mulheres aludiram a 277 repostas que estabelecemos em 22 categorias que se encontram expostas na Tabela 1. Sublinhamos que priorizaremos a discussão e/ou a apresentação das categorias mais importantes do ponto de vista teórico e que a ordem na qual elas serão apresentadas no texto será diferente da exibida na Tabela 1; contudo, em ambos os casos, enfatizaremos as principais diferenças entre os relatos das mulheres das diferentes gerações. Destacamos que o cálculo da porcentagem foi realizado com base no número de repostas expressas pelas participantes e que adotamos nomes com a inicial “P” para nos referirmos às mulheres entrevistadas no passado (1993) e com inicial “A” para as da atualidade (2013).

Tabela 1: Mudanças nos relacionamentos amorosos dos casais de modo geral da geração passada para os dias atuais.

Categorias	Participantes					
	Atual		Passado		Total	
	N	%	N	%	N	%
Liberdade/direito de falar e de agir	24	18,6%	18	12,2%	42	15,2%
Cuidado com a família	13	10,1%	6	4%	19	6,9%
Fragilidade dos vínculos	12	9,4%	4	2,7%	16	5,8%
Independência financeira feminina	11	8,6%	3	2%	14	5%
Sentimentos no casamento	8	6,2%	3	2%	11	4%
Submissão feminina	7	5,4%	4	2,7%	11	4%
Companheirismo	7	5,4%	1	0,7%	8	2,9%
Respeito	5	3,9%	3	2%	8	2,9%
Convivência	4	3,1%	0	0%	4	1,4%
Os papéis no mercado de trabalho	9	7%	17	11,5%	26	9,4%
Diálogo	3	2,3%	13	8,8%	16	5,8%
Instabilidade/ansiedade	0	0%	11	7,4%	11	4%
Divórcio	2	1,5%	10	6,8%	12	4,3%
Aspirações/felicidade	2	1,5%	10	6,8%	12	4,3%
Infidelidade	1	0,8%	8	5,4%	9	3,2%
Sinceridade/honestidade	0	0%	8	5,4%	8	2,9%
Conhecimento de si e do outro	1	0,8%	4	2,7%	5	1,8%
Indissolubilidade do casamento	2	1,5%	5	3,4%	7	2,5%
Divisão nas tarefas domésticas	7	5,4%	6	4%	13	4,7%
Igualdade entre homens e mulheres	3	2,3%	3	2%	6	2,2%

Machismo	3	2,3%	2	1,4%	5	1,8%
Outros	5	3,9%	9	6,1%	14	5%
Total	129	100%	148	100%	277	100%

Iniciaremos a nossa discussão e/ou apresentação dos resultados com **as categorias que expuseram maior número de respostas mencionadas por mulheres entrevistadas em 2013**. De tal modo, as participantes sublinharam a *‘liberdade/direito de falar e de agir’* que, na geração anterior, eram limitados às mulheres que eram mais dependentes emocionalmente dos homens. Também havia a repressão sexual da mulher que somente iria conhecer o sexo no casamento. Nos dias atuais, a mentalidade da mulher mudou, já que ela não fica mais à disposição do marido. Ademais, a mulher é educada para ter uma vida social e afetiva, exerce vários papéis na sociedade e tem mais liberdade de se expressar e de tomar decisões. Como exemplo, notemos o relato de Alice:

“[...] As mulheres tem mais liberdade de expressar o que estão pensando, não é? De tomar as decisões que querem na vida, não é?”.

Em conformidade com esses dados, Del Priore (2012; 2014) explicou que, em meados do século passado, a sexualidade feminina somente se realizava por meio do matrimônio, o prazer sexual da mulher não era considerado relevante na conjugalidade e as esposas não podiam questionar os maridos. Contudo, o ganho da liberdade sexual feminina nas décadas seguintes foi destacado por Chaves (2010), Giddens (1993), Llosa (2013) e por Galvão et al. (2016). Além disso, o aumento da autonomia feminina e o acréscimo do poder de decisão e da liberdade de expressão da mulher foram verificados na literatura (Secco & Lucas, 2015).

As entrevistadas ainda expuseram a *‘independência financeira feminina’*, pois, antigamente, o homem era o provedor do lar e a mulher a dona de casa. Assim, a mulher casava para ter um marido que a sustentasse, porque era conveniente casar e ruim ser

desquitada. O lar era o refúgio feminino e alguns casamentos se baseavam em interesses econômicos. Na atualidade, muitas mulheres mantêm sozinhas uma casa, pois o marido pode ficar doente ou desempregado, contribuem financeiramente no lar e não precisam casar-se por questões financeiras.

O modelo do homem provedor e da mulher dona de casa, ressaltado pelas entrevistadas, segundo Del Priore (2014), perdurou até por volta dos anos de 1980. Na pesquisa de Coutinho e Menandro (2010), as idosas explicaram que o casamento era o principal objetivo feminino e possibilitava a estabilidade financeira. Além disso, a percepção feminina da importância de sua independência financeira (Marimón & Vilarrasa, 2014) e o aumento da participação econômica da mulher no lar (Aizpurúa et al., 2007) foram sublinhados na literatura.

Em '*submissão feminina*', as entrevistadas alegaram que, nas décadas anteriores, a mulher era praticamente educada para ser submissa ao marido e atualmente não é mais submissa, pois saber dizer não ao marido. Ademais, para as participantes, os casais mais antigos não consideravam tanto a '*convivência*' como também, hoje em dia, falta paciência em conviver. Outrossim, atualmente os casais precisam aprender a conviver com as diferenças, e a convivência é mais voluntária.

As entrevistadas ainda explicaram que houve mudanças no '*cuidado com a família*', já que, na geração passada, o cuidado dos filhos e do marido recaía sobre a esposa. Porém, hoje, talvez os papéis tenham mudado e haja uma troca de função, isto é, o esposo cuida das crianças e a mulher trabalha. A mulher ainda vai ficar menos tempo em casa e o homem vai ter que ajudar. O marido também se responsabiliza e é mais presente na educação dos filhos.

Embora esses resultados indiquem maior participação do homem nos cuidados com os filhos, conforme a pesquisa de Jablonski (2010) e a de Teykal e Rocha-Coutinho (2007), a maioria dos cuidados com a prole ainda recai sobre a mulher, cujo esposo desempenha um papel coadjuvante nessa tarefa.

Além disso, as mulheres ressaltaram a *'fragilidade dos vínculos'* nos dias atuais, pois existem o ficar e a despreocupação com outrem e falta paciência de tentar. Desse modo, as pessoas acabam não se aceitando, não assumindo compromisso e se separam facilmente por motivos banais, como o fim da atração física. O casamento também perde a credibilidade, já que é banalizado e mostrado como se fosse ruim.

Em similaridade com os nossos dados, a ausência de compromisso para com outrem foi constatada no estudo de Smeha e Oliveira (2013), Chaves (2010) e Galvão et al. (2016). Ademais, a facilidade em que as relações se desfazem (Secco & Lucas, 2015; Carvalho & Paiva, 2009), a instabilidade (Galvão et al., 2016) e a banalização do casamento (Secco & Lucas, 2015) foram destacadas na literatura. Por fim, vale sublinhar que os relatos expressos pelas entrevistadas na categoria em questão são contrários à edificação de um plano de vida ético que deve envolver a vida por inteiro e o eu e o outro em suas singularidades e necessidades (La Taille, 2006).

As participantes também explanaram que o *'respeito'* entre as pessoas está diminuindo. No entender delas, as pessoas não têm mais respeito umas pelas outras, já que os casais se agridem verbalmente, os filhos não respeitam os pais e os valores como, o respeito ao próximo, ser ético e querer construir uma família, se perderam muito. Nesse contexto, o homem tem que aprender a respeitar a mulher que trabalha fora e tem outra rotina. Observemos a declaração de Aléxia:

"[...] 'Ah'! A falta de respeito eu acho que é um. Porque a gente vê as pessoas conversando, uma falta de respeito".

A ausência de respeito, mencionada pelas mulheres, foi constatada no trabalho de Chaves (2010), Coutinho e Menandro (2010) e no de Smeha e Oliveira (2013). Ademais, frisamos a importância do respeito unilateral para entrada no universo moral e do respeito mútuo para a emergência da autonomia moral (Piaget, 1932/1994). Dessa maneira, entendemos que a

ausência de respeito entre os sujeitos pode prejudicar o desenvolvimento do juízo moral, o que torna necessárias a elaboração e a prática de projetos de intervenção em escolas, comunidades e grupos terapêuticos ou não, com pessoas de todas as idades, que visem promover o respeito entre as pessoas.

Além disso, segundo as entrevistadas, os *'sentimentos no casamento'* se modificaram entre as gerações, já que, antigamente, as pessoas se casavam sem ter o que chamamos hoje de amor. Contudo, na atualidade, a única coisa que une o casal é o amor, as pessoas se juntam ou se casam em virtude do querer, da espontaneidade, do sentimento e do afeto. Assim sendo, o casamento é mais gostoso porque se está com quem ama e a manutenção da relação vai ser mais voluntária.

As participantes ainda explanaram que há mais *'companheirismo'* nas relações amorosas atuais, isto é, o homem ficou mais companheiro da mulher que também vai chegar com coisas para contar, para compartilhar com o marido. O casal compartilha a vida, as decisões tomadas na relação são mais compartilhadas e é preciso ter mais cumplicidade. Assim, explicou Alice:

"[...] Eu acredito que o homem ficou mais companheiro com a mulher. [...]"

Indo ao encontro dessa categoria, Marimón e Vilarrasa (2014) frisaram a emergência de novas formas de união amorosa caracterizadas pelo compartilhar decisões e responsabilidades. Na pesquisa de Aboim (2009), as mulheres enfatizaram a ética do companheirismo que envolve a cooperação entre o casal e a importância do projeto familiar em comum. E Gilligan (1982) sublinhou a ética do cuidado na qual a mulher exerce o papel de companheira, visando à manutenção das relações.

Posto isso, passaremos a discutir e/ou apresentar **as categorias que tiveram maior quantidade de respostas aludidas por mulheres entrevistadas no passado, em 1993.** Dessa maneira, elas ressaltaram que mudaram *'os papéis no mercado de trabalho'*, ou seja, antigamente as mulheres praticamente não podiam trabalhar fora, pois as que trabalhavam ou

eram professoras, ou trabalhavam pouco. Quanto aos casais mais jovens, a mulher trabalha e está na rua tanto quanto o homem. O casal divide mais os papéis, pois ambos sustentam a casa, a mulher pode adiar o sonho da maternidade e buscar a realização profissional e é educada para ter uma profissão. Ademais, há homens que precisam que as esposas trabalhem mais e sentem orgulho da mulher trabalhadora/profissional.

Aproximando-se desses relatos, Del Priore (2012) sublinhou o preconceito em torno do trabalho feminino, em meados do século passado, em virtude da crença na incompatibilidade entre a vida familiar e profissional da mulher. Por sua vez, no estudo de Coutinho e Menandro (2010), as idosas destacaram a inserção feminina no mercado de trabalho como relevante para o casamento e, em Secco e Lucas (2015), as mulheres alegaram priorizar a carreira profissional em detrimento do casamento.

Além do mais, as entrevistadas explanaram transformações no *'diálogo'* entre as gerações, pois, antigamente, os casais não questionavam a qualidade da relação amorosa. Na geração mais nova, o casal se autoanalisa, discute mais, os papéis são mais conversados e, até em termos de fidelidade, há mais diálogo. Em geral, os casais estão buscando melhorar a relação por meio do diálogo, conversando e questionando mais.

Em consonância com essa categoria, a carência de diálogo entre os casais, nas gerações passadas, foi explicitada por Del Priore (2012; 2014). Contudo, na atualidade, o diálogo é valorizado na escolha do parceiro (Secco & Lucas, 2015), contribui para a manutenção de um casamento em longo prazo e com maiores níveis de intimidade e de satisfação conjugal (Alves-Silva et al., 2016).

Para as mulheres, há mais *'sinceridade/honestidade'* entre os casais, pois as relações amorosas estão mais abertas, sinceras, diretas e espontâneas. Ademais, é possível dizer para o cônjuge que o casamento acabou, devido à menor influência social e religiosa nos relacionamentos amorosos. As entrevistadas também disseram que, nos casais mais jovens,

existe maior ‘*conhecimento de si e do outro*’, isto é, a conjugalidade alcança maior nível de conhecimento mútuo, as mulheres estão buscando mais conhecimento e podem conhecer-se mais, as pessoas se conhecem melhor e mais rápido.

As mulheres proferiram que as ‘*aspirações/felicidade*’ mudaram, pois, antigamente, os casais almejavam a felicidade dos filhos e uma família ajustada. Na geração mais jovem, a mulher pode buscar mais a sua felicidade e o homem algo diferente na mulher. Ademais, ninguém está disposto a ser infeliz e o sujeito luta pela felicidade pessoal, e não a alheia. O relato de Pilar exemplifica essa categoria:

“[...] *todo mundo quer ser feliz, não importa como. [...] Hoje em dia, você luta para ser feliz, e não para quê as outras pessoas sejam felizes*”.

Cabe ressaltar que esses dados, em parte, não correspondem ao ideal do plano ético (La Taille, 2006) e da ética do cuidado (Gilligan, 1982) nos quais o bem-estar e a felicidade de todos os envolvidos na relação devem ser considerados. Além disso, Del Priore (2014) destacou que as mulheres não estão dispostas a viver em um casamento infeliz, pois preferem desfazer a união e ir à busca da felicidade pessoal.

Posto isso, as participantes mencionaram a ‘*indissolubilidade do casamento*’ na geração anterior em virtude da dificuldade do casal em saber quando a relação terminava, da não reivindicação feminina no casamento, da exigência e da discriminação social principalmente em relação à mulher. Por sua vez, nos casais mais novos, os sujeitos ficam juntos enquanto há amor e, ao perceberem que o amor acabou, vão à luta.

Em semelhança com esses dados, no estudo de Secco e Lucas (2015), as mulheres mencionaram que a submissão feminina colaborava para a durabilidade do casamento. Por outro lado, Del Priore (2014) ressaltou que, quando o amor termina, as pessoas desfazem a sua união amorosa para refazê-la com outrem.

Além disso, as mulheres destacaram a *'infidelidade'* masculina nos casamentos antigos, ou seja, na geração passada, os homens se achavam no direito de terem amantes e as mulheres não reclamavam das traições dos maridos, sofriam caladas. Anos depois, a mulher também passou a trair e a arrumar amante. De tal modo, a tolerância às infidelidades masculinas, expressa pelas participantes, foi mencionada por Del Priore (2012), na pesquisa de Galvão et al. (2016) e na de Coutinho e Menandro (2010). Contudo, Giddens (1993) sublinhou que as mulheres deixaram de tolerar as infidelidades masculinas e também passaram a trair.

Os tabus sobre o *'divórcio'* no passado também ganharam destaque nos relatos das entrevistadas, pois antigamente a separação não era permitida quando o casamento se desgastava. O homem que se separasse dificilmente conseguiria formar outra família e, se assim o fizesse, não seria uma família digna para a sociedade da época; e a mulher desquitada representava um perigo para as outras e era presa fácil para os homens. Na geração mais nova, não existe o tabu da mulher divorciada, e as pessoas não temem enfrentar os problemas que podem advir de uma separação.

Essa categoria vai ao encontro de Del Priore (2012), que explicou que, em meados do século XX, a sociedade discriminava as pessoas divorciadas e os filhos nascidos em famílias constituídas por sujeitos separados. Todavia, segundo Del Priore (2014), décadas depois, com a separação do casamento e da sexualidade dos dogmas religiosos e da procriação, o divórcio deixou de ser vergonhoso e, conforme Borges e Magalhães (2013), pode ser considerado como um ponto de quebra com os modelos familiares estabelecidos até agora.

As participantes ainda aludiram a *'instabilidade/ansiedade'*, pois as pessoas estão muito instáveis depois do pós-tudo e há muita angústia, ansiedade e tensão. Também os jovens não sabem o que estão fazendo, não sabem bem o futuro deles. Observemos o relato de Paula:

"[...] as pessoas estão muito mais instáveis, não é? Depois de tudo, pós-tudo, pós-revolução sexual [...] pós-AIDS [...] Eu acho que tem muita ansiedade nisso tudo".

Tais depoimentos nos remetem à cultura do tédio caracterizada pela ausência de valores estáveis (La Taille, 2009). Ademais, a instabilidade nas relações amorosas foi destacada no estudo de Chaves (2010) e na pesquisa de Secco e Lucas (2015).

Posto isso, apresentaremos e/ou discutiremos **as categorias que não expressaram diferenças relevantes entre os relatos das mulheres das duas gerações**. Dessa maneira, as entrevistadas expuseram mudanças na *'divisão nas tarefas domésticas'*, pois, na geração anterior, cabia à mulher o cuidado da casa. Nos dias atuais, houve uma distribuição das tarefas do lar entre os cônjuges, o espaço doméstico também é responsabilidade do homem que vai ser mais presente nas atividades do lar e ajudar nas tarefas domésticas.

Apesar de a maioria dos relatos inseridos nessa categoria indicar a distribuição das tarefas do lar entre os cônjuges e maior participação do homem nos afazeres domésticos, conforme Jablonski (2010) e Teykal e Rocha-Coutinho (2007), a mulher ainda é a principal responsável pelas tarefas do lar, pois homem exerce papel auxiliar nessa função.

As mulheres ainda explicitaram a *'igualdade entre homens e mulheres'*, isto é, atualmente as relações amorosas são mais igualitárias e existe uma igualdade no casal, já que cada cônjuge tem a mesma autonomia no relacionamento. Em acordo com os esses dados, a igualdade entre homens e mulheres na relação amorosa foi sublinhada na pesquisa de Aboim (2009), Marimón e Vilarrasa (2014), Secco e Lucas (2015) e na de Smeha e Oliveira (2013). Porém, na geração passada, as participantes destacaram que havia o *'machismo'*, ou seja, o homem mandava e desmandava, era mais machista e queria a mulher mais dentro de casa.

Posto isso, indagamos às entrevistadas os motivos das referidas mudanças nas relações amorosas dos casais de modo geral. Elas mencionaram 135 justificativas em que foi possível analisarmos a maneira como a sociedade ou grupos de pessoas foram inseridos nesses argumentos, que organizamos nas categorias expostas na Tabela 2.

Tabela 2: Justificativas para as referidas mudanças nos relacionamentos amorosos dos casais em geral, da geração anterior para os dias atuais.

Categorias	Participantes					
	Atual		Passado		Total	
	N	%	N	%	N	%
Autocentrado na mulher	15	21,4%	11	16,9%	26	19,3%
Conexão da mulher com a sociedade	15	21,4%	7	10,8%	22	16,3%
Desconexão de pessoas/grupos	12	17,1%	4	6,1%	16	11,9%
Conexão de pessoas/grupos	2	2,9%	9	13,9%	11	8,1%
Desconexão na sociedade	10	14,3%	11	16,9%	21	15,6%
Conexão na sociedade	10	14,3%	10	15,4%	20	14,8%
Conexão da mulher com o homem	5	7,2%	6	9,2%	11	8,1%
Dado perdido	1	1,4%	2	3,1%	3	2,2%
Outros	0	0%	5	7,7%	5	3,7%
Total	70	100%	65	100%	135	100%

Primeiramente apresentaremos e/ou discutiremos **as categorias que apresentaram maior quantidade de argumentos proferidos por mulheres entrevistadas atualmente, em 2013.** De tal modo, essas mulheres aludiram à categoria *'autocentrado na mulher'* reportando à mulher o papel de protagonista da própria história de vida. Assim, as uniões amorosas mudaram porque a mulher começou a acreditar mais em si, ganhou a liberdade sexual, ficou independente, sente-se mais feliz, completa e útil e tem a mentalidade mais formada. A mulher ainda se casa para se dedicar à vida dela, e não ao lar; tem a liberdade de fazer o que quer, entra na relação amorosa com mais segurança e possui autonomia sobre si e sobre o seu corpo.

Dessa maneira, essas justificativas proferidas pelas mulheres nos remeteram aos estudos de Andrade e Alencar (2015), Andrade (2012) e de Miranda (2016), nos quais os entrevistados mencionaram argumentos autocentrados referindo-se a si mesmos como pessoas capazes de atuar no mundo, possuidores de características positivas (Andrade, 2012).

As entrevistadas também expressaram a '*conexão da mulher com a sociedade*', isto é, a inserção feminina no mercado de trabalho e o fato de a mulher estar mais envolvida nas questões sociais. Ademais, várias mulheres foram revolucionárias, buscaram o lugar delas na sociedade, lutaram pela igualdade e, assim, direitos femininos foram conquistados. Além disso, houve uma mudança na concepção do que é ser mulher e do papel social feminino.

De tal modo, a conexão com a sociedade foi constatada na pesquisa de Alves et al. (2015), Andrade (2012), D'Aurea-Tardeli (2008) e Miranda (2016). Ainda em proximidade com essa categoria, a inserção da mulher no mercado de trabalho foi destacada como um aspecto relevante para as mudanças nas relações amorosas (Aizpurúa et al., 2007; Carvalho & Paiva, 2009; Del Priore, 2014; Secco & Lucas, 2015).

Na categoria '*desconexão de pessoas/grupos*', as participantes explicaram que as mudanças nos enlances amorosos ocorreram em virtude da ausência de carinho, de gentileza e do distanciamento entre as pessoas. Os sujeitos ainda estão menos tolerantes, pacientes e comprometidos uns com os outros, pois vão morar juntos e trocam rapidamente de parceiro. Ademais, o amor não é prioridade nem é o que rege o casamento, a maioria dos jovens valoriza o *rock*, o sexo e a curtidão e considera a família e o casamento uma babaquice.

Destacamos que, em semelhança com essas explicações, em Chaves (2010), os jovens mencionaram a diminuição da tolerância para com outrem, Miranda (2016) constatou a desconexão de pessoas próximas com o idoso e D'Aurea-Tardeli (2008) verificou que o curtir a vida emergiu dos projetos de vida desconectados de outrem, proferidos pelos adolescentes. Também esses relatos das entrevistadas podem indicar que os relacionamentos amorosos se

tornaram mais frágeis nas últimas décadas, distanciando-se do ideal do plano ético (La Taille, 2006) e da ética do cuidado (Gilligan, 1982).

Por sua vez, **a categoria ‘conexão de pessoas/grupos’, envolveu, na maioria, argumentos explanados pelas participantes do passado, em 1993**, pois, para essas mulheres, podemos estar mais próximos uns dos outros, ajudar e complementar mutuamente. Ademais, as pessoas ficam juntas porque querem, e não por dependência financeira; os jovens são sempre incentivados a questionar as coisas; os pais atribuem as mudanças à geração dos filhos, todos fazem análise e trazem um pouco disso para a relação, e é mais seguro assumir as mesmas posturas dos nossos pais e das pessoas mais velhas. Conforme declarou Paloma:

“[...] a gente pode está muito mais próximo do outro”.

Esses dados nos remetem ao fato de que a conexão com os familiares (Alves et al., 2015; Andrade, 2012; D’Aurea-Tardeli, 2008; Madeira & La Taille, 2004) amigos (D’Aurea-Tardeli, 2008; Madeira & La Taille, 2004), companheiro (a) (D’Aurea-Tardeli, 2008), pessoas próximas (Miranda, 2016) e comunidade surda (Andrade, 2012; Andrade & Alencar, 2015), foi sublinhada na literatura. Ademais, os idosos, na pesquisa de Miranda (2016), mencionaram a conexão do jovem com o futuro.

Dito isso, apresentaremos **as categorias que não apresentaram diferenças relevantes entre os argumentos das mulheres das duas gerações**. Desse modo, as participantes sublinharam a *‘desconexão na sociedade’*, já que vivemos em um momento confuso em que faltam modelos de conduta, e o imediatismo em tudo vai para a relação amorosa. Também as mudanças nos enlances amorosos ocorreram devido às drogas, à guerra, à violência, à Aids, à tecnologia, à mídia, à banalização do divórcio, do recasamento e da infidelidade. Vejamos o relato de Ana:

“[...] a questão o imediatismo em tudo e eu acho que isso vai para o relacionamento”.

Lembramos que, em acordo com esses dados, na pesquisa de Chaves (2010), os jovens explicaram que o aumento e a facilidade da separação, a banalização e a generalização da infidelidade e a aceleração do ritmo de vida estão na base das mudanças nos relacionamentos amorosos. Além do mais, vivemos um momento em que todas as coisas se sucedem em intensa velocidade, o que colabora para a ausência de valores estáveis, para orientar as concepções e as condutas das pessoas (La Taille, 2009).

Em '*conexão na sociedade*', as mulheres explicaram que vivemos um período de transição que envolve o pós-mercado de trabalho, os movimentos e as conquistas sociais, a revolução, a evolução cultural e do mundo e a adaptação aos tempos modernos. Por fim, as entrevistadas destacaram a '*conexão da mulher com o homem*', isto é, o fato de que a mulher está buscando espaço no âmbito profissional com o homem, que cedeu lugar para isso acontecer. Ademais, a visão feminina é mais ampla e há tarefas em que a mulher é mais eficiente do que o homem. Também não sabemos até que ponto uma mulher mais determinada e objetiva não ameaça a postura do homem na relação. Assim sendo, terminadas a apresentação e a discussão dos resultados, teceremos as nossas considerações finais.

Considerações finais

Neste estudo constatamos que todas as entrevistadas consideraram que houve mudanças nas relações amorosas dos casais em geral, de uma geração para a outra. Em termos gerais, as mulheres explicaram que os casamentos anteriores eram caracterizados pelo machismo, e que atualmente existe uma igualdade entre casal e as tarefas domésticas são divididas, pois o homem também se responsabiliza por esses afazeres.

Verificamos que as mulheres entrevistadas em 2013 apresentaram maior número de respostas referentes à submissão feminina nos casamentos antigos, a liberdade e o direito de falar e agir e a independência financeira feminina nos dias de hoje. Elas ainda frisaram que o

homem se tornou mais participativo na educação e no cuidado com os filhos, que os sentimentos, principalmente o amor, se inseriram nos casamentos, que a convivência é mais voluntária - embora seja preciso aprender a conviver com as diferenças - e que, aproximando-se da ética do cuidado (Gilligan, 1982), há mais companheirismo entre os cônjuges.

Por outro lado, essas mulheres realçaram a fragilidade dos vínculos nos dias atuais, que é contrária à concepção do plano ético (La Taille, 2006). Ademais, elas expuseram que o respeito entre as pessoas diminuiu. Tal fato pode prejudicar o desenvolvimento do juízo moral, uma vez que a inserção no universo moral ocorre por meio do respeito unilateral ao adulto e a emergência da autonomia moral depende das relações de respeito mútuo (Piaget, 1932/1994). Dessa forma, fazem-se necessárias a elaboração e a prática de projetos de intervenção que busquem desenvolver o respeito entre as pessoas de modo geral.

Por sua vez, as mulheres entrevistadas, no passado, em 1993, expuseram maior quantidade de respostas sobre as mudanças ocasionadas nos papéis no mercado de trabalho, pois, na geração mais jovem, a mulher trabalha e busca a realização profissional. Essas participantes ressaltaram que há mais diálogo, conhecimento, sinceridade e honestidade entre os casais. Contudo, para elas, também há mais instabilidade e ansiedade na sociedade. Tal fato lembra-nos da intensa velocidade em que as coisas se sucedem na cultura do tédio (La Taille, 2009).

Além disso, essas mulheres proferiram que a geração mais jovem luta pela felicidade pessoal em detrimento da alheia, o que diverge do plano ético (La Taille, 2006) e da ética do cuidado (Gilligan, 1982). Porém, na geração anterior, havia a indissolubilidade do casamento, a tolerância das esposas em relação às infidelidades masculinas e os tabus acerca do divórcio.

Sobre as justificativas apresentadas para as mudanças ocorridas nas relações amorosas, as mulheres entrevistadas atualmente, em 2013, explicitaram maior quantidade de argumentos referente ao protagonismo da mulher em tecer a própria história de vida, aproximando-se dos estudos de Andrade (2012), Andrade e Alencar (2015) e Miranda (2016).

Essas participantes ainda enfatizaram a conexão/atuação da mulher na sociedade e a desconexão entre as pessoas e/ou grupos, sendo que a desconexão entre os sujeitos pode indicar que os relacionamentos amorosos estão se tornando mais frágeis e distanciando-se do plano ético (La Taille, 2006) e da ética do cuidado (Gilligan, 1982).

Por seu turno, as mulheres entrevistadas no passado, em 1993, apresentaram maior número de justificativas sobre a conexão de pessoas e/ou grupos, em virtude de podermos ajudar e complementar uns aos outros, indo ao encontro de pesquisas no campo da Psicologia da Moralidade, realizadas por Madeira e La Taille (2004), Andrade (2012), Andrade e Alencar (2015), D'Aurea-Tardeli (2008), Alves et al. (2015) e Miranda (2016).

Além do mais, houve argumentos que não obtiveram diferenças relevantes entre os relatos das mulheres das duas gerações. Em termos gerais, as participantes alegaram que vivemos um momento de transição que contempla o pós-mercado de trabalho, as conquistas e a evolução cultural, contribuindo para uma conexão na sociedade. Por outro lado, elas destacaram uma desconexão na sociedade, devido à ausência de modelos de conduta, às guerras e à violência. Referiram-se ainda às relações entre as mulheres e os homens, tanto no âmbito profissional quanto no afetivo.

Assim sendo, ressaltamos que este estudo colabora para as pesquisas e fornece subsídios teóricos para profissionais que trabalhem com o tema em questão. Contudo, o fato de ter sido desenvolvido com mulheres jovens casadas, na classe média, sugere a realização de novas pesquisas com sujeitos de todas as idades, do sexo oposto e em outros segmentos sociais, visando melhor compreender o assunto.

Também a desconexão na sociedade e entre pessoas ou grupos, proferida pelas mulheres, destaca a urgência de elaborarmos e de termos em prática projetos de intervenção em comunidades, escolas e/ou grupos, objetivando desenvolver a concepção de que, para viver uma vida boa e feliz, é necessário considerar o bem-estar de todos.

Referências

- Aboim, S. (2009). Da pluralidade dos afetos: Trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24(70), 107-122.
- Aizpurúa, R. I., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2007). Familias brasileiras y argentinas: Entre la tradición y la modernidad. *Revista Interamericana de Psicología*, 41(2), 189-196.
- Alencar, H. M. (1993). *Depoimentos de amor: Um estudo sob a ótica feminina*. Dissertação de mestrado não publicada, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Alves, A. D., Alencar, H. M., Ortega, A. C., Galvão, J. A., & Fonseca, T. P. (2015). Concepção de amor e moralidade: estudo sob a ótica de jovens adultas. *Ariús: Revista de Ciências Humanas e Artes*, 21(1), 105-131.
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2016). Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos*, 9(1), 32-50.
- Andrade, A. N. (2012). *Ecos do Silêncio: juízos de surdos no âmbito da formação superior sobre projetos de vida e humilhação nas perspectivas moral e ética*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. Recuperado de: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_3519_TESE_ALLINE%20N%20ANDRADE%202012.pdf
- Andrade, A. N., & Alencar, H. M. (2015). Políticas públicas, formação superior e atuação profissional: Opções morais e éticas de surdos. *Atos de Pesquisa em Educação*, 10(1), 53-79. doi: 10.7867/1809-0354.2015v10n1p53-79
- Borges, C. C., & Magalhães, A. S. (2013). Individualism, life trajectories and plans of constituting a family. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30(2), 177-185. doi: doi.org/10.1590/S0103-166X2013000200004

- Carvalho, F. C. G., & Paiva, M. L. S. C. (2009). O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. *Boletim de Psicologia*, 59(131), 223-235.
- Chaves, J. C. (2010). A percepção de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 28-46. doi: [10.5752/P.1678-9563.2010v16n1p28](https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2010v16n1p28)
- Coutinho, S. M. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: “Que seja terno enquanto dure”. *Psicologia Clínica*, 22(2), 83-106.
- D’Aurea-Tardeli, D. (2008). A Manifestação da Solidariedade em Adolescentes: Um Estudo Sobre a Personalidade Moral. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(2), 288-303.
- Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: Descobrendo o pensamento das crianças* (F. Murad, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Del Priore, M. (2012). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Del Priore, M. (2014). *Histórias e conversas de mulher: Amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história*. São Paulo: Planeta.
- Galvão, J. A., Alencar, H. M., & Rossetti, C. B. (2016). Moralidade e amor: Estudo de caso com mulheres casadas. *Revista Ciências Humanas UNITAU*, 9(2), 142-155. Recuperado em 26 de março, 2017, de: <http://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/337/206>
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. (M. Lopes, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Gilligan, C. (1982). *Uma voz diferente: Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos LTDA.
- Jablonski, B. (2010). A divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.

- La Taille, Y. (2006). *Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- La Taille, Y. (2009). *Formação ética: Do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Llosa, M. V. (2013). *A civilização do espetáculo: Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura* (I. Benedetti, Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Madeira, E., & La Taille, Y. (2004). *Moralidade e violência: A questão da legitimação de atos violentos*. (Relatório final: Fapesp).
- Marimón, M. M., & Vilarrasa, G. S. (2014). *Como construímos universos: Amor, cooperação e conflito* (S. M. Felix, Trad.). São Paulo: Editora Unesp.
- Miranda, F. H. F. (2016). *Projetos de vida de idosos e suas redes de relacionamentos significativos: Estudo sob as perspectivas moral e ética*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança* (E. Lenardon, Trad.). São Paulo: Summus. (Obra original publicada em 1932).
- Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (2012). Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Recuperado em 26 de março, 2017, de: http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_12.htm
- Secco, M. L., & Lucas, M. G. (2015). A vida amorosa de mulheres financeiramente independente. *Pensado famílias*, 19(1), 61-76.
- Smeha, L. N., & Oliveira, M. V. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2), 33-45.
- Teykal, C. M., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. *PSICO*, 38(3), 262-268.

2.2 Artigo dois

O ponto de vista de jovens mulheres de duas gerações sobre a possibilidade de manter o amor na conjugalidade.⁴

The point of view of young women of two generations about the possibility of maintaining love in conjuality.

Resumo

Em uma perspectiva moral e ética, investigamos a concepção de mulheres sobre a possibilidade de os casais em geral manterem o amor na conjugalidade. Participaram desta pesquisa 15 mulheres entrevistadas por Alencar (1993) e 15 mulheres entrevistadas atualmente, entre 20 e 30 anos, casadas, sem filhos e, na classe média. Utilizamos um instrumento semiestruturado e priorizamos a análise qualitativa dos dados (Delval, 2002). Constatamos que a maioria das entrevistadas considerou a possibilidade de o amor permanecer na conjugalidade. Como justificativas, elas mencionaram, os sentimentos, e as entrevistadas, no passado, enfatizaram a experiência. Os problemas conjugais, a intolerância, a incompreensão e a abdicação somaram 18% dos argumentos indo de encontro à ética do cuidado e ao plano psicológico ético, que deve contemplar o eu e outrem na busca por uma vida boa. Este trabalho contribui para as pesquisas e fornece subsídios teóricos a psicólogos que trabalham com o tema em questão.

Palavras-chave: Casamento. Amor. Virtude. Moral. Ética.

Abstract

From a moral and ethical perspective, we investigate the conception of women about the possibility of couples in general maintaining love in conjuality. Fifteen women interviewed by Alencar (1993) and 15 women currently interviewed, between 20 and 30 years old, married, without children, and in the middle class, participated in this study. We used a semi-structured instrument and prioritized qualitative data analysis (Delval, 2002). We found that most interviewees considered the possibility of love remaining in conjuality. As justification, they mentioned feelings, and interviewees, in the past, emphasized experience. Marital problems, intolerance, incomprehension and abdication accounted for 18% of the arguments going against the ethics of care and the ethical psychological plan, which should consider the self and others in the pursuit of a good life. This work contributes to the researches and provides theoretical reference to psychologists who work on the issue in question.

⁴ Este artigo apresenta-se em partes, conforme as normas (da ABNT) da revista *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, ISSN: 1679-0383, à qual foi submetido em 28 de abril de 2017, e encontra-se em uma nova versão após o parecer recebido em 19 de junho de 2017, pois a revista em questão requer que todas as margens sejam de dois cm.

Keywords: Marriage. Love. Virtue. Moral. Ethic.

Introdução

Segundo Ferry (2013), do feudalismo ao século XVII, o amor não era considerado fundamental para o casamento, pois os matrimônios eram combinados pelas famílias dos noivos e visavam principalmente à manutenção de bens materiais. Tal fato começou a se modificar com a Revolução Industrial, que permitiu às mulheres certa autonomia financeira e a possibilidade de escolherem um parceiro conforme o amor. Dessa maneira, o autor explicou que o casamento baseado no amor nasceu primeiramente no meio operário europeu e se estendeu à burguesia, em virtude de questões financeiras, e às demais regiões do mundo após a Segunda Guerra Mundial.

Assim sendo, começaram a emergir, no fim do século XX, diferentes formas de se relacionar como casal, por exemplo: Giddens (1993) destacou o casamento por companheirismo que se edifica na igualdade e na simpatia recíproca e o ‘amor confluyente’ que supõe a reciprocidade na doação e na aceitação emocional entre os parceiros. Porém, o ‘amor confluyente’ é um amor transitório, ativo e contrário às noções de “para sempre” e “único” (p.72) do amor romântico, pois, nessa forma de amor, os parceiros tendem a permanecer juntos somente até quando a relação amorosa for satisfatória para ambos. Desse modo, os divórcios podem ser mais um efeito do surgimento do ‘amor confluyente’ do que a sua causa.

Ferry (2013) ainda ressaltou que a banalização do divórcio nos dias atuais pode estar relacionada com a inserção do amor no seio conjugal, pois pautar um casamento apenas no amor- paixão equivale a tentar construí-lo em um terreno frágil e instável. Também Vieira e Stengel (2010), em estudo realizado com três casais, nas idades entre 28 e 40 anos, constataram que, para alguns dos entrevistados, a separação será algo aceitável se o casamento se tornar insatisfatório. Coutinho e Menandro (2010), na pesquisa com 10 mulheres que foram mães nos anos de 1960 e com 10 mulheres que foram mães na década de 1990, verificaram que, na concepção de algumas participantes, atualmente as pessoas se casam pensando no divórcio. Chaves (2010), ao entrevistar 12 sujeitos, nas idades entre 18 e 25 anos, de ambos os sexos, notou que, para a maioria desses jovens, a facilidade de separação contribui para as mudanças nas relações amorosas.

Por sua vez, Bauman (2004) considerou que os casamentos tradicionais “até que a morte nos separe” (p.26) estão sendo preteridos pelo “ficar junto” (p.26) em período parcial e/ou flexível. Além disso, Costa (2004) assinalou que a instituição familiar vem sendo desestabilizada pela ‘moral do espetáculo’, que se caracteriza pelo ideal da felicidade das sensações e da vida como entretenimento. Na ‘moral do espetáculo’, os caminhos para atingir a felicidade e o sentido da vida são difundidos pela mídia e apreendidos pelas pessoas de modo passivo, sem que haja uma avaliação do que é apresentado. Também os sujeitos (nove pessoas casadas, de ambos os sexos, de idades entre 40 e 57 anos) entrevistados por Costa e Mosmann (2015) esclareceram que a mídia pode interferir nas relações amorosas, colaborando para o egoísmo, a intolerância às diferenças e às frustrações e a mudança do que se espera do enlace amoroso.

Assim sendo, vimos que, para Costa (2004), a sociedade, neste início de século, se caracteriza por uma ‘moral do espetáculo’, a qual possui como instrumento a mídia, que é capaz de influenciar os relacionamentos amorosos (COSTA; MOSMANN, 2015). Ademais, La Taille (2009) discutiu que vivemos em uma ‘cultura do tédio’ em que as tradições do passado e as expectativas sobre o futuro perderam a sua influência na atribuição do sentido da vida pelas pessoas. O autor ainda definiu os planos moral e ético, conferindo à ética a busca por uma vida boa e feliz para si próprio e para o outro e à moral o âmbito das obrigações/deveres para com outrem e a sociedade (LA TAILLE, 2010).

Contudo, bem antes de La Taille (2010) definir os planos moral e ético, a moralidade humana foi investigada por Piaget (1932/1994). O autor constatou que, por volta dos seis anos de idade, das relações de coação e do respeito unilateral à autoridade adulta emerge a heteronomia moral e, ao redor dos nove anos, das relações de reciprocidade e do respeito mútuo surge a autonomia moral, caracterizada pela construção da capacidade de colocar-se no ponto de vista alheio. Porém, em suas pesquisas, Piaget (1932/1994) entrevistou principalmente sujeitos do sexo masculino e enfatizou o ideal de justiça.

Com base nisso, Gilligan (1982) ampliou os estudos sobre a moralidade, investigando o desenvolvimento do juízo moral de mulheres. A autora averiguou que as mulheres apresentam um desenvolvimento moral voltado para uma ‘ética do cuidado’, da compreensão das responsabilidades e das obrigações para consigo mesmo e para com os outros. Uma ética que busca corresponder às necessidades e ao bem-estar de todas as pessoas envolvidas na relação, de modo que ninguém seja excluído. Assim, as mulheres tendem a se definir e a se

avaliar em um contexto de relacionamentos no qual desempenham um papel de cuidadora, de companheira, isto é, daquela que tece as relações, visando à manutenção dos laços entre os sujeitos.

Cabe sublinhar que as pesquisas realizadas por Piaget (1932/1994) e os estudos desenvolvidos por Gilligan (1982) podem ter sido influenciados pelos modelos de conduta em voga, até meados do século XX. Nesse contexto, segundo Del Priore (2014), a esfera pública era destinada ao homem e a privada à mulher. Assim sendo, o marido era considerado o chefe de família, detentor da autoridade sobre a esposa e os filhos, e a mulher a responsável pela manutenção do casamento, pelo cuidado do lar, do marido e dos filhos. Desse modo, destacamos que esses fatores sociais, explicitados por Del Priore (2014), podem ter conduzido Piaget (1932/1994) a priorizar estudos com sujeitos do sexo masculino, e, provavelmente, estavam implicados na constituição subjetiva das mulheres entrevistadas por Gilligan (1982).

Por sua vez, La Taille (2001) ressaltou que o que esclarece a passagem da heteronomia moral para a autonomia moral é mais a tendência de considerar outrem em sua singularidade do que a conscientização desse outro como sujeito de direito. De tal modo, na trajetória da construção do ideal de justiça, todas as virtudes que consideram outrem em sua particularidade, por exemplo, a tolerância, o amor e o humor, desempenham uma função e, por esse motivo, são merecedoras de investigação por parte do psicólogo. Ainda, Comte-Sponville (1999) explanou que as virtudes são os valores morais do homem vividos na ação, possíveis de ser adquiridas por meio da educação e de exemplos. Dessa maneira, neste estudo optamos por investigar a virtude do amor e, assim, indagamos: O que seria o amor?

Comte-Sponville (2011) apresentou os três nomes gregos do amor, a saber: *éros*, *philia* e *ágape*. Desse modo, *éros* é o amor-paixão que sentimos quando estamos apaixonados e é o amor, conforme Platão em *O banquete*, definido pela incompletude, pela carência e pela falta. Porém, com a convivência diária, essa paixão amorosa pode transformar-se em amor *philia*, no qual amamos alegremente a pessoa que está presente em nosso dia a dia. Por fim, *ágape* é o amor divino e universal. É o amor da caridade e da renúncia em que buscamos amar o outro para o bem dele em detrimento do nosso bem.

Além disso, Jablonski (1991) proferiu que, no início de uma relação amorosa, encontramos o amor-paixão e, nos casos em que a união permanece, essa forma de amor se modifica em amor companheiro, no qual predominam o companheirismo, a amizade e o que se concretiza por meio do convívio em comum. Segundo Ferry (2013), o amor-paixão dura

pouco e, se o casal desejar sobreviver ao esvanecimento desse amor, deve modificá-lo em algo mais sólido, por exemplo, em uma amizade amorosa. Também, em um estudo realizado com 22 mulheres, entre 30 e 40 anos de idade, Aboim (2009) constatou que, para a maioria das entrevistadas, o início da vida conjugal foi caracterizado pela paixão amorosa que, com a convivência diária e com o nascimento dos filhos, se transformou em um amor-amizade.

De tal modo, no entender de Comte-Sponville (2011), Ferry (2013), Jablonski (1991) e das entrevistadas por Aboim (2009), o amor pode transformar-se com o convívio diário. Ademais, convém indagar: O que dizem as pesquisas sobre o conceito de amor? Estrella (2011) pesquisou a concepção de amor com 32 adolescentes, de ambos os sexos, entre 15 e 17 anos de idade. Os entrevistados mencionaram como definição de amor o respeito, o sentimento, o carinho, a amizade e Deus. No estudo de Alves (2016) com 40 adolescentes de 12 e 15 anos, de ambos os sexos, os participantes citaram o sentimento e a amizade para conceituar o amor e sublinharam a experiência vivenciada tanto por outros quanto por eles próprios como justificativas para os conceitos de amor, a possibilidade de amar ou não outro adolescente do sexo oposto, um amigo, um desconhecido e um inimigo. Em Alves et al. (2015a), os seis adolescentes entrevistados, de 12, 15 e 18 anos, de ambos os sexos, expuseram o sentimento ao próximo, a amizade e o amor a Deus como exemplos de amor e justificaram as suas respostas com base na experiência vivenciada.

Alves et al. (2015b) ainda pesquisaram o conceito de amor com 17 mulheres casadas, entre 20 e 30 anos. Assim, para definir o amor, as entrevistadas citaram a amizade, Deus, o companheirismo, o respeito, o carinho, o sentimento e a abdicção. Ademais, nas pesquisas realizadas com 40 crianças, de seis e nove anos, de ambos os sexos, os infantes mencionaram o sentimento (ALVES; ALENCAR; ORTEGA, 2014) e o amor a Deus, ao conceituarem o amor (ALVES; ALENCAR; ORTEGA, 2012, 2014), e justificaram as suas respostas aludindo à consequência positiva recíproca (ALVES; ALENCAR; ORTEGA, 2012, 2014).

Por sua vez, Costa e Fernandes (2012) investigaram as representações sociais do amor com 301 adolescentes solteiros, de ambos os sexos, entre 12 e 18 anos. As pesquisadoras verificaram que as categorias mais evocadas pelos participantes para o vocábulo amor foram companheirismo (64,8% dos adolescentes), carinho (54,8% dos participantes) e sentimento (42,2% dos adolescentes). Porém, a categoria compreensão, que inseriu a tolerância, foi evocada por apenas 10,3% dos adolescentes. Além do mais, os jovens no estudo de Chaves (2010) explicaram que o amor é um sentimento forte e profundo, capaz de aproximar as

pessoas e de levá-las ao anseio por estar juntas. Na pesquisa de Fonseca e Duarte (2014), realizada com cinco casais, entre 26 e 37 anos, os entrevistados mencionaram que o amor é a compreensão mútua e a preocupação com a felicidade do outro e que no namoro esperavam encontrar no parceiro amoroso o companheirismo.

Também no estudo Stengel e Tozo (2010), os sete adolescentes, de ambos os sexos, entre 15 e 19 anos, esclareceram que estimam em um parceiro amoroso o amor, o companheirismo e a amizade. Marimón e Vilarrasa (2014), em uma investigação realizada com 160 universitários solteiros, de ambos os sexos, entre 18 e 24 anos, constataram que os participantes esperam da pessoa amada a reciprocidade no amor e nos comportamentos e buscam encontrar no parceiro e/ou no casal o carinho, o respeito, o sacrifício, a felicidade, a amizade e a entrega total. No trabalho de Zordan, Falcke e Wagner (2009), com 197 pessoas solteiras, 120 mulheres e 77 homens, entre 20 e 31 anos, os participantes explicaram que esperam do casamento principalmente o amor e o companheirismo.

Além disso, Smeha e Oliveira (2013), na pesquisa com oito sujeitos, de ambos os sexos, entre 18 e 23 anos, verificaram que os participantes procuram, em um enlace amoroso, a confiança mútua, o diálogo sincero, o respeito e alguém responsável. Ainda, Silva, Menezes e Lopes (2010), ao entrevistarem cinco casais de noivos, entre 21 e 32 anos, notaram que os participantes valorizavam, em seus relacionamentos amorosos, o carinho e o amor no casal, a participação recíproca nas ideias e o diálogo.

Sobre os motivos que conduzem as pessoas ao matrimônio, Marimón e Vilarrasa (2014) explicaram que o amor ainda é compreendido como uma das melhores motivações para a união conjugal. Jablonski (1991), ao entrevistar 400 sujeitos de ambos os sexos, divididos entre solteiros, casados e divorciados, verificou que, para os entrevistados, o amor é o principal motivo para o casamento. Carvalho e Paiva (2009) pesquisaram a percepção de seis mulheres de três diferentes gerações acerca do casamento. As autoras averiguaram que, para as entrevistadas mais jovens, o matrimônio deve acontecer principalmente por amor. Ainda as mulheres mais jovens, em Coutinho e Menandro (2010), destacaram o amor e o fato de a união ser obra divina como motivos para o casamento. Em Zordan, Falcke e Wagner (2009), os jovens mencionaram como motivação para a união o amor, a certeza do sentimento pelo outro, a fé de quem considera o casamento sagrado e o fato de o matrimônio ser valorizado em várias religiões.

Cabe ressaltar que Llosa (2013) ponderou que a religiosidade é de suma relevância para a maioria dos sujeitos, pois somente a segurança difundida por meio da fé pode libertar o homem da inquietação, do medo, da finitude humana. Além do mais, para Cortella e La Taille (2005), estamos assistindo ao ressurgimento “das estruturas religiosas” (p. 23), já que, em nenhum outro momento histórico, tantas formas de religiosidade puderam ser vistas, conforme observamos atualmente.

De tal modo, a influência da religiosidade com a responsabilidade, o amor entre os cônjuges, a crença no matrimônio como uma parceria entre o casal e o diálogo foram verificados como aspectos relevantes para a manutenção de um casamento de longa duração na revisão de literatura realizada por Alves-Silva, Scorsolini-Comin e Santos (2016). Também Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (2005), em um estudo com 10 sujeitos de ambos os sexos, entre 13 e 17 anos, conferiram que os adolescentes consideram que o amor e o respeito concorrem para a manutenção de uma relação amorosa e buscam a pessoa certa para um enlace futuro duradouro. No trabalho de Jablonski, (1991) os entrevistados ressaltaram que o amor, o respeito mútuo, o companheirismo e a sorte podem contribuir para a permanência da união amorosa.

Em Vieira e Stengel (2010), a metade dos entrevistados destacou a necessidade de abrir mão da individualidade em favor da manutenção do casamento. Os participantes, na pesquisa de Costa e Mosmann (2015), explicaram que o respeito coopera com a conservação da união amorosa, e o companheirismo e a amizade são construídos no casamento e a maturidade torna a conjugalidade mais feliz e estável, pois o casal aprende a lidar construtivamente com os conflitos. Ademais, Del Priore (2014) expôs que atualmente se tende a crer que o sucesso de uma relação amorosa provém da “valorização de um compromisso em longo prazo” (p.101), isto é, de um investimento diário no relacionamento, acompanhado da amizade e do respeito mútuo. Por fim, Marimón e Vilarrasa (2014) esclareceram que, para edificar uma vida em comum, é importante que o casal caminhe pela mesma estrada, pois os cônjuges somente conseguirão viver de forma amorosa se estiverem dispostos a construir uma história conjunta na qual os seus sentimentos se combinem com outros aspectos da vida.

Assim sendo, verificamos que Alves-Silva, Scorsolini-Comin e Santos (2016), Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (2005), Jablonski (2005), Vieira e Stengel (2010), Costa e Mosmann (2015), Del Priore (2014) e Marimón e Vilarrasa (2014) mencionaram aspectos que podem contribuir para a manutenção de uma relação amorosa. Constatamos que o amor como

virtude moral pode emergir, entre as pessoas, por meio da educação e de exemplos (COMTE-SPONVILLE, 1999), o desenvolvimento do juízo moral autônomo requer relações de reciprocidade e de respeito mútuo (PIAGET, 1932/1994), a ‘ética do cuidado’ (GILLIGAN, 1982) e a construção de um plano de vida ético (LA TAILLE, 2010) devem contemplar as necessidades e as singularidades de todos os sujeitos envolvidos na situação. Por outro lado, Ferry (2013), Bauman (2004), Giddens (1993) e Costa (2004) sinalizaram certa fragilidade nos casamentos.

Pautados nessa problemática, este estudo tem por objetivo investigar, em uma perspectiva moral e ética, se há ou não diferenças entre as respostas de mulheres que foram entrevistadas em 1993 por Alencar e as de mulheres que entrevistamos atualmente sobre a concepção e as justificativas para a possibilidade ou não de os casais, de modo geral, manterem o amor na conjugalidade.

Destacamos que não encontramos na literatura um consenso sobre a definição de conjugalidade, muitas vezes não diferenciada da concepção de casamento (OLIVEIRA, 2012; OLTRAMARI, 2009; ROLIM; WENDLING, 2013). Ademais, Rolim e Wendling (2013) expuseram que, por um longo período, a conjugalidade se atrelava às expectativas familiares e tradicionais. Porém, segundo os autores retromencionados, atualmente a união conjugal se insere em um “pluralismo de modelos” (p. 173). Nesse contexto, Amorim e Stengel (2014) utilizaram o vocábulo ‘customizadas’ para definirem as relações conjugais em que os parceiros amorosos combinam valores tradicionais e pós-modernos, constituindo um modo singular de relação conjugal.

Dessa maneira, neste estudo, consideramos por conjugalidade a união entre um homem e uma mulher que dividem o mesmo lar, independente de serem casados no civil e/ou no religioso. Esclarecemos que a relação da conjugalidade com a moralidade refere-se ao fato de que, na união conjugal, os cônjuges podem ou não considerar o bem estar e a felicidade mútua, bem como buscar ou não construir uma relação caracterizada pelo compromisso e pelo dever para com outrem.

Por fim, frisamos que com esta pesquisa, visamos contribuir para os estudos acerca do amor, das relações amorosas, da moral e da ética e levantar subsídios teóricos que auxiliem a prática de psicólogos que trabalham com o tema em questão. Assim sendo, apresentaremos a metodologia utilizada nesta pesquisa.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 15 mulheres que foram entrevistadas por Alencar (1993) e 15 mulheres que entrevistamos na atualidade, sem filhos, que conviviam em conjugalidade com os seus parceiros, entre 20 e 30 anos, da classe média.

Escolhemos entrevistar mulheres sem filhos com vista a neutralizar as possíveis interferências dessa característica nas respostas das participantes. Optamos pela classe média porque, por volta dos anos de 1990, conforme Jablonski (1991), esse segmento social tendia a difundir e/ou impor valores, opiniões e costumes em um amplo número de situações, devido ao significativo controle que exercia sobre os veículos de comunicação e as artes. No início do século XXI, segundo Aboim (2009), as camadas médias urbanas brasileiras são as principais responsáveis pelo distanciamento das práticas e dos valores tradicionais, já que é possível que, nesses grupos sociais, o individualismo e o ideal de igualdade tenham mais expressão, o que pode contribuir para a emergência de diferentes formas de relações amorosas e familiares. Ademais, Senna (2015) explicou que os sujeitos pertencentes à classe média colaboram na construção de novas concepções, favorecendo importantes mudanças sociais igualmente às que temos vivenciado desde a Idade Média.

Instrumento e procedimentos

As 30 participantes foram selecionadas por meio de indicação. As entrevistas ocorreram individualmente, em dia, local e hora combinados pelas mulheres, foram gravadas em áudio, transcritas na íntegra, cujos protocolos se encontram guardados em arquivos pessoais das pesquisadoras. Utilizamos um instrumento semiestruturado contendo as seguintes perguntas: 1) *‘Hoje, em relação aos casais em geral, você acha possível ou não manter o amor na convivência diária?’*; 2) *‘Por quê?’*. Em relação às mulheres entrevistadas atualmente, elas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido no qual explicamos os objetivos desta pesquisa, garantimos o anonimato e expusemos que poderiam desistir de participar do trabalho sem sofrerem nenhum prejuízo e que os resultados seriam submetidos à

publicação em um periódico científico. Sublinhamos que às mulheres entrevistadas em 1993 não foi entregue nenhum termo de consentimento livre e esclarecido, pois, à época, não havia essa exigência. De tal modo, foi considerado o consentimento verbal dessas participantes. Esclarecemos que este estudo segue as diretrizes da Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.º 466/2012 (2012) e que foi aprovado pelo do Comitê de Ética em Pesquisa com o Parecer n.º 419.793.

Análise dos dados

Conforme propõem Delval (2002), priorizamos a análise qualitativa dos dados. Dessa maneira, realizamos uma leitura flutuante dos 30 protocolos de entrevistas no intuito de identificarmos tendências gerais nas respostas das entrevistadas. Feito isso, elaboramos as categorias detalhadas (microcategorias) para as respostas e as justificativas apresentadas pelas mulheres. Em seguida, organizamos as categorias detalhadas em categorias resumidas (macrocategorias) com base no critério de semelhança entre os esclarecimentos apresentados pelas participantes. Por fim, visando à melhor clareza na exposição e na discussão dos resultados, empregamos números e percentuais, e redigimos os nomes das categorias no texto em itálico e entre aspas simples.

Apresentação e discussão dos resultados

Ao indagamos as mulheres se, em relação aos casais em geral, consideravam ou não possível manter o amor na convivência diária, das 15 mulheres entrevistadas no passado, 11 (73,3%) responderam que é '*é possível*', três disseram que '*depende*' (20%) e uma aludiu que '*não sabe se é possível*' (6,7%). Por sua vez, das entrevistadas atualmente, 14 mencionaram que '*é possível*' (93,3%) e uma proferiu que '*não é possível*' (6,7%).

Destacamos que 19 participantes mencionaram mais de uma justificativa para a possibilidade ou não de os casais em geral manterem o amor no cotidiano. Desse modo, embora o número de entrevistadas tenha sido 30, obtivemos 67 argumentos que organizamos nas categorias resumidas (macrocategorias) expostas na Tabela 1. Esclarecemos que o cálculo da porcentagem foi realizado com base na quantidade de respostas proferidas pelas mulheres. Apenas sublinharemos as diferenças relevantes entre as justificativas das duas gerações de entrevistadas e destacaremos a correspondência entre a resposta e os seus argumentos nas

categorias que apresentaram respostas diferentes para a possibilidade ou não de os casais de modo geral manterem o amor na conjugalidade. Empregamos nomes fictícios iniciados com a letra “P” para nos referirmos às participantes entrevistadas no passado e com a letra “A” para as entrevistadas atualmente.

Tabela 1. Justificativas para a possibilidade ou não de os casais de modo geral manterem o amor no convívio diário.

Categorias	Passado		Atualidade		Total	
	N	%	N	%	N	%
Sentimentos	7	24,2%	11	28,9%	18	26,8%
Experiência	8	27,6%	5	13,2%	13	19,4%
Reciprocidade	2	6,9%	4	10,5%	6	8,9%
Abdicação	2	6,9%	2	5,3%	4	6%
Problemas conjugais	2	6,9%	2	5,3%	4	6%
Incompreensão	1	3,4%	1	2,6%	2	3%
Intolerância	0	0%	2	5,3%	2	3%
Sorte	2	6,9%	0	0%	2	3%
Religiosidade	0	0%	2	5,3%	2	3%
Questão pessoal	1	3,4%	1	2,6%	2	3%
Companheirismo	1	3,4%	1	2,6%	2	3%
Outros	3	10,4%	7	18,4%	10	14,9%
Total	29	100%	38	100%	67	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A categoria ‘*sentimentos*’ contemplou o maior número de argumentos para a resposta ‘*é possível*’ que os casais de modo geral mantenham o amor na conjugalidade, pois, no entender das participantes, o amor é a base do casamento, amadurece, não se perde no cotidiano e está presente em todas as ações, inclusive nas brigas. Ademais, a paixão e a atração física se transformam em amor ou em um sentimento diferente. Também o amor pode permanecer no casamento devido à falta que um sente do outro, à dedicação ao sentimento e ao sentimento em si mesmo. Vejamos dois relatos que exemplificam essa categoria:

Porque eu acho que na realidade a paixão não se mantém, ela se transforma. No início de uma relação você pode estar até apaixonado, mas depois de um determinado tempo, vem o amor. [...] E porque como se fosse a praia, não é? O amar

é uma coisa que te leva, que te carrega [...] Depois de um determinado tempo é como um rio que é calmo, sem onda que você sabe exatamente onde é a margem onde não é, onde é fundo onde é raso. [...] O amor se transforma não é? (Pilar).

[...] porque o amor está em tudo aquilo que você faz, não é? Então, só porque você briga não quer dizer que você não está demonstrando amor, não é? Só porque você [...] Fala alguma coisa que o seu parceiro não venha a gostar. Não quer dizer que você não está. Que você não está demonstrando o amor. (Alessandra).

Da mesma forma, o casamento pautado no amor foi destacado por Ferry (2013). Nos trabalhos de Carvalho e Paiva (2009), Coutinho e Menandro (2010), Jablonski (1991), Marimón e Vilarrasa (2014) e de Zordan, Falcke e Wagner (2009), o amor emergiu como uma relevante motivação para o matrimônio. Ainda em Jablonski (1991) e em Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (2005), os participantes mencionaram que o amor é um ingrediente que contribui para a manutenção do vínculo amoroso. Na pesquisa de Zordan, Falcke e Wagner (2009), os jovens expuseram o amor como expectativa para o enlace amoroso e a certeza do sentimento pelo parceiro motivando a união. Lembramos também que o sentimento foi relacionado ao conceito de amor nas pesquisas de Alves (2016), Alves, et al. (2015a, 2015b), Alves, Alencar e Ortega (2014), Chaves (2010), Costa e Fernandes (2012) e de Estrella (2011).

Ademais, o fato de o amor amadurecer e a paixão e a atração física se transformarem em um sentimento diferente ou em amor, no convívio diário, conforme proferido pelas mulheres, condiz com Comte-Sponville (2011), ao explicar que o amor *éros*, caracterizado pela falta, se modifica em amor *philia*. Aproxima-se ainda de Jablonski (1991), ao esclarecer que o amor-paixão evolui para o amor companheiro, e de Aboim (2009) e de Ferry (2013), que ressaltaram que a paixão amorosa pode transformar-se em um amor-amizade.

Cabe ressaltar que não foi possível constatar nos nessa categoria a relação do amor com as virtudes morais, já que as entrevistadas enfatizaram os *'sentimentos'*, e não a singularidade do outro (LA TAILLE, 2001). Também não verificamos a inserção do amor, mediante os discursos das mulheres, na construção do plano ético, o qual consiste na busca por uma vida boa e feliz para si próprio e para outrem (LA TAILLE, 2010). Dessa maneira, sugerimos que se investiguem, em outros estudos, a relação entre o amor, as virtudes morais e o plano ético na conjugalidade.

Por sua vez, a categoria *'experiência'* reuniu oito argumentos de mulheres entrevistadas no passado, dos quais sete se referiram à resposta *'é possível'* e um à menção *'não sabe se é possível'*, além de cinco justificativas de mulheres entrevistadas atualmente,

três para a declaração *'é possível'* e duas para *'não é possível'*. Dessa maneira, as participantes que alegaram que *'é possível'* manter o amor na conjugalidade justificaram os seus pontos de vista mencionando a maturidade, a experiência pessoal, a observação da experiência vivenciada por familiares e por casais com mais de 50 anos de casados que, apesar das dificuldades, o amor perdura. Sobre a resposta *'não sabe se é possível'*, esta obteve por argumento o fato de que os casamentos duradouros estão cada vez mais raros. Já para o *'não é possível'* foi proferido que o grande índice de divórcio pode influenciar as demais pessoas. Como exemplo, destacamos os seguintes depoimentos:

[...] Eu fui a uma boda de ouro, cinquenta anos de casada, não é? E eu me pergunto. Não sei, não é? Quer dizer, assim? É uma coisa muito difícil. [...] eu falei: 'Eu vou porque isso é raríssimo, não é?' É uma coisa, assim, que hoje em dia está cada vez mais raro. [...] (Penha).

Hoje em dia, o que mais você ouve falar são as pessoas, 'ah, se eu casar e não der certo, eu vou separar'. Porque, às vezes, o casal já vem de uma família que, eu, por exemplo, meus pais são separados. Então, a minha família já vem de uma história dessas. Meus tios, tudo! A maioria é separada. [...] (Aléxia).

Assim sendo, vimos que as mulheres entrevistadas no passado apresentaram maior quantidade de respostas nessa categoria o que pode estar relacionado com o fato de que essas participantes possuíam um referencial mais sólido nas tradições do passado e nas projeções futuras (LA TAILLE, 2009), intervindo na percepção da própria vivência e na observação da experiência dos outros. A experiência vivenciada também foi mencionada como justificativa para a definição do amor (ALVES, 2016; ALVES; ALENCAR; ORTEGA, 2012, 2014; ALVES et al., 2015a), para a possibilidade de amar ou não outro adolescente do sexo oposto, um amigo, um desconhecido e um inimigo (ALVES, 2016). No estudo de Costa e Mosmann (2015), os entrevistados ressaltaram que a maturidade torna a convivência conjugal mais estável e feliz.

Esses resultados ainda vão ao encontro de Bauman (2004), que enfatizou que os casamentos duradouros estão sendo substituídos por relações amorosas mais flexíveis e efêmeras, e de Chaves (2010), que averiguou que, no entender dos entrevistados, o aumento e a facilidade de separação contribuem para as mudanças nas relações amorosas. Além disso, remetem-nos a Giddens (1993), ao explicar que o acréscimo de divórcios pode ser um efeito do amor confluyente, e a Ferry (2013), ao esclarecer que a banalização do divórcio pode estar relacionada à emergência do casamento por amor.

Em '*reciprocidade*', agrupamos um argumento de uma participante do passado, que alegou que '*depende*' ser possível ou não manter o amor na conjugalidade, uma justificativa de outra entrevistada no passado, que proferiu que '*é possível*' e quatro esclarecimentos proferidos por mulheres entrevistadas atualmente, que mencionaram que '*é possível*'. De tal modo, as participantes que disseram que '*é possível*' evocaram a '*reciprocidade*' que abrange a sinceridade, fortalece o casal, o bem-querer e o amor entre os cônjuges e permite a tolerância, o respeito e o altruísmo entre o casal. Por seu turno, a entrevistada que declarou que '*depende*' ressaltou a eterna troca de informações, de carinhos e de responsabilidades. Observemos o depoimento de Andreia:

Você pode querer bem ao outro, por muito tempo. Desde que o outro também te queira bem, claro? Desde que haja a contribuição. Porque quando não é essa coisa unilateral? Quando é relacionamento, não é? Homem- mulher ou mulher-mulher, homem-homem tem que o do outro, Sabe? Tem que ter a contrapartida.

Com base nessas respostas, vale lembrar que as relações de reciprocidade e de respeito mútuo são imprescindíveis para o desenvolvimento da autonomia moral (PIAGET, 1932/1994). Em trabalhos realizados com crianças, a consequência positiva recíproca foi mencionada como justificativa para os exemplos de amor (ALVES; ALENCAR; ORTEGA, 2012, 2014). Ademais, a participação nas ideias (SILVA; MENEZES; LOPES, 2010), a igualdade e a simpatia recíprocas, a reciprocidade na doação e na aceitação emocional (GIDDNES, 1993), no amor e nos comportamentos (MARIMÓN; VILARRASA, 2014) foram sublinhados como ingredientes relevantes para as relações amorosas.

Além disso, em proximidade com os nossos dados, na pesquisa de Smeha e Oliveira (2013), os jovens explicaram que buscam em um enlace amoroso a confiança mútua, o diálogo sincero e a responsabilidade. Em Fonseca e Duarte (2014), a compreensão mútua foi relacionada ao amor. Por sua vez, o respeito mútuo foi destacado por Del Priore (2014) e, no estudo de Jablonski (1991), como considerável para a manutenção da relação amorosa. Ademais, é importante que em um casal existam o carinho (MARIMÓN; VILARRASA, 2014; SILVA; MENEZES; LOPES, 2010), o respeito (MARIMÓN; VILARRASA, 2014), o amor (ALVES-SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2016; SILVA; MENEZES; LOPES, 2010) e a responsabilidade (ALVES-SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2016).

Isso posto, a '*abdicação*' envolveu um esclarecimento de uma mulher entrevistada no passado, que alegou que '*depende*' ser possível ou não manter o amor no cotidiano, um argumento de outra participante do passado, que mencionou que '*é possível*', e duas

justificativas de mulheres entrevistadas atualmente, que aludiram que *‘é possível’*. Assim sendo, essa categoria reuniu os seguintes esclarecimentos: *‘depende’*, porque o sujeito tem que se doar, e *‘é possível’*, desde que a pessoa lute para manter o amor no convívio diário, busque a felicidade do outro, e não a própria, e tenha a disposição de abrir mão do ponto de vista e da história de vida. Como exemplo, destacamos o esclarecimento de Amanda: “[...] *Porque a gente tem que buscar não a nossa felicidade, mas a felicidade do outro, não é? Então, assim? Se eu estou buscando a felicidade do outro [...] Vou manter! Para manter esse convívio bem, senão?*”.

Esse argumento vai ao encontro de Comte-Sponville (2011), ao explicar que, no amor *ágape*, caracterizado pela renúncia, amamos o outro para o bem dele, e não para o nosso bem. Também, em Alves et al. (2015b), a abdicação foi mencionada como conceito de amor e, em Fonseca e Duarte (2014), os casais proferiram que o amor é preocupar-se com a felicidade do outro. Na pesquisa de Vieira e Stengel (2010), a metade dos participantes pontuou a necessidade de abrir mão da individualidade em benefício da relação. Marimón e Vilarrasa (2014) ainda verificaram que os entrevistados esperam do parceiro e da relação amorosa o sacrifício e a entrega total.

Por seu lado, os *‘problemas conjugais’* referiram-se a duas justificativas de mulheres entrevistadas atualmente, que proferiram que *‘não é possível’* manter o amor no convívio diário, e a dois argumentos de participantes do passado, que disseram que *‘depende’*. Nesse caso, *‘não é possível’* conservar o amor na conjugalidade porque as pessoas não querem ou não sabem resolver os problemas conjugais, pois preferem o divórcio e um novo relacionamento. Aliás, *‘depende’* de o amor permanecer ou não no casal, já que os sujeitos estão brigando pelo poder e buscando controlar a vida do parceiro. O depoimento de Aléxia ilustra essa categoria: “[...] *as pessoas, na maioria das vezes, não querem aprender a resolver os problemas, a solucionar. É mais fácil brigar, separar e depois arranjar outro. [...]*”. Ressaltamos que, em Vieira e Stegel (2010), os entrevistados expuseram a possibilidade da separação se a união se tornar insatisfatória e, em Coutinho e Menandro (2010), as mulheres explicaram que as pessoas se casam pensando no divórcio.

Também a categoria *‘incompreensão’* uniu um esclarecimento de uma entrevistada no passado, que alegou que *‘depende’* ser ou não possível o amor permanecer na conjugalidade, pois as pessoas não aceitam muito o outro, e um argumento de uma participante da atualidade, que mencionou que *‘não é possível’* porque os sujeitos não se entendem devido às diferenças.

De tal forma, ressaltamos que esses esclarecimentos se aproximam do estudo de Costa e Fernandes (2012), em que somente 10,3% dos adolescentes evocaram a compreensão para o vocábulo amor.

Sobre a *'intolerância'*, nela aliamos argumentos mencionados exclusivamente por mulheres entrevistadas nos dias atuais: uma justificativa foi mencionada por uma mulher que alegou que *'não é possível'* manter o amor no cotidiano, já que as pessoas não são tolerantes e, um esclarecimento foi explanado por uma participante que disse que *'é possível'*, embora nem todos os indivíduos considerem a paciência. Assim, proferiu Aléxia: “[...] *as pessoas, elas não estão tendo tolerância. [...]'*”. Ponderamos que a *'intolerância'* é o oposto da virtude da tolerância que, segundo Comte-Sponville (1999), é possível de ser desenvolvida por meio de exemplos e da educação.

Além do mais, sublinhamos que as categorias *'abdicação'*, *'problemas conjugais'*, *'incompreensão'* e *'intolerância'*, que juntamente somaram 18% (n=12) das justificativas apresentadas pelas participantes, são contrárias à ética do cuidado, da compreensão, da responsabilidade, que visa satisfazer as necessidades de todos os envolvidos em uma situação (GILLIGAN,1982). Ainda divergem da edificação do plano ético em que si próprio e o outro devem ser considerados na busca pela vida boa e feliz (LA TAILLE, 2010).

Isso posto, em *'sorte'* agrupamos dois esclarecimentos de mulheres entrevistadas no passado, dos quais um se referiu ao *'depende'* e o outro ao *'é possível'* conservar o amor na conjugalidade. Assim sendo, os dois argumentos corresponderam ao fato de que é uma questão de sorte encontrar a pessoa certa. Observemos as palavras de Paulina: “[...] *Eu acho que se você dá sorte, não é? De conhecer a pessoa que, certa para você, não é? [...]'*”. Esse relato vai ao encontro de Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (2005), que verificaram que os adolescentes entrevistados por eles podem ser vistos como românticos, pois buscam a pessoa certa para um enlace futuro duradouro. Também em Jablonski (1991), a sorte foi aludida como um elemento que contribui para a manutenção do casamento.

Destacamos que a alusão à *'sorte'* nos remeteu à noção do acaso, contribuindo para que as pessoas encontrem o parceiro ideal. Já a *'religiosidade'* foi expressa exclusivamente por mulheres entrevistadas atualmente, pois, segundo elas, *'é possível'* manter o amor na conjugalidade porque Deus é a base do casamento. Vejamos os seguintes relatos: “[...] *você buscar a Deus. Porque eu acho que você ter religião, você ter um Deus, porque você? É a*

base. [...]” (Andressa). “[...] Eles tendo a base que a gente tem que é Deus no relacionamento, conseqüentemente eles vão ter [...]” (Ariane).

Apesar do número reduzido, consideramos que esses dados podem estar de acordo com o retorno da religiosidade no contemporâneo (CORTELLA; LA TAILLE, 2005) que, no entendimento de Llosa (2013), é de suma importância para a maioria das pessoas. Além do mais, Alves-Silva, Scorsolini-Comin e Santos (2016) sublinharam que a religiosidade contribui para a permanência de um casamento duradouro. A fé de quem acredita que o matrimônio é sagrado, a valorização da união em várias religiões (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009) e o fato do casamento ser obra divina (COUTINHO; MENANDRO, 2010) foram aludidos como motivos para o enlace conjugal. Por sua vez, Comte-Sponville (2011) explicou que *ágape* é o amor divino. Também Deus foi relacionado ao conceito de amor nos trabalhos de Alves, Alencar e Ortega (2012, 2014), Alves et al. (2015a, 2015b) e de Estrella (2011).

As mulheres ainda sublinharam a *‘questão pessoal’*, pois somente cabe à pessoa saber conduzir a relação e se o sujeito estiver com vontade de amar e de conviver com o outro, *‘é possível’* manter o amor no cotidiano. Também *‘é possível’* que o amor permaneça na vida a dois, em virtude do *‘companheirismo’*. Assim, explicou Poliana: “[...] *É através disso, do companheirismo [...]*” e Àgata: “[...] *Pelo companheirismo [...]*”. Esses relatos nos remetem a Gilligan (1982), ao sublinhar a tendência da mulher em se definir e se avaliar em um contexto relacional em que exerce um papel de cuidadora e de companheira. Contudo, vale destacar que esse resultado parece distanciar-se do modelo de conduta que conferia às esposas o papel de responsável pela manutenção do casamento (DEL PRIORE, 2014), já que as participantes, ao se referirem sobre o companheirismo, não atribuíram essa função exclusivamente à mulher. Ademais, o companheirismo foi mencionado como expectativa em relação ao parceiro (FONSECA; DUARTE, 2014; STENGEL; TOZO, 2010) e ao casamento (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009).

Além disso, em conformidade com os nossos dados, na pesquisa de Jablonski (1991), os entrevistados proferiram que o companheirismo contribui para a manutenção do amor no convívio diário. No trabalho de Alves et al. (2015b) e no de Costa e Fernandes (2012), o companheirismo foi relacionado à definição de amor. Além do mais, vale ressaltar que o companheirismo é importante na edificação de uma vida em comum (MARIMÓN; VILARRASA, 2014) e é algo que se constrói no casamento (COSTA; MOSMANN, 2015).

Por fim, em *'outros'*, agrupamos as justificativas que não se inseriram nas demais categorias e foram proferidas apenas uma vez. Desses argumentos três foram pronunciados por mulheres entrevistadas no passado: um correspondeu à resposta *'é possível'* e dois se referiram ao *'depende'* ser ou não possível manter o amor na convivência. As participantes dos dias atuais mencionaram sete esclarecimentos - seis para justificarem a declaração *'é possível'* e um para a resposta *'não é possível'*. Dessa maneira, *'é possível'* manter o amor na conjugalidade em virtude do diálogo, do respeito, da amizade, do carinho, da crença na família, do bom-humor, porque não há motivos para não conservar o amor no cotidiano. Por outro lado, *'depende'* de o amor permanecer ou não na união devido ao egoísmo, como também *'não é possível'*, já que a mídia não fala mais sobre a família. Vejamos alguns exemplos: “[...] *Porque [...] Da mídia. Porque o que se fala? Não se fala mais sobre a família. [...]*” (Aléxia). “[...] *do diálogo, que é importantíssimo um diálogo sempre aberto, deve haver. [...]*” (Poliana). “[...] *É possível pelo respeito, não é? Pela amizade, pelo carinho, acho que dessa forma é possível. O amor [...]*” (Àgata).

Sublinhamos que o fato de terem sido mencionados somente uma vez não diminui a relevância dos aspectos inseridos nessa categoria para a possibilidade ou não de os casais de modo geral manterem o amor na conjugalidade. Dessa maneira, destacamos a relação da amizade com o conceito de amor (ALVES, 2016; ALVES et al. 2015a, 2015b; ESTRELLA, 2011). Além disso, a amizade (MARIMÓN; VILARRASA, 2014; STENGEL; TOZO, 2010) é uma característica esperada em um parceiro amoroso, é construída no casal ao longo do casamento (COSTA; MOSMANN, 2015), predomina no amor companheiro (JABLONSKI, 1991), está presente no dia a dia conjugal (DEL PRIORE, 2014) e é estimada entre os cônjuges (MARIMÓN; VILARRASA, 2014).

Por sua vez, o respeito é fundamental para o desenvolvimento do juízo moral (PIAGET, 1932/1994), é um ingrediente importante para a manutenção da relação amorosa (COSTA; MOSMANN, 2015; MATOS; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2005) e foi relacionado, com o carinho, ao conceito de amor nas pesquisas de Alves et al. (2015b) e de Estrella (2011).

Sobre o diálogo, ele foi enfatizado como um elemento relevante para as uniões amorosas nos estudos de Silva, Menezes e Lopes (2010) e de Smeha e Oliveira (2013). Também Alves-Silva, Scorsolini-Comin e Santos (2016) explicaram que o diálogo contribui

para a permanência de um casamento duradouro. Lembramos ainda que o humor é uma virtude possível de ser desenvolvida pelos seres humanos (COMTE-SPONVILLE, 1999).

No que concerne à mídia, em Costa e Mosmann (2015), os participantes disseram que a mídia pode colaborar para o egoísmo e a intolerância e interferir na mudança do que se espera de um enlace amoroso. Ademais, Costa (2004) discutiu que a ‘moral do espetáculo’ se utiliza da mídia na difusão dos ideais de felicidade e da vida como entretenimento, contribuindo para a desestabilização da família. Por outro lado, a crença no casamento (ALVES-SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SILVA, 2016) foi destacada na literatura. Finalizadas a apresentação e a discussão dos nossos resultados, teceremos as considerações finais deste estudo.

Considerações finais

Neste estudo constatamos que a maioria das participantes considerou a possibilidade de os casais em geral manterem o amor no convívio diário e que ‘*sentimentos*’ foi a categoria que apresentou o maior número de justificativas apresentadas pelas mulheres. Contudo, não foi possível verificarmos a relação do amor com as virtudes morais (LA TAILLE, 2001) e com a construção do plano ético (LA TAILLE, 2010), uma vez que as entrevistadas enfatizaram os ‘*sentimentos*’ em si, e não uma articulação entre esses sentimentos e a edificação de uma conjugalidade boa e feliz para ambos os parceiros. Dessa maneira, sugerimos a realização de outros estudos com vistas a compreender a conexão do amor com as virtudes morais e com o plano ético na união conjugal.

Sublinhamos a maior porcentagem de explicações apresentadas por mulheres entrevistadas no passado em ‘*experiência*’ e consideramos que esse resultado pode estar relacionado com o fato de que essas participantes possuíam bases mais sólidas nas tradições do passado e nas perspectivas futuras (LA TAILLE, 2009), influenciando as suas vivências e a observação da experiência vivenciada por outros.

Averiguamos que a ‘*sorte*’, isto é, um aspecto próximo do acaso, foi proferida exclusivamente por mulheres entrevistadas no passado e, por outro lado, a ‘*religiosidade*’ foi aludida por mulheres que entrevistamos atualmente. Tal fato pode estar relacionado com retorno do religioso no contemporâneo (CORTELLA; LA TAILLE, 2005) e com a relevância da religião para a maior parte das pessoas (LLOSA, 2013). Dessa forma, esse resultado sugere

que se investigue como as pessoas estão vivenciando a religiosidade nos dias atuais e de qual modo esse fator pode ou não influenciar as condutas dos sujeitos nas relações amorosas.

Por sua vez, a *'intolerância'* foi mencionada apenas pelas entrevistadas nos dias de hoje. Essa categoria com a *'abdicação'*, os *'problemas conjugais'* e a *'incompreensão'* somaram 18% das justificativas e são contrárias ao plano ético (LA TAILLE, 2010) e à ética do cuidado (GILLIGAN, 1982), pois, nessas categorias, a valorização do bem-estar, da felicidade e da singularidade de ambos os parceiros na relação amorosa não emergiu no relato das entrevistadas. Assim sendo, destacamos a relevância de elaborar projetos de intervenção que visem ao desenvolvimento das virtudes morais e de um juízo moral que contemple o eu e outrem na edificação de um projeto de vida ético.

Também destacamos a menção à *'reciprocidade'*, que é fundamental para o desenvolvimento da autonomia moral (PIAGET, 1932/1994), e ao *'companheirismo'*, que se encontra presente na ética do cuidado (GILLIGAN, 1982). Contudo, da forma em que o companheirismo fora expresso pelas entrevistadas, pode indicar um distanciamento dos modos de conduta, vigentes até por volta dos anos de 1950, conforme os quais a mulher era a única responsável pela manutenção do casamento (DEL PRIORE, 2014). Ponderamos e ponderamos que o fato do respeito, da amizade, do carinho, do diálogo, da crença na família, da ausência de egoísmo e do bom humor ter sido mencionado apenas uma vez não reduz a importância desses aspectos na manutenção do amor no convívio diário.

Ajuizamos que este estudo se limitou a investigar a possibilidade ou não dos casais em geral manterem o amor no cotidiano e os fatores que podem ou não contribuir para essa permanência na concepção de jovens mulheres na classe média. Assim sendo, levantamos a importância de investigar o tema em questão com sujeitos que se encontram vivendo em conjugalidade por um período mais longo, por exemplo, 20 anos, de ambos os sexos, e em diferentes segmentos sociais, na perspectiva da moral e da ética.

Por último, sublinhamos que este estudo contribui para as pesquisas sobre o amor e os relacionamentos amorosos e fornece subsídios teóricos para psicólogos que desenvolvem trabalhos de intervenção com sujeitos de ambos os sexos e de todas as idades, em escolas, comunidades, grupos terapêuticos e/ou na clínica individual. Ademais, poderá auxiliar na elaboração de palestras, seminários e cursos que envolvam a temática da conjugalidade e/ou o amor e a sua relação com a moralidade.

Referências

ABOIM, S. Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 24 n. 70, p. 107-122, jun. 2009.

ALENCAR, H. M. *Depoimentos de amor: um estudo sob a ótica feminina*. 1993. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

ALVES, A. D. *Amor e sua relação com a generosidade: estudo com adolescentes sob a ótica da moralidade*. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2016.

ALVES, A. D.; ALENCAR, H. M.; ORTEGA, A. C. Exemplos sobre a importância do amor: estudo com crianças no contexto da moralidade. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 20 n. 1, p. 261 - 272, jun. 2012.

ALVES, A. D.; ALENCAR, H. M.; ORTEGA, A. C. Moralidade e concepção de amor em crianças de 6 e 9 anos. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 31 n. 94, p. 21 - 34, 2014.

ALVES, A. D. et al. Estudo exploratório acerca da concepção do amor e possibilidade de amar para adolescentes. *C&D-Revista Eletrônica da Fainor*, Vitória da Conquista, v. 8 n.1, p. 158 - 173, jan./jun. 2015a.

ALVES, A. D. et al. Concepção de amor e moralidade: estudo sob a ótica de jovens adultas. *ARIÚS - Revista de Ciências Humanas e Artes*, Campina Grande, v. 21, n. 1, jan./jun. 2015b.

ALVES-SILVA, J. D.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 9 n.1, p. 32-50, jun. 2016.

AMORIM, A. N.; STENGEL, M. (2014). Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 19 n. 3, p. 157-238, jul./set. 2014.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRASIL. Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: MS, dez. 2012.

Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_12.htm>. Acesso em: 05 de jan. 2017.

CARVALHO, F. C. G.; PAIVA, M. L. S. C. O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 59 n. 131, p. 223-235, dez. 2009.

CHAVES, J. C. A percepção de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 16 n.1, p. 28-46, abr. 2010.

COMTE-SPONVILLE, A. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COMTE-SPONVILLE, A. *O amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CORTELLA, M. S.; LA TAILLE, Y. *Nos labirintos da moral*. Editora: Papiros. São Paulo, 2005.

COSTA, C. B.; MOSMANN, C. P. Relacionamentos conjugais na atualidade: percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, 2015.

COSTA, J. F. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COSTA, V.; FERNANDES, S. C. S. O que os adolescentes pensam sobre o amor e o sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 24 n.2, p. 391 - 401, maio/ago. 2012.

COUTINHO, S. M. S.; MENANDRO, P. R. M. Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: “Que seja terno enquanto dure”. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 22 n. 2, p. 83-106, 2010.

DELVAL, J. *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DEL PRIORE, M. *Histórias e conversas de mulher: amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história*. São Paulo: Planeta, 2014.

ESTRELLA, N., R. Significado del Amor en la Adolescencia Puertorriqueña. *Acta de Investigación Psicológica*, México, v. 1, n. 3, dez. 2011.

FERRY, L. *Do amor: uma filosofia para o século XXI*. Rio de Janeiro: Difel, 2013.

FONSECA, S. R. A.; DUARTE, C. M. N. Do namoro ao casamento: significados, expectativas, conflito e amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 30 n.2, p. 135 - 143, abr./jun. 2014.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GILLIGAN, C. *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos LTDA, 1982.

JABLONSKI, B. *Até que vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

LA TAILLE, Y. Desenvolvimento moral: a polidez segundo as crianças. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 114, p. 89 - 119, nov. 2001.

LA TAILLE, Y. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LA TAILLE, Y. Moral e Ética: uma Leitura Psicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 26 n. especial, p. 105-114, 2010.

LLOSA, M. V. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MARIMÓN, M. M.; VILARRASA, G. S. *Como construímos universos: amor, cooperação e conflito*. São Paulo: Unesp, 2014.

MATOS, M.; FÉRES-CARNEIRO, T.; JABLONSKI, B. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares carioca. *Interação em Psicologia*, v. 9 n. 1, p. 21-33, jan./jun. 2005.

OLIVEIRA, D. S. Conjugalidade e a união de duas histórias de vida: uma discussão ilustrada a partir do filme a história de nós dois. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 16 n.1, p. 125-133, jan./jun. 2012.

OLTRAMARI, L. C. (2009). Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14 n. 4, p. 669-677, out./dez. 2009.

PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994. (Obra original publicada em 1932).

ROLIM, K. I.; WENDLING, M. I. A história de nós dois: reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 25 n. 2, p. 165-180, 2013.

SENNA, M. F. N. *Políticas públicas de distribuição de renda sua influência na mobilidade social: o caso da nova classe média brasileira*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Centro Universitário Unieuro, Brasília, DF, 2015.

SILVA, I. M.; MENEZES, C. C.; LOPES, R. C. S. Em busca da “cara-metade”: Motivações para a escolha do conjugue. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 27 n. 3, p. 383-391, jul./set. 2010.

SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M. V. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 15 n. 2, p. 33 - 45, ago. 2013.

STENGEL, M.; TOZO, S. M. P. S. Projetos afetivo-sexuais por adolescentes e seus pais. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João Del-Rei, v. 5 n. 1, p. 72-82, jan./jul. 2010.

VIEIRA, E. D.; STENGEL, M. Os nós do individualismo e da conjugalidade na pós-modernidade. *Aletheia*, Canoas, n. 32, p.147 - 160, ago. 2010.

ZORDAN, E. P.; FALCKE, D.; WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 15 n. 2, p. 56-76, ago. 2009.

Agradecimentos:

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) pelo apoio financeiro.

2.3 Artigo três

Perspectivas Futuras sobre os Relacionamentos Amorosos de Mulheres de duas Diferentes Gerações.⁵

Future Perspectives on the Loving Relationships of Women of Two Different Generations.

Resumo

Investigou-se as perspectivas de mulheres sobre o futuro das relações amorosas em geral. Participaram da pesquisa 15 mulheres entrevistadas por Alencar (1993) e 15 mulheres entrevistadas atualmente, entre 20 e 30 anos, casadas, sem filhos e da classe média. Foi perguntado como elas imaginavam o futuro dos relacionamentos amorosos em geral. Priorizou-se a análise qualitativa dos dados (Delval, 2002). Os principais resultados indicaram que haverá uma diversidade de formas de relacionamento amoroso como a coabitação, o casamento formal e as uniões homossexuais. Também existirá a fragilidade dos vínculos, assinalando o lugar o problemático do outro. As mulheres entrevistadas no passado enfatizaram que haverá mais liberdade e uma tendência para a igualdade entre os sexos e as entrevistadas atualmente sublinharam a persistência no casamento e a inexistência do casamento formal. Este estudo contribui para as pesquisas e fornece subsídios teóricos para a elaboração de projetos sobre a temática em questão.

Palavras-chave: *jovens mulheres; relacionamento amoroso; casamento; amor; família.*

⁵ Este artigo encontra-se parcialmente nas normas (da APA) da revista Pensando Famílias, ISSN: 1679-494X, à qual foi submetido em 02 de março de 2017, e está em uma nova versão após o parecer da revista recebido em 09 de abril de 2017, pois a Pensando Famílias exige que o artigo apresente a fonte Arial, tamanho 10.

Abstract

We investigate the perspectives of women on the future of loving relationships in general. Thirty married, childless and middle class women, aged 20-30, participated in the study, 15 interviewed by Alencar (1993) and 15 currently interviewed. We asked them how they envisioned the future of loving relationships in general. We gave priority to qualitative data analysis (Delval, 2002). The main results indicated that there will be a diversity of forms of loving relationships such as cohabitation, formal marriage and homosexual unions. There will also be the fragility of the bonds, pointing out the problematic place of the other. The women interviewed in the past emphasized that there will be more freedom and a tendency for equality between the sexes and the ones interviewed now highlighted the persistence in marriage and the absence of formal marriage. This study contributes to the researches and provides theoretical support for the elaboration of projects on the subject in question.

Keywords: *young women; loving relationship; marriage; love; family.*

Introdução

Conforme ressaltaram Del Priore (2012; 2014) e Lipovetsky (2005) os padrões de conduta, em meados do século XX, pautavam-se na lógica das desigualdades entre os sexos. Assim, havia a indulgência para com o homem que podia gozar livremente da sua sexualidade e o rigor em relação à mulher que deveria manter-se virgem até o casamento. Nesse contexto, Del Priore (2012; 2014) ressaltou que a sociedade atribuía às mulheres, com base na crença da natureza feminina, os papéis de mãe, de dona de casa e de esposa dedicada e submissa ao marido. Por outro lado, aos homens era atribuído papel de “chefe de família”. Ademais, Del Priore (2012) explicou que a separação era o maior medo das esposas, em virtude de questões

afetivas, financeiras e sociais, pois a sociedade estigmatizava as mulheres separadas, considerando-as como má influência.

Esse modelo, no entendimento de Del Priore (2014), começou a passar por modificações no fim do século XX. Nesse período, o número de casamentos formais diminuiu por causa da coabitação e os casos de divórcios aumentaram, entre outros motivos, devido ao fato de que as mulheres passaram a não aceitar viver em um casamento caracterizado pelo sofrimento, preferindo terminar a união e buscar a felicidade pessoal. Em julho de 2010, a promulgação da nova lei do divórcio aumentou e facilitou ainda mais os casos de separação conjugal, já que essa legislação permite o divórcio um dia após o casamento. A autora ressaltou que atualmente as pessoas optam pelo divórcio porque consideram a união conjugal tão relevante, que, ao verem as suas expectativas não correspondidas dentro da relação, se divorciam (Del Priore, 2014).

Ainda, Borges, Magalhães e Féres-Carneiro (2014), ao entrevistarem 20 sujeitos (10 nas idades entre 63 e 69 anos e 10 entre 27 e 34 anos) de ambos os sexos, constataram que os participantes mais jovens consideraram que o divórcio pode libertar o indivíduo de uma união insatisfatória. E Secco e Lucas (2015), em um estudo do qual participaram cinco mulheres solteiras de idades entre 30 e 45 anos, verificaram que algumas participantes relacionaram o divórcio à liberdade e ao poder de escolha da mulher, já que não é mais preciso permanecer em um relacionamento amoroso insatisfatório, conforme ocorria com as mulheres nas gerações passadas.

Além do mais, no início deste século, percebe-se a existência de uma diversidade de modelos de relacionamentos amorosos orientando as condutas dos sujeitos. Dessa maneira, Duarte e Rocha-Coutinho (2011) investigaram o “namorado”, que é uma forma de relação amorosa na qual, após rápido namoro, os parceiros optam pela coabitação sem obrigatoriamente programarem a oficialização da união no futuro. Participaram deste estudo

cinco mulheres, entre 27 e 37 anos de idade, que se encontravam nessa modalidade de relação amorosa por um período de um ano pelo menos. As autoras averiguaram que, no namoro, não há um compromisso com a durabilidade do relacionamento, já que o relevante é a satisfação obtida pelos parceiros na relação amorosa (Duarte & Rocha-Coutinho, 2011). Amorim e Stengel (2014), em uma pesquisa feita com um casal heterossexual e um casal homossexual feminino, com idades entre 28 e 30 anos, empregaram o termo “customizadas” para se referirem aos enlaces amorosos em que os casais, embora partam de um modelo social predefinido, de algum modo fogem dos paradigmas existentes e inventam um modo singular de relacionamento conjugal.

Também Marimón e Vilarrasa (2014) esclareceram que vem aumentando o número de pessoas que estão se distanciando do modelo de relacionamento amoroso, pautado no amor romântico. Assim, elas mencionaram o aumento nos casos de divórcio e de separação, os casais que moram em casas separadas e as famílias homossexuais. Bauman (2004), ao discutir sobre a fragilidade nas relações amorosas, expôs que os compromissos em longo prazo devem ser evitados, já que são um entrave para novas oportunidades amorosas mais lucrativas. Dessa forma, os casamentos tradicionais, que já estão abalados pela coabitação temporária, são substituídos “pelo ‘ficar juntos’, de horário parcial ou flexível” (p.26). Como exemplo, o autor citou os “casais semi-separados” (p.26), que preferem ter seus lares e amigos separadamente e ficam juntos apenas quando desejam e, os relacionamentos de bolso caracterizados pela pequena duração, instantaneidade, alta disponibilidade de parceiros, ausência de paixão e dos sentimentos de amor e de desejo.

Ainda Galvão, Alencar e Rossetti (2016), em um estudo exploratório com duas mulheres casadas de idades de 48 e 52 anos, verificaram um distanciamento do casamento tradicional, pois as entrevistadas explicaram que essa instituição não é mais sólida como era antigamente e que, nos dias atuais, as pessoas não querem comprometer-se com outrem em uma relação

amorosa. Para elas, no futuro haverá uma fragilidade nas relações amorosas que serão pautadas no individualismo e os casais vão morar em casas separadas. Ademais, Borges et al. (2014) averiguaram que, dentre os entrevistados, os mais jovens não creem na durabilidade das relações amorosas, já que os relacionamentos podem ser facilmente rompidos.

Resultados semelhantes a esses foram encontrados por Smeha e Oliveira (2013) em uma pesquisa com oito jovens, de ambos os sexos, de idades entre 18 e 23 anos. Os entrevistados explicaram que os relacionamentos atuais se caracterizam pela individualidade, superficialidade, descartabilidade, busca do prazer, transitoriedade, grande disponibilidade de parceiros, ausência de compromisso, efemeridade e liberdade. Esta foi mais enfatizada pelos rapazes que expressaram desejar a liberdade de sair com os amigos quando estão em um enlace amoroso. Os entrevistados disseram que no futuro as relações amorosas serão caracterizadas pelo individualismo, os casais vão morar em casas separadas e os relacionamentos estáveis deverão acontecer em idades mais avançadas. Sobre projetos de vida, esses jovens explicaram que priorizam a formação acadêmica.

Tal fato também foi verificado no estudo de Zordan, Falcke e Wagner (2009) do qual participaram 197 jovens solteiros, de ambos os sexos, de idades entre 20 e 31 anos, pois, entre os objetivos mais relevantes na vida, os jovens aludiram, em ordem decrescente, a realização profissional, a realização pessoal, as boas condições de vida, conquistar os sonhos, continuar estudando, ser valorizado profissionalmente e constituir família. Na pesquisa de Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (2005) com 10 adolescentes de ambos os sexos, nas idades entre 13 e 17 anos, os participantes ressaltaram que, no futuro, almejam principalmente cursar uma faculdade, trabalhar e ter filhos.

Além disso, no trabalho de Stengel e Tozo (2010) com sete adolescentes de idades entre 15 e 19 anos, de ambos os sexos, os entrevistados expuseram que aspiram em longo prazo, em ordem de preferência, cursar o ensino superior, a estabilidade financeira e profissional, o

casamento e a constituição familiar com filhos. E, na pesquisa de Secco e Lucas (2015), as participantes mencionaram priorizar a carreira profissional e os estudos, em detrimento do casamento.

Por sua vez, Chaves (2010), ao entrevistar 12 jovens de idades entre 18 e 25 anos, de ambos os sexos, verificou que, na concepção dos entrevistados, os casamentos estão acontecendo mais tarde, devido à valorização das esferas profissional e financeira e ao individualismo que prioriza a liberdade individual. Para a maioria dos participantes, principalmente as moças, houve expressivas mudanças nas relações amorosas que passaram a se caracterizar pela instabilidade e pela falta de compromisso. Como justificativas para essas mudanças, os jovens destacaram o aumento e a facilidade da separação conjugal, a facilidade com que as relações sexuais ocorrem, a busca pelo prazer imediato, pela autorrealização e pela autossatisfação, a falta de compromisso entre as pessoas e o individualismo. Esses dados encontrados por Chaves (2010) foram corroborados, em parte, em outro estudo realizado pela mesma autora em 2016, do qual participaram 12 jovens de idades entre 18 e 25 anos, de ambos os sexos, uma vez que se constatou que esses jovens priorizavam a busca por relações amorosas mais superficiais, pontuais, efêmeras e hedonistas.

A liberdade individual também foi expressa pelos jovens no estudo de Borges et al. (2014), pois, para eles, a liberdade individual é um fator necessário à formação do vínculo. Dessa maneira, as autoras constataram que o valor conferido à liberdade vem alterando as balizas nas quais se avalia a felicidade conjugal. Contudo, segundo Llosa (2013), o ganho de liberdade sexual colaborou para a vulgarização do ato sexual, que, para muitos, especialmente os jovens, passou a ser considerado como um esporte ou mero passatempo. Assim, o sexo, carente de amor e de imaginação, em vez de libertar o homem da solidão, nela o aprisiona, com um sentimento de fracasso e de frustração (Llosa, 2013).

Além disso, Chaves (2016) ressaltou que no contemporâneo as mudanças afetivo-sexuais contribuem para a maior liberdade individual e para maiores possibilidades de experiências prazerosas; por outro lado, deixam as relações amorosas mais instáveis e inseguras. Ela verificou que alguns dos jovens entrevistados temem o compromisso e o envolvimento afetivo com outrem, devido ao fato de já terem vivido, ou escutado de amigos, histórias de relacionamentos anteriores caracterizadas por infidelidades, abandono e desrespeito. Assim, esses jovens tendem a manter relações superficiais como forma de escapar do sofrimento.

Nesse contexto caracterizado por relações mais superficiais, efêmeras e hedonistas, para Chaves (2016), o lugar do outro é problemático, já que ele é visto como um meio para alcançar a autossatisfação, a autorrealização e como um estorvo que pode cercear a liberdade individual. Desse modo, o outro deve ser facilmente descartado e esquecido, já que o mais relevante é a satisfação do próprio prazer. Ainda, conforme La Taille (2009), estamos assistindo ao “crepúsculo do dever” para com outrem e, assim, o outro se torna invisível, e um dos possíveis efeitos dessa invisibilidade é a violência, pois, por meio da ação violenta, o sujeito pode ganhar visibilidade aos olhos da sociedade. Cortella e La Taille (2005) expuseram que a ética cotidiana é influenciada por um individualismo acentuado em que outrem não comparece e que as pessoas percebem que as relações humanas estão, cada vez mais, caracterizadas pela violência.

Dessa maneira, a instrumentalização, a descartabilidade (Chaves, 2016), a invisibilidade do outro e a violência (Cortella & La Taille, 2005; La Taille, 2009) vão de encontro ao que La Taille (2006) definiu como plano ético que remete à busca por uma “vida boa” (p. 36), por uma vida que “vale a pena ser vivida” (p. 30). Mas, para que essa busca por uma vida boa que faça sentido seja chamada de ética, ela deve abranger o outro como pessoa merecedora de respeito e de consideração, e não como um meio para alcançar a autossatisfação pessoal.

Assim sendo, Blandón-Hincapié e López-Serna (2016), em um trabalho realizado com seis jovens nas idades entre 18 e 25 anos, de ambos os sexos, constataram que as características do contemporâneo como, a incerteza, a transitoriedade, o individualismo e a efemeridade das relações amorosas, impulsionam os participantes a buscar laços fortes e estáveis que os liguem com a possibilidade de construir um futuro. Esses jovens mostraram-se conscientes da finitude e da vulnerabilidade dos relacionamentos amorosos e, desse modo, buscam estratégias para superar os instantes de crise na relação.

No estudo de Fonseca e Duarte (2014), os cinco casais entrevistados, entre 26 e 37 anos de idade, esclareceram que esperavam de seus parceiros, no namoro, um companheiro para a vida toda, alguém com quem pudessem compartilhar valores, construir uma família e ter filhos. Na pesquisa de Coutinho e Menandro (2010) com 20 mulheres (10 que tiveram filhos na década de 1960 e 10 que tiveram filhos nos anos de 1990), as entrevistadas mais velhas explicaram que, ao redor dos anos de 1960, o casamento era o grande objetivo da mulher. Por sua vez, a maioria das participantes mais jovens explicou que o casamento ainda consiste em um projeto de vida feminino, nos dias atuais. Além do que, em Stengel e Tozo (2010), os adolescentes mencionaram a pretensão de casar no civil e no religioso, isto é, eles almejam, no futuro, constituir família com filhos, dividir a mesma casa e as despesas domésticas. Para esses adolescentes, o casamento deve ser para sempre, pautado no amor e na livre escolha dos parceiros.

A mudança do casamento motivado por interesses familiares para o modelo do casamento fundamentado no amor foi destacada por Del Priore (2012), Ferry (2013) e Marimón e Vilarrasa (2014). No entender de Ferry (2013), o ideal do casamento baseado no amor se estende às demais relações amorosas e são as uniões homossexuais que apresentam o extremo dessa transformação que dissocia os enlaces amorosos dos princípios tradicionais como, a linhagem, a biologia e a economia. Ademais, Oltramari (2009), em uma revisão de literatura,

constatou que o amor continua no cerne dos interesses e buscas do homem. E, sobre as mulheres em específico, para Lipovetsky (2000), elas continuam a sonhar com o grande amor.

Em suma, embora haja uma diversidade de modelos de relações amorosas no contemporâneo, dos quais alguns tendem para a fragilidade dos vínculos, ainda existe a busca por enlaces sólidos, pelo amor e pelo casamento tradicional. Este, conforme Marimón e Vilarrasa (2014), permanece como fonte de inspiração para a vida afetiva, e, segundo Del Priore (2014), a instituição mais antiga da história humana, isto é, a família continuará a existir, já que ela é um sustentáculo para todos os seres humanos que buscam garantir a sua descendência na terra.

Sobre os papéis tradicionais de homens e mulheres dentro da relação amorosa, para Borges et al. (2014), houve uma diminuição da assimetria entre os sexos, pois, no contemporâneo, homens e mulheres constroem as suas trajetórias de vida, tendo as mesmas preocupações relativamente à profissão e à independência financeira. Por outro lado, segundo Llosa (2013), embora as mulheres possuam uma autonomia sexual bem mais ampla do que antigamente, elas ainda não gozam da mesma liberdade sexual que os homens. Ademais, a concepção da maior permissividade sexual masculina foi constatada por alguns estudos, dentre os quais se citam, Bozon (2003), que discutiu pesquisas realizadas na França; Larrañaga, Yubero, S., e Yubero (2012), em uma pesquisa da qual participaram 262 universitários (77,28% mulheres e 21,5% homens) com idade média de 20,92 anos; e no trabalho de Matos et al. (2005) com adolescentes. Por fim, Del Priore (2014), além de ter ressaltado a permanência da maior liberdade sexual para o homem, explicou que permanecem entre os sexos as desigualdades econômicas, políticas e nos afazeres domésticos.

Dessa maneira, conforme Bozon (2003), Lipovetsky (2000) e Oltramari (2009), apesar das mudanças ocorridas nas relações amorosas, ainda não é possível falarmos de uma igualdade entre os sexos, já que, para Lipovetsky (2000), a diferenciação entre homens e

mulheres se reproduz insistentemente no meio social; e, para Bozon (2003), a autoelaboração dos sujeitos dentro de um enlace amoroso cria estruturas sociais tão rígidas quanto as que existiam em sociedades antigas.

Terminadas as considerações teóricas, com base nelas é possível notar que estamos vivendo um momento de mudanças, iniciado no fim do século XX, no qual as relações amorosas podem configurar-se de diversas formas, e os ideais tradicionais continuam perpassando essas relações. Assim, este estudo, teve por objetivo investigar a perspectiva de jovens mulheres que viviam em conjugalidade sobre o futuro das relações amorosas dos casais em geral e a existência ou não de diferenças entre os pontos de vista de mulheres que foram entrevistadas em 1993 (Alencar, 1993) e de mulheres que foram entrevistadas na atualidade, em 2013. Ou seja, também almejou-se verificar se as mudanças sublinhadas nas considerações teóricas deste trabalho vão emergir de forma diferenciada entre essas duas gerações. Com este trabalho, pretende-se contribuir para que se compreendam as transformações que vêm ocorrendo nas relações amorosas, colaborar para as pesquisas e levantar subsídios teóricos para profissionais que trabalham como o tema em questão.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 30 mulheres: 15 mulheres foram entrevistadas no passado por Alencar (1993) e 15 entrevistadas em 2013⁶, de idades entre 20 e 30 anos, sem filhos, que viviam em conjugalidade com homens e pertenciam à classe média. Destaca-se que por viver em conjugalidade considerou-se mulheres que coabitavam com os seus parceiros amorosos

⁶ Agradecemos a Tais Peres Fonseca pela colaboração na coleta dos dados e na transcrição das entrevistas realizadas na atualidade e pelo auxílio na análise dos dados em geral.

sem estarem casadas legalmente, mulheres que se casaram somente no civil e as que se casaram no civil e no religioso.

Cabe ressaltar que a escolha por mulheres jovens que viviam em conjugalidade foi em virtude de considerar-se que, nos primeiros anos de coabitação, é preciso organizar um modo de funcionar como casal que é influenciado por uma pluralidade de formas de conduta amorosa, às vezes, contraditórias, conforme apresentado anteriormente. Desse modo, elas podem estar vivenciando mais intensamente essa diversidade de modelos. Optou-se por investigar as perspectivas futuras, pois acredita-se que as mulheres podem se pautar nesse contexto de mudanças, para elaborar uma projeção futura das relações amorosas e também em virtude da quase ausência de pesquisas sobre o futuro dos relacionamentos amorosos dos casais em geral.

A coleta dos dados

A escolha das participantes, no passado (Alencar, 1993), bem como as de atualmente (2013) ocorreu por meio de indicação, isto é, foi solicitado a amigos, colegas de trabalho e/ou de faculdade das pesquisadoras que indicassem mulheres que se encontravam nos parâmetros estabelecidos para este estudo. Feita a indicação, Alencar (1993) realizava o contato com a possível participante por telefone e, caso o sujeito aceitasse em participar da pesquisa, explicava o tema do estudo e garantia o anonimato da entrevistada. Por sua vez, o contato com as participantes, em 2013, foi realizado por meio de telefone, e-mail e/ou de redes sociais, sendo que, no mesmo momento, era explicado às mulheres o objetivo deste trabalho.

Tanto as mulheres entrevistadas por Alencar (1993) como as entrevistadas em 2013 responderam à pergunta: “*Hoje, em relação aos casais em geral, como você imagina o futuro das relações amorosas?*”. As entrevistas foram realizadas de maneira individual, em dia, horário e local escolhidos pelas participantes, gravadas em áudio, transcritas posteriormente e

os protocolos permanecem guardados em arquivos pessoais das entrevistadoras. Sublinha-se que, como em 1993 não era exigido que as pesquisas fossem apreciadas por um comitê de ética, somente às mulheres entrevistadas, em 2013, foi entregue, no dia da entrevista, um termo de consentimento livre e esclarecido que especificava os objetivos da pesquisa, assegurava o anonimato das participantes, explicava que poderiam desistir de participar a qualquer momento sem sofrerem dano, que os resultados seriam publicados em um periódico científico e que este trabalho seguia as normas éticas de pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.º 466/2012 (2012). O estudo teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFES mediante o Parecer n.º 419.793.

Análise dos dados

Realizou-se a análise dos dados com base na sistematização proposta por Delval (2002), priorizando a análise qualitativa dos dados: Primeiramente, foi feita a leitura flutuante dos 30 protocolos de entrevistas, buscando identificar tendências gerais nas respostas das participantes; em seguida, foram criadas categorias de análise autoexcludentes, pautadas no critério de semelhança entre as respostas. Para verificar a precisão das categorias, solicitou-se a uma pesquisadora, que não participou diretamente deste estudo, que classificasse os protocolos de entrevistas nas categorias criadas. Por fim, gerou-se uma (Tabela 1),⁷ contendo as categorias, números e percentuais, visando à melhor exposição e discussão dos resultados, bem como a comparação das respostas das mulheres das duas diferentes gerações.

Apresentação e discussão dos resultados

⁷ A Tabela 1 encontra-se em anexo na página 124, conforme solicita a revista Pensando Famílias ISSN: 1679-494X.

Ressalta-se que a maior parte das entrevistadas apresentou mais de uma resposta. Assim, embora o número de participantes tenha sido 30, o de respostas foi 86, cujo cálculo da porcentagem foi realizado com base na quantidade de respostas dadas à pergunta (Tabela 1). Sublinha-se que primeiramente serão discutidas as categorias que não apresentaram diferenças relevantes entre a porcentagem de respostas das mulheres das duas gerações. Por percentual relevante considerou-se as categorias que apresentaram mais de 5% de diferença entre o número de respostas das mulheres e as que somente compreenderam relatos de um grupo de entrevistadas. Em seguida, serão discutidas as categorias que contemplaram maior porcentagem de respostas proferidas pelas participantes do passado; e, por último, as que encerram maior percentual de repostas aludidas por mulheres entrevistadas em 2013. Além disso, empregaram-se nomes fictícios iniciados com a letra ‘P’ para as mulheres entrevistadas, no passado, (em 1993) e com a letra ‘A’ para as entrevistadas atualmente (em 2013).

Todas as entrevistadas proferiram que os relacionamentos amorosos estão passando por mudanças, o que indica a coexistência de uma diversidade de modelos de uniões amorosas no futuro. Posto isso, vejamos categorias que não tiveram diferenças relevantes entre os esclarecimentos das mulheres das duas gerações.

Desse modo, a categoria “*fragilidade dos vínculos*”, resposta de maior frequência entre as participantes, aliou as seguintes perspectivas: No futuro, os relacionamentos amorosos serão escorregadios, fúteis, industrializados, fáceis de ter, piores devido à falta de amor e banalizados por causa da facilidade do divórcio; ademais, tenderão a ser menos sólidos e duradouros caracterizados pelo individualismo, pela ausência de compromisso e de obrigação; alguns casais poderão viver em casas separadas; algumas pessoas não desejarão ter filhos; a instituição familiar dificilmente se fortalecerá; uns desejarão conviver primeiro para somente depois assumir algo mais sério; e a violência vai aumentar. Como exemplo, apresenta-se o relato de Anita: “*Eu acho que o relacionamento futuro vai ser um relacionamento muito*

escorregadio [...] muito fútil. Muito, industrializado! [...] como se fosse uma coisa muito fácil de ter. [...]”.

Conforme os estudos de Bauman (2004), Galvão et al. (2016) e Marimón e Vilarrasa (2014), as pessoas estão distanciando-se do modelo tradicional de união amorosa, pois a ausência de compromisso caracteriza os enlaces amorosos na atualidade (Bauman, 2004; Chaves, 2010; Galvão et al., 2016; Smeha & Oliveira, 2013). A fragilidade nas relações amorosas defendida por Bauman (2004) também foi expressa pelas mulheres no estudo de Galvão et al. (2016) e por jovens nas pesquisas de Borges et al. (2014).

Assim, atualmente os relacionamentos amorosos particularizam-se pelo individualismo (Chaves, 2010; Galvão et al., 2016; Smeha & Oliveira, 2013), já que os casais moram em casas separadas (Bauman, 2004; Marimón & Vilarrasa, 2014) e no futuro também vão morar em residências diferentes (Galvão et al., 2016; Smeha & Oliveira, 2013). Ainda, definem-se pela instabilidade (Chaves, 2010), descartabilidade (Smeha & Oliveira, 2013), busca do prazer (Chaves, 2010; Smeha & Oliveira, 2013), superficialidade, efemeridade (Chaves, 2016; Smeha & Oliveira, 2013), hedonismo (Chaves, 2016), grande disponibilidade de parceiros (Bauman, 2004; Smeha & Oliveira, 2013), facilidade em que as relações sexuais ocorrem (Chaves, 2010), instantaneidade, coabitação temporária e pelos casais que se encontram em horários parciais e/ou flexíveis (Bauman, 2004). Também assistimos ao aumento nos casos de divórcio (Marimón & Vilarrasa, 2014) e de separação (Chaves, 2010; Del Priore, 2014; Marimón & Vilarrasa, 2014) que, segundo Del Priore (2014), podem ter como contribuição a nova lei do divórcio que permite a separação um dia após o casamento.

Nesse contexto, sublinha-se que o lugar do outro é problemático porque ele é visto como um instrumento para alcançar a autossatisfação e a autorrealização (Chaves, 2016). Também se torna invisível (La Taille, 2009), isto é, não comparece, uma vez que a ética cotidiana é influenciada por um individualismo exacerbado e, assim, as relações humanas definem-se

cada vez mais por atos de violência (Cortella & La Taille 2005), pois, por meio dessas ações, o sujeito pode ganhar visibilidade aos olhos do outro (La Taille, 2009). Dessa maneira, a construção de um projeto de vida ético fica prejudicada, visto que esse projeto deve envolver outrem como um fim em si mesmo (La Taille, 2006).

Por sua vez, na categoria “*continuidade das mudanças*” as mulheres proferiram que, no futuro, as coisas vão permanecer como estão nos dias atuais, isto é, uns vão dar importância ao casamento e outros não. Ademais, existirão várias formas de amor, as pessoas vão morar juntamente sem a exigência do casamento civil e, se a relação não der certo, vão separar-se e ter que escolher muito bem os parceiros.

A categoria “*busca por viver o amor*” aliou as respostas que revelam que futuramente as pessoas vão persistir mais no amor, superar as diferenças e encontrar novas formas de viver o amor. Além disso, os casais, tanto heterossexuais quanto homossexuais, vão querer compartilhar momentos de construção e de amor, buscar a felicidade e ficar juntos porque gostam um do outro. Observemos o depoimento de Alana: “*Independente de ser homem com mulher, homem com homem ou mulher com mulher, mas compartilhar isso, não é? De compartilhar esses momentos de construção, de amor*”.

Em conformidade com os dados desta pesquisa, segundo Del Priore (2012) e Ferry (2013), o amor passou a ser a base dos casamentos, cujos enlaces homossexuais são o ápice dessa transformação (Ferry, 2013). Oltramari (2009) ainda explicou que o amor permanece no centro dos interesses e das buscas do homem, e Lipovetsky (2000) ressaltou que as mulheres continuam a sonhar com o grande amor. Também Blandón-Hincapié e López-Serna (2016) constataram que os jovens buscam estratégias para superar os momentos de crise na relação.

Segundo a categoria “*casamentos tardios*”, futuramente as pessoas vão casar-se menos e, mais tarde, vão estudar primeiro para depois casar. Vejamos as explicações de Àgata: “*Eu acho que estão estudando mais [...] para depois constituir uma família [...] eu acho, que vai*

ser, assim mesmo, entendeu? Estudar primeiro para depois casar, entendeu? Para depois constituir família". A prioridade pelos estudos foi verificada nas pesquisas de Matos et al. (2005), Secco e Lucas (2015), Smeha e Oliveira (2013), Stengel e Tozo (2010) e Zordan et al. (2009). Dessa maneira, os casamentos estão acontecendo (Chaves, 2010) e vão acontecer, no futuro, mais tardiamente (Smeha & Oliveira, 2013).

Isso posto, serão descritas as categorias que apresentaram diferenças relevantes na porcentagem de repostas entre as duas gerações de participantes. Assim, serão mencionadas as categorias que foram exclusivamente ou principalmente aludidas pelas mulheres entrevistadas no passado. Dessa maneira, somente as mulheres entrevistadas no passado consideraram a categoria "*sempre haverá mudanças sociais*", que reuniu os esclarecimentos, a saber: As coisas tendem a mudar, a se adaptar naturalmente, isto é, novos valores se adaptam a novas realidades, e os casamentos serão diferentes porque vivemos coisas diferentes.

A categoria "*tendência para igualdade entre homens e mulheres*", também exclusivamente mencionada por participantes do passado, contemplou as explicações segundo as quais, no futuro, os homens tendem a ser mais colaborativos e menos exigentes, devido às novas posturas adotadas pelas mulheres, tais como morar sozinha ou assumir uma relação homossexual; o machismo vai diminuir; e espera-se que o homem aceite mais a evolução da mulher e haja menos cobranças de ambos os parceiros. Nesse contexto, não haverá diferenças no que é a mulher dentro e fora de casa, mas isso não implica que ela tenha de abrir mão de sua feminilidade. Assim sendo, o relato de Pâmela exemplifica essa categoria: "[...] *antes as mulheres tinham muita necessidade, assim, de ter um homem como ponto de referência e agora muitas mulheres moram sozinhas. Há muitas mulheres se relacionando com outras mulheres, não é? É assumindo isso sem nenhum problema*".

Entendemos que essa perspectiva apresentada pelas entrevistadas vem se confirmando, já que há, sim, uma flexibilidade nos papéis entre homens e mulheres (Borges et al., 2014; Bozon, 2003; Del Priore, 2014; Larrañaga et al., 2012; Lipovetsky, 2000; Llosa, 2013 e Oltramari, 2009). Contudo, as diferenças entre os sexos ainda persistem, visto que a maior permissividade sexual masculina foi ressaltada nos estudos de Bozon (2003), Del Priore (2014), Larrañaga et al. (2012) e Llosa (2013).

Sobre a categoria *“haverá mais liberdade”*, com base nos relatos das mulheres, futuramente haverá uma livre escolha entre tudo, as pessoas casadas poderão sair com os amigos enquanto o parceiro fica em casa. Devido ao poder de escolha, seremos mais felizes e realizados. Ainda haverá maior liberdade de permanecer solteiro, se a pessoa quiser, e de haver separação/divórcio, visando a uma nova tentativa amorosa. Por outro lado, com o ganho de liberdade, os jovens antecipam as coisas e, no futuro, terão problemas, vão sofrer, ficar malucos e frustrados. Vejamos o depoimento de Patrícia: *“A liberdade é muito maior atualmente, eu acho que tende a ser maior. [...] Assim, vou sair com as minhas amigas, você vai ficar em casa e tal, tudo bem, numa boa”*.

Da mesma forma, em revisão da literatura, foram encontrados estudos que ressaltam a importância da liberdade nos relacionamentos. Por exemplo, no estudo de Smeha e Oliveira (2013), a liberdade foi mais enfatizada pelos rapazes que desejam ter a liberdade de sair com os amigos quando estão em um relacionamento amoroso. Em Borges et al. (2014), os jovens explicaram que a liberdade individual é necessária para a constituição do vínculo, pois a importância concedida a ela altera os parâmetros com os quais se avalia a felicidade do casal. Por sua vez, Del Priore (2014) explicou que o divórcio é motivado pela insatisfação das pessoas dentro do casamento e, assim, elas optam por se divorciarem e vão à busca da felicidade pessoal. Também os jovens entrevistados por Borges et al. (2014) e as mulheres, no estudo de Secco e Lucas (2015), expuseram que o divórcio pode libertar o sujeito. Por outro

lado, Llosa (2013) argumentou que o ganho da liberdade sexual aprisiona o homem na solidão com um sentimento de fracasso e de frustração.

Cabe ressaltar que a diferença no percentual de respostas entre as duas gerações de participantes nas categorias “*haverá mais liberdade*” e “*tendência para a igualdade entre homens e mulheres*” pode ser em parte explicada pelo fato de que as mulheres entrevistadas no passado se encontravam, em termos histórico-sociais, mais próximas dos modelos de conduta bem definidos pela tradição (Del Priore, 2012; 2014; Lipovetsky, 2005) e, assim, elas poderiam ansiar por mais igualdade e flexibilidade nos relacionamentos amorosos.

Em relação às categorias que apresentaram maior percentagem de respostas de mulheres entrevistadas atualmente, em “*persistência no casamento*” reuniram-se os relatos que evidenciam que as pessoas vão persistir no casamento porque se trata de uma estrutura e/ou construção antiga, vão querer casar no civil e no religioso, vão querer compartilhar a vida e ver o amor como algo bonito a ser cultivado. Ainda a família vai continuar a existir, já que as pessoas precisam do vínculo afetivo. Vejamos a explicação de Ângela: “[...] *Ainda acho que o casamento vai prevalecer por muito tempo. Porque é uma construção que a gente carrega já há muitos, muitos anos*”.

Da mesma forma, no entendimento de Del Priore (2014), a família é a mais remota instituição humana e é a base para todos que almejam manter a sua descendência no mundo. E, conforme Marimón e Vilarrasa (2014), o casal tradicional continua a inspirar a vida afetiva das pessoas. Ademais, tanto os adolescentes (Stengel & Tozo, 2010) quanto as mulheres (Coutinho & Menandro, 2010) consideraram o casamento como um projeto de vida: Para os primeiros, os filhos, a união civil e religiosa e a divisão dos serviços na casa e as despesas se inseriram nesse projeto. E Fonseca e Duarte (2014) verificaram que os entrevistados esperam encontrar no parceiro um companheiro com quem seja possível construir uma família e ter filhos.

Ressalta-se que o maior percentual de respostas mencionado pelas mulheres entrevistadas, na atualidade, nessa categoria pode ser parcialmente explicado em virtude de que essas participantes estejam vivenciando mais de perto os aspectos do contemporâneo como, a incerteza, a transitoriedade, o individualismo e a efemeridade nas relações amorosas. Tal fato vai ao encontro de Blandón-Hincapié e López-Serna (2016), que argumentaram que esses aspectos podem impulsionar as pessoas a buscar laços fortes e estáveis que viabilizem a construção de um futuro.

Em “*inexistência do casamento formal*”, aliaram-se as seguintes respostas: Futuramente não haverá casamentos tradicionais devido à educação que os jovens estão recebendo dos pais e à coabitação; algumas pessoas não vão querer casar por causa de experiências ruins e precoces, mas outras desejarão coabitar, compartilhar a vida e não vai haver a obrigação de casar e, assim, as pessoas poderão fazer um “*test-drive*”. Como exemplo, observa-se o relato de Alana: “[...] *Eu acho que eles vão querer casar, também. Não estou querendo dizer se é casar no civil ou no religioso. Morar junto, não é? Compartilhar [...] Se não quiser casar não precisa, não é?*”.

Da mesma forma, Del Priore (2014) assinalou a diminuição dos casamentos formais em virtude da coabitação e que, em Chaves (2016), alguns dos entrevistados evitavam o compromisso e o envolvimento afetivo com outrem por causa de experiências amorosas anteriores, definidas por infidelidades, abandono e desrespeito.

Verificou-se ainda que duas participantes entrevistadas atualmente consideraram que “*não há como saber*” de que maneira será o futuro das relações amorosas em virtude não só da maior liberdade que os jovens têm atualmente, tanto para consumir drogas quanto para se dedicarem aos estudos, como também das diferenças entre os jovens recatados de famílias evangélicas e as meninas do *funk* que, com 12 anos, vão coabitar com outras pessoas.

Por último, na categoria “*outros*”, que não apresentou diferenças relevantes entre os relatos das duas gerações de entrevistadas, se encontram as seguintes respostas: No futuro chegaremos a um equilíbrio entre as coisas ótimas do presente e as ruínas do passado; se não tiver Deus, não vai ter mais relacionamentos; o preconceito vai acabar e a estrutura familiar vai mudar, já que poucas pessoas terão filhos. Isso posto, serão tecidas as considerações finais deste estudo.

Considerações finais

Neste estudo, constatou-se que, com base nos depoimentos das entrevistadas, as relações amorosas estão modificando-se e que, no futuro, haverá uma diversidade de formas de relacionamento amoroso como a coabitação, o casamento no civil e/ou no religioso e as relações homossexuais. Esses resultados aproximam-se do namoro investigado por Duarte e Rocha-Coutinho (2011), das “relações customizadas” discutidas por Amorim e Stengel (2014) e de Del Priore (2014) ao sublinhar a continuidade da família no futuro.

Verificou-se que a “*fragilidade dos vínculos*” foi a categoria mais aludida pelas participantes em geral (n=23; 26,7%), indicando o lugar o problemático do outro nas relações amorosas (Chaves, 2016) e a não contribuição para a construção de um projeto de vida ético (La Taille, 2006). Desse modo, enfatiza-se a importância de que psicólogos e profissionais da educação desenvolvam projetos de intervenção, nas escolas e nas comunidades, com sujeitos de todas as idades, objetivando construir e fortalecer a concepção de que o outro deve ser entendido como alguém que merece ter seus sentimentos, sua singularidade e a sua dignidade respeitada.

Sobre as diferenças encontradas nas perspectivas das mulheres das duas gerações, averiguou-se que as categorias - “*sempre haverá mudanças sociais*” e “*tendência para a*

igualdade entre homens e mulheres” - contemplaram somente esclarecimentos de mulheres entrevistadas no passado. Destaca-se também o maior número de respostas em “*haverá mais liberdade*” mencionado por elas. Assim, em relação às categorias “*tendência para a igualdade entre homens e mulheres*” e “*haverá mais liberdade*”, sublinha-se que esse resultado pode ser em parte explicado em virtude de que essas participantes estavam mais próximas dos valores tradicionais de conduta caracterizados pela rígida divisão de papéis entre os sexos (Del Priore, 2012; 2014; Lipovetsky, 2005).

Dessa maneira, essas mulheres podem ter idealizado um futuro em que as uniões amorosas sejam mais livres e igualitárias. Tal fato vem sendo corroborado pela literatura, uma vez que maior igualdade entre homens e mulheres na relação amorosa foi sublinhada nos trabalhos de Borges et al. (2014), Bozon (2003), Del Priore (2014), Larrañaga et al. (2012) Lipovetsky (2000), Llosa (2013) e Oltramari (2009). Ademais, a liberdade foi valorizada pelos jovens nos estudos de Borges et al. (2014) e de Smeha e Oliveira (2013).

Por sua vez, a categoria “*não há como saber*” inseriu apenas explicações de mulheres entrevistadas atualmente e as categorias “*inexistência do casamento formal*” e “*persistência no casamento*” tiveram a maioria dos depoimentos aludidos por essas mulheres. Assim, sublinha-se que a maior ênfase atribuída por mulheres entrevistadas atualmente em “*persistência no casamento*” pode estar relacionada ao fato de que elas estejam vivenciando, de forma mais próxima, a instabilidade e o individualismo presentes na atualidade. Desse modo, essas mulheres podem ter aspirado a um futuro em que as pessoas sejam mais persistentes no casamento.

Cabe ressaltar que este estudo se limitou a investigar as perspectivas futuras para os relacionamentos amorosos com jovens mulheres casadas na classe média. Desse modo, sugere-se a importância da realização de pesquisas transversais que investiguem a concepção das relações amorosas com sujeitos nas demais faixas etárias, de ambos os sexos, e em

diferentes classes econômicas, pois entende-se que, ao longo dos anos, as pessoas mudam a forma de conceber as relações afetivas e podem estar cientes dos fatores que conduziram tal mudança.

Em termos gerais, ressalta-se que os resultados deste estudo podem fornecer subsídios teóricos para psicólogos e profissionais da educação que trabalham com o tema dos relacionamentos amorosos: Por exemplo, elaborando palestras, cursos e/ou projetos de intervenção. Ainda destacamos que este trabalho contribui nas pesquisas sobre a temática em questão.

Referências

- Alencar, H. M. (1993). *Depoimentos de amor: Um estudo sob a ótica feminina*. Dissertação de mestrado não publicada. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Amorim, A. N., & Stengel, M. (2014). Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*, 19(3), 157-238.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos* (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Blandón-Hincapié, A. I., & López-Serna, L. M. (2016). Comprensiones sobre pareja en la actualidad: Jóvenes en busca de estabilidad. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14(1), 505-517.
- Borges, C. C., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Liberdade e desejo de constituir família: percepção de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(3), 89-103.

- Bozon, M. (2003). Sexualidade e conjugalidade: A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. *Cadernos Pagu*, (20), 131-156.
- Chaves, J. C. (2010). A percepção de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 28-46.
- Chaves, J. C. (2016). Práticas afetivo-sexuais juvenis: entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 320-330.
- Cortella, M. S., & La Taille, Y. (2005). *Nos labirintos da moral*. Papiros: São Paulo.
- Coutinho, S. M. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: “Que seja terno enquanto dure”. *Psicologia Clínica*, 22(2), 83-106.
- Del Priore, M. (2012). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Del Priore, M. (2014). *Histórias e conversas de mulher: Amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história*. São Paulo: Planeta.
- Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: Descobrimos o pensamento das crianças* (F. Murad, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Duarte, J. P., & Rocha-Coutinho, M. L. (2011). “Namorado”: uma forma contemporânea de conjugalidade? . *Psicologia Clínica*, 23(2), 117-135.
- Ferry, L. (2013). *Do amor: Uma filosofia para o século XXI* (R. Janowitz, Trad.). Rio de Janeiro: Difel.
- Fonseca, S. R. A., & Duarte, C. M. N. (2014). Do namoro ao casamento: significados, expectativas, conflito e amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 135-143.
- Galvão, J. A., Alencar, H. M., & Rossetti, C. B. (2016). Moralidade e amor: estudo de caso com mulheres casadas. *Revista Ciências Humanas UNITAU*, 9(2), 142-155.

- Larrañaga, E., Yubero, S., & Yubero, M. (2012). Influencia del género y del sexo en las actitudes sexuales de estudiantes universitarios españoles. *Summa Psicológica UST*, 9(2), 5-13.
- La Taille, Y. (2006). *Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- La Taille, Y. (2009). *Formação ética: Do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Lipovetsky, G. (2000). *A terceira mulher: Permanência de revolução do feminino* (M. L. Machado, Trad.). São Paulo: Companhia das letras.
- Lipovetsky, G. (2005). *A sociedade pós-moralista: O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos* (A. A. Braio, Trad.). Barueri, São Paulo: Manole.
- Llosa, M. V. (2013). *A civilização do espetáculo: Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura* (I. Benedetti, Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Marimón, M. M., & Vilarrasa, G. S. (2014). *Como construímos universos: Amor, cooperação e conflito* (S. M. Felix, Trad.). São Paulo: Editora Unesp.
- Matos, M., Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2005). Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares carioca. *Interação em Psicologia*, 9(1), 21-33.
- Oltramari, L. C. (2009). Amor e conjugalidade na contemporaneidade: Uma revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 669-677.
- Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (2012). Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.
- Secco, M. L., & Lucas, M. G. (2015). A vida amorosa de mulheres financeiramente independente. *Pensado famílias*, 19(1), 61-76.
- Smeha, L. N., & Oliveira, M. V. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2), 33-45.

Stengel, M., & Tozo, S. M. P. S. (2010). Projetos afetivo-sexuais por adolescentes e seus pais.

Pesquisas e Práticas Psicossociais 5(1), 72-82.

Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas

com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76.

Anexo A

Tabela 1. Perspectivas futuras para os relacionamentos amorosos apresentadas pelas mulheres das duas diferentes gerações.

Categorias	Passado		Atual	
	N	%	N	%
Fragilidade dos vínculos	11	24,5%	12	29,3%
Persistência no casamento	4	8,9%	7	17,1%
Haverá mais liberdade	7	15,6%	3	7,3%
Inexistência do casamento formal	2	4,4%	5	12,2%
Continuidade das mudanças	3	6,7%	3	7,3%
Busca por viver o amor	3	6,7%	3	7,3%
Tendência para a igualdade entre homens e mulheres	6	13,3%	0	0%
Sempre haverá mudanças sociais	4	8,9%	0	0%
Casamentos tardios	1	2,2%	2	4,9%
Haverá mais envolvimento e compreensão	2	4,4%	1	2,4%
Não há como saber	0	0%	2	4,9%
Dado perdido	0	0%	1	2,4%
Outros	2	4,4%	2	4,9%
Total	45	100%	41	100%

3 Considerações finais

Encerradas a apresentação e a discussão dos resultados, teceremos, neste capítulo, as nossas considerações finais em que exporemos as concepções em comum e as diferenças relevantes entre os relatos das mulheres das duas gerações; articularemos os dados dos três artigos e destacaremos as sugestões de novas pesquisas, os limites e as contribuições desta dissertação.

As concepções em comum e as diferenças relevantes entre os relatos das mulheres das duas gerações

Esta pesquisa de mestrado buscou comparar a concepção de jovens mulheres de duas diferentes gerações sobre as possíveis mudanças nos relacionamentos amorosos da geração anterior para a atual e as perspectivas para o presente e o futuro das relações amorosas dos casais em geral, na ótica da moral e da ética. Sendo assim, no artigo um, no qual investigamos as mudanças nos relacionamentos amorosos dos casais em geral, de uma geração para a outra, e os motivos das referidas modificações, constatamos que todas as entrevistadas afirmaram que as relações amorosas mudaram nas últimas décadas. Ademais, foi no primeiro artigo em que verificamos maior diferença entre os depoimentos das duas gerações de participantes.

Tal fato pode ter ocorrido em virtude de que as participantes tiveram que se remeter à maior temporalidade cronológica, tanto para mencionar quanto para justificar as mudanças nas relações amorosas. Também, segundo Del Priore (2012; 2014), de meados do século passado até os dias atuais, as relações amorosas passaram por diversas transformações, o que pode ter refletido nos relatos das mulheres.

Dessa maneira, as mulheres entrevistadas atualmente, em 2013, apresentaram maior quantidade de respostas referindo-se à submissão feminina nos casamentos antigos, pois as mulheres eram educadas desde cedo para ser submissas aos seus esposos. Por outro lado,

essas participantes ressaltaram que, nos dias atuais, as mulheres possuem o direito e a liberdade de falar e de agir, isto é, são formadas para ter uma vida social e afetiva livre dos tabus que cerceavam a liberdade feminina em meados do século XX (Del Priore, 2012; 2014).

As entrevistadas expuseram que atualmente as mulheres conquistaram a independência financeira e, assim, não precisam mais casar-se por motivos econômicos, bem como destacaram a maior participação masculina no cuidado e na educação dos filhos. Em conformidade com essas declarações, a relevância da independência financeira da mulher foi sublinhada por Marimón e Vilarrasa (2014). Em contrapartida, Jablonski (2010) e Teykal e Rocha-Coutinho (2007) ressaltaram que a maior responsabilidade com o cuidado dos filhos ainda é atribuída às esposas, cujos maridos exercem o papel de coadjuvante nessa função.

Para essas entrevistadas, o respeito entre as pessoas diminuiu de uma geração para a outra, como também as relações amorosas atuais se definem pela fragilidade dos vínculos, em virtude da falta de paciência, de compromisso e da banalização do casamento. De tal maneira, vimos que a ausência de respeito (Smeha & Oliveira, 2013; Chaves, 2010; Coutinho e Menandro, 2010) e de compromisso para com outrem nos relacionamentos amorosos (Smeha & Oliveira, 2013; Chaves, 2010; Galvão et al, 2016) foi constatada na literatura. Ademais, na pesquisa de Secco e Lucas (2015), as mulheres expressaram a banalização do casamento.

Além disso, tais participantes enfatizaram que, nos dias de hoje, os sentimentos, especialmente o amor, passaram a ser a principal base das uniões amorosas; que a convivência é mais voluntária, embora seja necessário que os casais aprendam a conviver com as diferenças; e que há mais compromisso entre os cônjuges que compartilham a vida. Assim sendo, destacamos que o compartilhar a responsabilidade e as decisões passou a ser um aspecto presente nas relações amorosas (Marimón & Vilarrasa, 2014) e que a cooperação entre os cônjuges e a relevância de um plano familiar em comum foram sublinhadas na pesquisa de Aboim (2009).

Por sua vez, as mulheres entrevistadas no passado, em 1993, contemplaram maior quantidade de respostas sobre a indissolubilidade dos casamentos, a tolerância em relação às infidelidades masculinas e os tabus acerca do divórcio, na geração mais antiga, que se pautavam nos rígidos modelos de conduta difundidos em meados do século passado (Del Priore, 2012; 2014). Nesse contexto, segundo Del Priore (2012; 2014), preconizava-se que as esposas deveriam ser submissas aos seus maridos e que perdoassem as suas traições, como também havia a discriminação social das pessoas divorciadas, especialmente as mulheres.

No que se refere à geração mais nova, as participantes do passado, em 1993, ressaltaram que mudaram os papéis no mercado de trabalho, já que a mulher também trabalha, sustenta o lar, adia o sonho da maternidade e vai em busca da realização profissional. Essa consideração remete-nos ao estudo de Coutinho e Menandro (2010), no qual o trabalho formal feminino foi expresso como um fator relevante para o casamento. Secco Lucas (2015) ainda constataram que as participantes priorizavam a vida profissional, em vez do matrimônio.

Além do mais, as entrevistadas, em 1993, expuseram que há mais diálogo, sinceridade e honestidade entre os casais e, assim, é possível dizer ao cônjuge que a relação terminou. Destarte, aproximando-se dessas declarações, Alves-Silva et al. (2016) ponderaram a importância do diálogo para a manutenção de um casamento duradouro e para maiores graus de intimidade e de satisfação conjugal.

Essas entrevistadas também explanaram que, na geração mais jovem, as pessoas em geral podem conhecer-se mais e melhor; que os sujeitos estão priorizando a felicidade pessoal, em detrimento da alheia; e que há mais ansiedade e instabilidade nas relações amorosas. Assim sendo, convém destacar que a priorização da felicidade pessoal, distancia-se, em parte, do plano ético (La Taille, 2006) e da ética do cuidado (Gilligan, 1982), nos quais se deve considerar a felicidade de todos os inseridos na relação. Ademais, a instabilidade nos valores

(La Taille, 2009) e nas relações amorosas (Chaves, 2010; Secco & Lucas, 2015) foi enfatizada na literatura.

Vale sublinhar que não houve diferenças relevantes entre os depoimentos das mulheres das duas gerações em relação ao machismo presente nas relações amorosas, na geração anterior, bem como sobre o fato de que, nos casais mais novos, o homem também passou a se responsabilizar pelos afazeres domésticos e que há mais igualdade entre os homens e as mulheres, pois ambos têm a mesma autonomia dentro do relacionamento.

Posto isso, ao apresentarem os motivos das referidas mudanças nas relações amorosas, as mulheres entrevistadas, na atualidade, em 2013, expuseram maior número de argumentos enfatizando o protagonismo da mulher tanto na construção da própria história de vida quanto como agente das mudanças sociais, pois a mulher ganhou autonomia emocional e financeira e é mais engajada nas questões da sociedade. Tais justificativas aproximam-se dos estudos, no âmbito da Psicologia da moralidade, em que os sujeitos entrevistados se referiram a si próprios como pessoas capazes de atuar no mundo (Andrade & Alencar, 2015; Andrade, 2012; Miranda; 2016) e portadoras de características positivas (Andrade, 2012). Além disso, a conexão com a sociedade foi constatada nas pesquisas de Andrade (2012), Alves et al. (2015b), D'Aurea-Tardeli (2008) e Miranda (2016).

Essas entrevistadas ainda ressaltaram a desconexão ocorrida entre as pessoas e/ou os grupos, relacionada com o distanciamento, com a ausência de compromisso, de carinho e de gentileza entre as pessoas e com o fato de a maioria dos jovens priorizar o sexo e a curtição em detrimento da família e do casamento. Assim sendo, destacamos que D'Aurea-Tardeli (2008) averiguou que os adolescentes proferiram projetos de vida desconectados de outrem e que Miranda (2016) verificou a desconexão de pessoas próximas com o idoso.

Sobre as participantes do passado, em 1993, elas mencionaram maior quantidade de justificativas destacando a conexão de pessoas e/ou de grupos, já que é provável que

estejamos mais próximos uns dos outros, ajudando-nos e complementando-nos reciprocamente. Desse modo, indo ao encontro desses argumentos, vimos que a conexão com outrem foi constatada em estudos no campo da Psicologia da moralidade (Alves et al., 2015b; Andrade, 2012; Andrade & Alencar, 2015; D'Aurea-Tardeli, 2008; Madeira & La Taille, 2004; Miranda, 2016).

Cabe frisar que a diferença averiguada (maior ênfase das entrevistadas atuais na desconexão de pessoas/grupos e maior destaque das participantes do passado na conexão de pessoas/grupos) pode indicar que as relações amorosas tornaram-se mais frágeis, nos últimos anos, o que corrobora a liquidez dos laços humanos discutida por Bauman (2004).

Por fim, houve argumentos que não apresentaram diferenças expressivas entre as explicações das entrevistadas das duas gerações. Em termos gerais, as mulheres explicitaram a desconexão na sociedade que, além de envolver o imediatismo e a ausência de modelos de conduta, é influenciada pelas guerras, pela violência, pela mídia, pela tecnologia e pela banalização do divórcio, do recasamento e da infidelidade.

Por outro lado, as participantes expuseram a conexão na sociedade, isto é, o fato de que vivemos em um período de transição que contempla o pós-mercado de trabalho, os movimentos e as conquistas sociais, bem como a evolução da cultura e do mundo. Por último, as entrevistadas explicaram que as relações amorosas mudaram em virtude de uma nova dinâmica de relação entre as mulheres e os homens, no âmbito afetivo e profissional.

Em termos gerais, ajuizamos que as conexões e as desconexões, que verificamos nas justificativas pronunciadas pelas mulheres, são relevantes para os estudos sobre a moralidade, pois para a edificação de um plano de vida ético (La Taille, 2006), na perspectiva da ética do cuidado (Gilligan, 1982), e para o desenvolvimento da autonomia moral (Piaget, 1932/1994) a qualidade de inter-relação entre o eu e o outro é de suma importância.

No segundo artigo, pesquisamos a possibilidade ou não de os casais de modo geral manterem o amor na conjugalidade e as justificativas para as referidas respostas. De tal modo, averiguamos que a maioria das entrevistadas considerou a possibilidade de os casais manterem o amor na convivência diária. Como argumentos, as participantes mencionaram a reciprocidade do casal, a abdicação, os problemas conjugais, a incompreensão, a intolerância, a questão pessoal, o companheirismo e notadamente os sentimentos, entre os quais, explicitaram o amor e a paixão que se modificam ao longo da conjugalidade.

Assim sendo, sublinhamos que o amor foi expresso como um ingrediente que colabora para a permanência da união amorosa (Jablonski, 1991; Matos et al. (2005). Além do mais, Aboim, (2009), Comte-Sponville (2011) e Ferry (2013) enfatizaram a possibilidade de o amor-paixão transformar-se em um amor-amizade, e Jablonski (1991) ponderou que o amor-paixão pode modificar-se em um amor companheiro.

Vale destacar que o segundo artigo foi o que apresentou menor diferença considerável entre os esclarecimentos das duas gerações de mulheres. Mas, mesmo assim, as participantes do passado, em 1993, expuseram maior quantidade de justificativas aludindo à experiência vivenciada por elas próprias e à observação da experiência dos outros especialmente familiares e amigos. Essa consideração pode estar relacionada com o fato de que tais entrevistadas possuíam uma referência mais sólida nas tradições do passado e nas expectativas sobre o futuro das relações amorosas (La Taille, 2009), influenciando na compreensão da experiência pessoal e da observação da experiência dos outros.

As participantes do passado ainda exprimiram que é uma questão de sorte em encontrar a pessoa certa para que o amor se mantenha ou não na conjugalidade. Contudo, a religiosidade foi aludida somente por mulheres entrevistadas, na atualidade, em 2013, e nos remeteu a Cortella e La Taille (2005) que destacaram o retorno da religiosidade no contemporâneo.

Por último, no terceiro artigo, perguntamos às entrevistadas sobre as perspectivas futuras para os relacionamentos amorosos dos casais em geral. Todas as participantes alegaram que as relações amorosas estão se modificando, o que sinaliza a coexistência de várias formas de enlace amoroso no futuro. Desse modo, as mulheres das duas gerações ressaltaram que futuramente haverá a fragilidade dos vínculos, pois os relacionamentos serão caracterizados pela ausência de compromisso e pelo individualismo, bem como serão escorregadios, industrializados, fúteis e fáceis de conseguir. Semelhantemente a esses relatos, Bauman (2004) discutiu a fragilidade dos vínculos e destacou que as relações amorosas passaram a ser definidas pela ausência de compromisso, instantaneidade, grande disponibilidade de parceiros, coabitação temporária e pelos casais que moram em casa separadas.

As entrevistadas ainda proferiram que as sujeitos vão casar menos e mais tarde e/ou vão priorizar os estudos, em vez do casamento, o que vai ao encontro dos resultados encontrados por Chaves (2010), Matos et al. (2005), Secco e Lucas (2015), Smeha e Oliveira (2013), Stengel e Tozo (2010) e por Zordan et al. (2009). Por outro lado, as participantes expuseram que os sujeitos vão persistir mais no amor e buscar novas formas de vivenciá-lo, haverá mais envolvimento e compreensão entre as pessoas e as mudanças que presenciamos nos dias atuais vão permanecer no futuro.

Sobre as diferenças expressivas entre os relatos das participantes das duas gerações, as mulheres entrevistadas, no passado, em 1993, explanaram maior número de respostas em relação ao fato de que as mudanças sociais sempre vão continuar ocorrendo, já que novos valores continuamente se adaptam a novas realidades. Além disso, essas participantes expuseram que as pessoas, de modo geral, serão mais livres para tomar as decisões que querem e que, no futuro, haverá uma tendência para a igualdade entre homens e mulheres.

À vista disso, a valorização da liberdade nos relacionamentos amorosos foi encontrada na pesquisa de Borges et al. (2014) e na de Smeha e Oliveira (2013). Ademias, consideramos

que a razão de as participantes do passado terem expressado maior quantidade de respostas referentes ao aumento da liberdade e à tendência a igualdade entre os sexos pode estar relacionada com o fato de que tais mulheres se encontravam mais próximas, em termos históricos, dos modelos de conduta tradicionais (Del Priore, 2012; 2014; Lipovetsky, 2005). Dessa maneira, elas podem ter aspirado a um futuro em que as relações amorosas tenham sido mais igualitárias e flexíveis.

Por sua vez, as mulheres entrevistadas atualmente, em 2013, exibiram maior quantidade de declarações mencionando que, no futuro, as pessoas vão persistir mais no casamento e que a família vai permanecer, pois os sujeitos necessitam no vínculo afetivo. Esses depoimentos aproximam-nos de Del Priore (2014), que referiu que a família existe desde os tempos remotos e é a base para quem deseja perpetuar a sua posteridade na terra, e de Marimón e Vilarrasa (2014), ao exprimirem que o modelo do casamento tradicional permanece como fonte de inspiração para a vida afetiva dos casais.

Além disso, sublinhamos que o fato de as participantes da atualidade terem exposto maior número de respostas sobre a persistência no casamento pode ser, em parte, esclarecido em virtude de que essas mulheres estejam mais próximas das características do contemporâneo, como a incerteza, a transitoriedade, o individualismo e a efemeridade nos relacionamentos amorosos. Dessa forma, concordamos com Blandón-Hincapié e López-Serna (2016), ao alegarem que tais fatores podem impelir os sujeitos a buscar relações fortes e estáveis que permitam a constituição de um futuro.

Por outro lado, essas participantes destacaram que o casamento formal não existirá. Elas também aludiram que não há como saber como será o futuro das relações amorosas, devido às diferentes formas de conduta que verificamos nos dias atuais. Por exemplo, há os jovens de família e os que se dedicam aos estudos, bem como há meninas frequentadoras de baile *funk* que vão coabitar com outras pessoas e os jovens que consomem drogas. Sendo assim,

encerramos a exposição das diferenças e das concepções semelhantes encontradas nos relatos das entrevistadas. A partir de então, seguiremos as nossas considerações finais destacando os pontos em comum nos três artigos desta dissertação.

Os pontos em comum nos três artigos

Nesta pesquisa de mestrado, destacamos que a fragilidade dos vínculos foi proferida pelas entrevistadas no primeiro artigo (mudanças nos relacionamentos amorosos de os casais em geral), como um aspecto presente nas relações amorosas nos dias atuais. As mulheres ainda, ao justificarem as mudanças ocorridas nos relacionamentos amorosos, nas últimas décadas, mencionaram argumentos que se aproximaram da fragilidade dos vínculos. Dessa maneira, as participantes expuseram a desconexão de pessoas e/ou de grupos, ou seja, que falta o carinho e a gentileza no convívio diário e que diminuiu o compromisso e a tolerância entre os sujeitos; e a desconexão na sociedade, sublinhando que o imediatismo presente na sociedade pode interferir nas relações amorosas. Além disso, no terceiro artigo (perspectivas futuras para os relacionamentos amorosos dos casais em geral), as mulheres explicitaram que as relações amorosas, no futuro, serão caracterizadas pela fragilidade dos vínculos, isto é, serão definidas, entre outros, pelo individualismo e pela ausência de compromisso.

Sendo assim, a fragilidade dos vínculos expressa pelas mulheres no artigo um e no três é contrária ao plano ético (La Taille, 2006) e à ética do cuidado (Gilligan, 1982), nos quais é preciso atentar para a felicidade e as necessidades de todas as pessoas implicadas na situação. Ademais, uma vida para ser denominada ética deve compreender a vida por inteiro, a saber: As lembranças do passado, o presente e as aspirações para o futuro, e não apenas instantes de prazer (La Taille, 2006).

Além disso, no primeiro artigo, as mulheres relataram a inserção dos sentimentos, do amor, nos casamentos atuais; no segundo artigo (a possibilidade ou não de os casais em geral

manterem o amor na conjugalidade), as entrevistadas enfatizaram os sentimentos, entre os quais amor, ao justificarem a possibilidade de o amor permanecer na conjugalidade; e, no terceiro artigo, as participantes proferiram que, no futuro, as pessoas vão persistir mais no amor e querer compartilhar momentos de construção e de amor. Em concordância com esses relatos, no entender de Del Priore (2012) e de Ferry (2013), em meados do século passado, o amor passou a ser a base dos casamentos. E, segundo Oltramari (2009), o amor permanece no âmago das preocupações e buscas do homem.

Posto isso, no primeiro artigo, as entrevistadas alegaram que atualmente o respeito entre as pessoas diminuiu. Por sua vez, no segundo artigo, o respeito e a reciprocidade foram mencionados como justificativas para a possibilidade ou não de os casais em geral manterem o amor na conjugalidade. Destarte, ressaltamos a importância do respeito e das relações de reciprocidade no desenvolvimento do juízo moral, pois, conforme Piaget (1932/1994), das relações de reciprocidade e do respeito mútuo entre os pares, a criança desenvolve a autonomia moral e, assim, adquire a capacidade de colocar-se no ponto de vista alheio.

Também, no primeiro artigo, as entrevistadas alegaram que há mais companheirismo entre os cônjuges nos dias de hoje. E, no segundo artigo, as mulheres explicaram que o amor pode permanecer no convívio diário em virtude do companheirismo. No segundo artigo, ainda as participantes explanaram a incompreensão como justificativa para o “depende” e para o “não é possível manter o amor no dia a dia”. Contudo, no terceiro artigo, as entrevistadas proferiram que, no futuro, haverá mais envolvimento e compreensão entre os sujeitos. Assim sendo, esses resultados vão ao encontro de Gilligan (1982), que esclareceu que, na ética do cuidado, as mulheres desempenham o papel de companheira e buscam compreender as responsabilidades e as obrigações para com todos os implicados na ocasião.

No primeiro artigo, as entrevistadas expuseram que as mulheres adquiriram a liberdade e o direito de falar e de agir e, no terceiro artigo, enunciaram que, no futuro, haverá mais

liberdade para as pessoas em geral. Além do mais, no primeiro artigo, as participantes aludiram que as relações amorosas atuais se caracterizam pela igualdade entre homens e mulheres e, no terceiro artigo, ressaltaram que, no futuro, haverá a tendência para a igualdade entre os sexos. Em vista disso, destacamos que maior igualdade entre homens e mulheres nas relações amorosas foi constatada no estudo de Aboim (2009), Borges et al. (2014), Bozon, (2003), Del Priore (2014), Larrañaga et al. (2012), Lipovetsky (2000), Llosa (2013), Marimón e Vilarrasa (2014), Oltramari (2009), Secco e Lucas (2015), Smeha e Oliveira (2013).

Por último, no primeiro artigo, as mulheres explanaram a inserção do diálogo nos relacionamentos amorosos atuais e, no terceiro artigo, o diálogo foi mencionado como argumento para a possibilidade de o amor permanecer na conjugalidade. Assim sendo, agora que terminamos de sublinhar os pontos em comum encontrados nos três artigos, passaremos a apresentar as sugestões de novas pesquisas, os limites e as contribuições desta dissertação.

Sugestão de novas pesquisas, limites deste estudo e contribuições

Destacamos que esta dissertação de mestrado se limitou a investigar as perspectivas sobre o passado, o presente e o futuro das relações amorosas dos casais em geral com mulheres jovens que viviam em conjugalidade com homens, na classe média. Dessa maneira, sugerimos a realização de pesquisas que investiguem o tema em questão com sujeitos das outras faixas etárias, de ambos os sexos, nas demais classes sociais, visando ampliar o conhecimento do assunto, bem como levantar subsídios teóricos para a elaboração de proposta de intervenção.

Além disso, nesta dissertação constatamos diferenças entre os relatos de mulheres que foram entrevistadas em distintos períodos de tempo. Desta feita, consideramos a importância da concretização de estudos transversais que investiguem as prováveis mudanças na forma de conceber as relações amorosas, com o acréscimo da idade.

Também ressaltamos que a ênfase na fragilidade dos vínculos, especialmente como expectativa para o futuro das relações amorosas, e a ausência de respeito nos relacionamentos amorosos, na atualidade, expressam a relevância de continuarmos a investigar os enlaces amorosos, na perspectiva da moral e da ética. Conforme apresentamos, a fragilidade dos vínculos diverge do plano ético proposto por La Taille (2006) e a ausência de respeito entre as pessoas pode comprometer o desenvolvimento do juízo moral (Piaget, 1932/1994).

Além disso, as categorias conectadas e desconectadas, que averiguamos nas justificativas das mulheres para as mudanças que ocorreram nas relações amorosas, sugerem a realização de pesquisas transversais e de estudos com sujeitos em outras faixas etárias, de ambos os sexos e de diversos segmentos sociais, que investiguem o lugar em que o outro ocupa nos relacionamentos amorosos. Desse modo, os estudiosos que porventura viessem desenvolver tais trabalhos, além de contribuir para as pesquisas, poderiam subsidiar projetos de intervenção nas escolas e nas comunidades, com o objetivo de construir e/ou fortalecer a concepção de que o outro precisa ser respeitado, considerado em sua singularidade e com um fim em si mesmo nas relações interpessoais.

Por fim, ponderamos que esta dissertação contribui para as pesquisas sobre o amor e os relacionamentos amorosos notadamente na ótica da moral e da ética. Fornece ainda subsídios teóricos para psicólogos que realizam atendimentos clínicos individuais e/ou em grupos, bem como para profissionais que trabalham com este tema em escolas e/ou em comunidades na elaboração e na prática de projetos de intervenção em educação em valores morais.

4 Referências

- Aboim, S. (2009). Da pluralidade dos afetos: Trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24(70), 107 - 122. doi: 10.1590/S0102-69092009000200007.
- Aizpurúa, R. I., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2007). Familias brasileiras y argentinas: Entre la tradición y la modernidad. *Revista Interamericana de Psicología*, 41(2), 189 - 196. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28441209>
- Alencar, H. M. (1993). *Depoimentos de amor: Um estudo sob a ótica feminina* (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.
- Alves, A. D. (2016). *Amor e sua relação com a generosidade: estudo com adolescentes sob a ótica da moralidade* (Tese de doutorado). Recuperado de: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_6858_TESE%20ARIADNE.pdf
- Alves, A. D., Alencar, H. M., & Ortega, A. C. (2012). Exemplos sobre a importância do amor: estudo com crianças no contexto da moralidade. *Temas em Psicologia*, 20(1), 261 - 272. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2012000100019&script=sci_arttext
- Alves, A. D., Alencar, H. M., & Ortega, A. C. (2014). Moralidade e concepção de amor em crianças de 6 e 9 anos. *Revista Psicopedagogia*, 31(94), 21 - 34. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862014000100004
- Alves, A. D., Alencar, H. M., Ortega, A. C., Galvão, J. A., & Fonseca, T. P. (2015a). Estudo exploratório acerca da concepção do amor e possibilidade de amar para adolescentes. *C&D-Revista Eletrônica da Fainor*, 8(1), 158 - 173. Recuperado de: <http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/353>

- Alves, A. D., Alencar, H. M., Ortega, A. C., Galvão, J. A., & Fonseca, T. P. (2015b). Concepção de amor e moralidade: Estudo sob a ótica de jovens adultas. *Ariús: Revista de Ciências Humanas e Artes*, 21(1), 105 - 131. Recuperado de: <http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/>
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., Santos, M. A. (2016). Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos*, 9(1), 32 - 50. doi: 10.4013/ctc.2016.91.03
- Amorim, A. N., & Stengel, M. (2014). Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*, 19(3), 157 - 238. doi: 10.1590/S1413-294X2014000300003.
- Andrade, A. N. (2012). *Ecos do silêncio: Juízos de surdos no âmbito da formação superior sobre projetos de vida e humilhação nas perspectivas moral e ética* (Tese de doutorado). Recuperado de: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_3519_TESE_ALLINE%20N%20ANDRADE%202012.pdf
- Andrade, A. N., & Alencar, H. M. (2015). Políticas públicas, formação superior e atuação profissional: Opções morais e éticas de surdos. *Atos de Pesquisa em Educação*, 10(1), 53 - 79. doi: 10.7867/1809-0354.2015v10n1p53-79
- Bastistoni, S. S. T., & Neri, A. L. (2007). Percepção de classe social entre idosos e suas relações com aspectos emocionais do envelhecimento. *Psicologia em Pesquisa*, 1(02), 03 - 10. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472007000200002
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade* (M. Gama, & C. M. Gama, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos* (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Blandón-Hincapié, A. I., & López-Serna, L. M. (2016). Compreensões sobre pareja en la actualidad: Jóvenes en busca de estabilidad. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14(1), 505 - 517. doi: 10.11600/1692715x.14134271014
- Borges, C. C., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Liberdade e desejo de constituir família: Percepção de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(3), 89 - 103. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229035339008>
- Bozon, M. (2003). Sexualidade e conjugalidade: A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. *Cadernos Pagu*, (20), 131 - 156. doi: 10.1590/S0104-83332003000100005
- Carvalho, F. C. G., & Paiva, M. L. S. C. (2009). O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. *Boletim de Psicologia*, 59(131), 223 - 235. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432009000200008
- Chaves, J. C. (2010). A percepção de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 28 - 46. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000100004
- Chaves, J. C. (2016). Práticas afetivo-sexuais juvenis: entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 320 - 330. doi: 10.1590/1807-03102016v28n2p320
- Comte-Sponville, A. (1999). *Pequeno tratado das grandes virtudes* (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Comte-Sponville, A. (2011). *O amor* (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Cortella, M. S., & La Taille, Y. (2005). *Nos labirintos da moral*. Papiros: São Paulo.

- Costa, C. B., & Mosmann, C. P. (2015). Relacionamentos conjugais na atualidade: percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 16 - 31. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200003
- Costa, J. F. (2004). *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Costa, V., & Fernandes, S. C. S. (2012). O que os adolescentes pensam sobre o amor e o sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 391 - 401. doi: 10.1590/S0102-71822012000200017
- Coutinho, S. M. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: “Que seja terno enquanto dure”. *Psicologia Clínica*, 22(2), 83 - 106. doi: 10.1590/S0103-56652010000200007
- D’Aurea-Tardeli, D. (2008). A Manifestação da Solidariedade em Adolescentes: Um Estudo Sobre a Personalidade Moral. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(2), 288 - 303. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000200006
- Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: Descobrimo o pensamento das crianças* (F. Murad, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Del Priore, M. (2012). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Del Priore, M. (2014). *Histórias e conversas de mulher: Amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história*. São Paulo: Planeta.
- Duarte, J. P., & Rocha-Coutinho, M. L. (2011). “Namorado”: Uma forma contemporânea de conjugalidade?. *Psicologia Clínica*, 23(2), 117 - 135. doi: 10.1590/S0103-56652011000200008

- Estrella, N., R. (2011). Significado del Amor en la Adolescencia Puertorriqueña. *Acta de Investigación Psicológica*, 1(3), 473 - 485. Recuperado de: http://www.academia.edu/6191758/Significado_del_Amor_en_la_Adolescencia_Puertorrique%C3%B1a
- Ferry, L. (2013). *Do amor: Uma filosofia para o século XXI* (R. Janowitz, Trad.). Rio de Janeiro: Difel.
- Fonseca, S. R. A., & Duarte, C. M. N. (2014). Do namoro ao casamento: significados, expectativas, conflito e amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 135 - 143. doi: 10.1590/S0102-37722014000200002
- Galvão, J. A., Alencar, H. M., & Rossetti, C. B. (2016). Moralidade e amor: estudo de caso com mulheres casadas. *Revista Ciências Humanas UNITAU*, 9(2), 142 - 155.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (M. Lopes, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Gilligan, C. (1982). *Uma voz diferente: Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos LTDA.
- Jablonski, B. (1991). *Até que vida nos separe: A crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir.
- Jablonski, B. (2010). A divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 262 - 275. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932010000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt
- Larrañaga, E., Yubero, S., & Yubero, M. (2012). Influencia del género y del sexo en las actitudes sexuales de estudiantes universitarios españoles. *Summa Psicológica UST*, 9(2), 5 - 13. Recuperado de:

https://www.researchgate.net/publication/286770882_Influencia_del_genero_y_delsexo_en_las_actitudes_sexuales_de_estudiantes_universitarios_espanoles

- La Taille, Y. (2000). Para um estudo psicológico das virtudes morais. *Educação e Pesquisa*, 26(2), 109 - 121. doi: 10.1590/S1517-97022000000200008
- La Taille, Y. (2001). Desenvolvimento moral: A polidez segundo as crianças. *Cadernos de Pesquisa*, (114), 89 - 119. doi: 10.1590/S0100-15742001000300004
- La Taille, Y. (2006). *Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- La Taille, Y. (2009). *Formação ética: Do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Lipovetsky, G. (2000). *A terceira mulher: Permanência de revolução do feminino* (M. L. Machado, Trad.). São Paulo: Companhia das letras.
- Lipovetsky, G. (2005). *A sociedade pós-moralista: O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos* (A. A. Braio, Trad.). Barueri, São Paulo: Manole.
- Llosa, M. V. (2013). *A civilização do espetáculo: Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura* (I. Benedetti, Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Madeira, E., La Taille, Y. (2004). *Moralidade e violência: A questão da legitimação de atos violentos*. (Relatório final: Fapesp).
- Marimón, M. M., & Vilarrasa, G. S. (2014). *Como construímos universos: Amor, cooperação e conflito* (S. M. Felix, Trad.). São Paulo: Editora Unesp.
- Matos, M., Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2005). Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares carioca. *Interação em Psicologia*, 9(1), 21 - 33. doi: [10.5380/psi.v9i1.3283](https://doi.org/10.5380/psi.v9i1.3283)
- Miranda, F. H. F. (2007). *Projetos de vida na adolescência: Um estudo no campo da ética e da moralidade* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

- Miranda, F. H. F. (2016). *Projetos de vida de idosos e suas sedes de relacionamentos significativos: Estudo sob as perspectivas moral e ética* (Tese de doutorado não publicada). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Oltramari, L. C. (2009). Amor e conjugalidade na contemporaneidade: Uma revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 669 - 677. doi: doi.org/10.1590/S1413-73722009000400007
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança* (E. Lenardon, Trad.). São Paulo: Summus. (Obra original publicada em 1932).
- Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (2012). Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Recuperado de: http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_12.htm
- Saraiva, L. F. O., Rezende, J. C. O., Reis, J. V. S., Inácio, M. D., & Schucman, L. V. (2015). A “nova classe média”: repercussões psicossociais em famílias brasileiras. *Psicologia USP*, 26(1), 52 - 61. doi: 10.1590/0103-6564D20140008.
- Scalon, C., & Salata, A. (2012). Uma nova classe média no Brasil da última década? O debate a partir da perspectiva sociológica. *Revista Sociedade e Estado*, 27(2), 387 - 407. doi: 10.1590/S0102-69922012000200009.
- Secco, M. L., & Lucas, M. G. (2015). A vida amorosa de mulheres financeiramente independente. *Pensado famílias*, 19(1), 61 - 76. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Silva, I. M., Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2010). Em busca da “cara-metade”: Motivações para a escolha do conjugue. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(3), 383 - 391. doi:10.1590/S0103-166X2010000300010

Smeha, L. N., & Oliveira, M. V. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2), 33 - 45.

Recuperado de: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/4298/4450>

Stengel, M., & Tozo, S. M. P. S. (2010). Projetos afetivo-sexuais por adolescentes e seus pais.

Pesquisas e Práticas Psicossociais 5(1), 72 - 82. Recuperado de:

<http://www.ufsj.edu.br/portal2->

[repositorio/File/revistalapip/volume5_n1/stengel_e_tozo.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5_n1/stengel_e_tozo.pdf)

Teykal, C. M., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. *PSICO*, 38(3), 262 - 268. Recuperado de:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/2888/2183>

Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56 - 76. Recuperado de:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200005

Apêndices

Apêndice A: Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS (CCHN)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGP)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Moralidade e amor: depoimentos sob a ótica de jovens adultas.

Pesquisadoras: Ariadne Dettmann Alves (doutoranda do PPGP), Dr^a. Heloisa Moulin de Alencar (professora do PPGP), Jussara Abilio Galvão e Tais Peres Fonseca (alunas da Graduação em Psicologia).

Telefones para contato: (27) 8802-4020 (pesquisadora Ariadne Alves); (27) 4009-2501 (PPGP).

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa da UFES - Goiabeiras: (27) 3145-9820; e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com

Informações sobre a participante:

Nome: _____

Idade: _____

RG: _____

Aceitei participar nesta pesquisa por minha própria vontade, sem receber nenhum incentivo financeiro, com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso do estudo. Fui informada de seus objetivos acadêmicos, que, em linhas gerais, dizem respeito à concepção que as pessoas adultas possuem sobre o amor.

Fui esclarecida de que o estudo segue padrões éticos sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos e que não apresenta riscos para os participantes, além de manter o completo sigilo das informações coletadas. Estou ciente de que participarei de uma entrevista, que será gravada em áudio, após a minha autorização, mediante a assinatura deste documento. Fui informada ainda de que os resultados da pesquisa serão divulgados em congressos e periódicos especializados, contribuindo, assim, para a ampliação do conhecimento a respeito do tema investigado. Estou ciente, por fim, da liberdade e do direito de poder desistir de participar da pesquisa, a qualquer momento, sem prejuízo ou risco de sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Eu, _____, ao me considerar devidamente informada e esclarecida sobre o conteúdo deste Termo de Consentimento e da pesquisa a ele vinculada, expreso livremente meu consentimento para a minha participação neste estudo.

Estando, portanto, de acordo, assinam o Termo de Consentimento em duas vias.

Concordam com a realização da pesquisa descrita neste documento, conforme os termos nele estipulados.

Participante

Responsável pela coleta de dados

Vitória, _____ de _____ 2013.

Apêndice B: Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO - UFES -
CAMPUS GOIABEIRA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Concepção de amor: investigações na área da ética e da moralidade

Pesquisador: Heloisa Moulin de Alencar

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 19226813.8.0000.5542

Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 419.793

Data da Relatoria: 11/10/2013

Apresentação do Projeto:

O projeto apresenta todas as informações necessárias para que esse relator possa emitir seu parecer. Consta de introdução, objetivos, métodos, cronograma, instrumentos e TCLE. Trata-se de pesquisa qualitativa, descritiva e sem intervenção sobre o corpo dos sujeitos da pesquisa.. O contexto de aplicação foi bem definido e os procedimentos estão claramente expostos. Ainda que possivelmente cause constrangimento entre alguns participantes, o tema discutido (concepções de amor) não requer cuidados especiais em sua condução, além das garantias já informadas pela pesquisadora.

Objetivo da Pesquisa:

Este projeto de pesquisa tem como objetivo geral investigar a concepção de amor em adolescentes e adultos, relacionando este conceito à discussão ética e moral. Sendo assim temos o objetivo de analisar os juízos de adolescentes no que diz respeito à concepção de amor, e sua relação com a moralidade, investigando, entre outros, os seguintes aspectos:

- 1 Conceito de amor;
- 2 Amor: igualdade versus equidade;
- 3 Amor: generosidade versus justiça para consigo;
- 4 Amor: generosidade e vínculos.

Por sua vez, também, temos como objetivo geral comparar o discursos de mulheres entrevistadas a

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.090-000

UF: ES

Município: VITORIA

Telefone: (27)3335-2711

E-mail: thiago.moraes@ufes.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO - UFES -
CAMPUS GOIABEIRA



Continuação do Parecer: 419.793

20 anos atrás com discursos de mulheres que serão entrevistadas, no que diz respeito às suas vivências amorosas no relacionamento com seus parceiros. Destacamos, entre outros, alguns temas que serão investigados:

- 1 Concepção de amor;
- 2 As histórias de amor;
- 3 A dinâmica na relação amorosa;
- 4 Perspectivas atuais e futuras das relações amorosas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apesar de pesquisa ser realizada sobre um tema que possa causar constrangimento entre alguns dos participantes, a pesquisa não apresenta qualquer tipo de risco que requeiram outros cuidados além dos já garantidos pela pesquisadora. Trata-se de uma atividade cujos benefícios, inclusive, são de grande monta para a compreensão das relações amorosas entre as pessoas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa relevante para o conhecimento do desenvolvimento das pessoas e não apresenta nenhum conflito ético.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de consentimento livre esclarecidos e de assentimento estão adequadamente escritos e com todas as informações necessárias informadas. Solicita-se apenas alteração do telefone do CEP, que é, agora, 4009-7840

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Dada a qualidade do projeto, não há conflitos éticos.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado por esse comitê, estando autorizado a ser iniciado.

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.090-000

UF: ES

Município: VITORIA

Telefone: (27)3335-2711

E-mail: thiago.moraes@ufes.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO - UFES -
CAMPUS GOIABEIRA



Continuação do Parecer: 419.793

VITORIA, 09 de Outubro de 2013

Assinador por:
Thiago Drumond Moraes
(Coordenador)